

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO



ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LETRAS







ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

*Pardal Mallet*

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

 HÓSPEDE

 LAR

*Rio de Janeiro* 2008

## COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

*Antonio Carlos Secchin (Diretor)*

*José Murilo de Carvalho*

*José Mindlin*

## ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2008

Presidente: *Cícero Sandroni*

Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*

Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*

Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*

Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

## PUBLICAÇÕES DA ABL

Produção editorial

*Monique Mendes*

Estabelecimento de texto e Revisão

*Gilberto Araújo de Vasconcelos Júnior*

Projeto gráfico

*Victor Burton*

Edição eletrônica

*Estúdio Castellani*

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

---

M253 Mallet, Parda, 1864-1895.

Hóspede ; Lar / Parda Mallet ; [apresentação, Antonio Carlos Secchin ; nota, Gilberto Araújo de Vasconcelos Júnior]. – Rio de Janeiro : ABL, 2008.

252 p. : retr. ; 21 cm. – (Coleção Afrânio Peixoto ; n.º 78)

ISBN 978-85-7440-108-9

I. Literatura Brasileira. I. Secchin, Antonio Carlos, 1952-. II. Vasconcelos Júnior, Gilberto Araújo. III. Academia Brasileira de Letras. IV. Título. V. Título: Lar. VI. Série.

CDD B869

## ❧ Apresentação

No panorama da literatura naturalista brasileira, sobrepaira, soberano, o nome de Aluísio Azevedo. Em segundo plano, destacam-se Adolfo Caminha e Inglês de Sousa. A seguir, o deserto: apesar de numeroso, o plantel de autores naturalistas (tão bem estudado por Lúcia Miguel-Pereira em *História da Literatura Brasileira - Prosa de Ficção - de 1870 a 1920*), permanece praticamente ignorado pelos leitores contemporâneos. O grande sucesso obtido à época em que surgiram parece simetricamente oposto ao silêncio que hoje os acoberta. Horácio de Carvalho, Valentim Magalhães, Pardal Mallet, onde está a obra de todos eles? Parodiando famoso poema de Manuel Bandeira, poder-se-ia responder que está “Dormindo/ Profundamente”. E, no caso, nem vale fazer a tradicional ressalva de que tais livros se encontram esquecidos nos sebos: nem ali existem, tornado-se verdadeiras preciosidades bibliográficas, intensificadas pelo fato de, em sua maioria, não terem chegado à segunda edição.

Pardal Mallet (1864-1894), patrono da Cadeira 30 da Academia Brasileira de Letras, foi homem combativo, empenhado em reformas

sociais e políticas. Republicano, abolicionista, opôs-se tenazmente à presidência de Floriano Peixoto. Notabilizou-se pelo duelo, com floretes, que travou com Olavo Bilac: entre não-mortos e pouco feridos, salvaram-se todos. No ano de seu falecimento, publicou uma plaquete corajosa e polêmica: *Pelo Divórcio*. Àquela altura, de todo imerso no jornalismo, já abandonara o veio ficcional que cultivara no início da carreira, e que rendera, entre outras, as narrativas de *Hóspede* (1887) e *Lar* (1888). A morte prematura, antes dos 30 anos, impediu-lhe vôos mais altos; a Academia, porém, cuidou de resgatar a memória desse patrono, reeditando, com apuro textual, seus dois principais títulos, cento e vinte anos após a publicação do romance *Lar*.

ANTONIO CARLOS SECCHIN

## Nota

**E**mbara o objetivo desta nota seja essencialmente filológico, julgamos que uma aproximação entre filologia e literatura possa ser, além de oportuna, esclarecedora. Os dois romances de Pardal Mallet que ora se reeditam – *Hóspede* e *Lar* – funcionam como demonstrações particulares do destino de algumas obras do Naturalismo brasileiro: a baixa confiabilidade das reedições ou o ostracismo da edição primeira.

*Hóspede*, por exemplo, publicado em 1887, a despeito de ter lograda nova edição em 1973, teve sua fidedignidade textual afetada, provavelmente em função da pouca acurácia no estabelecimento do texto. Comparando as duas edições, verificamos, no exemplar da década de 1970, parágrafos trocados ou incompletos, frases suprimidas, períodos invertidos, dentre outras agressões ao texto original. Caso distinto é o de *Lar*, livro que não ultrapassou a sua hoje raríssima primeira edição, datada de 1888, o que contribuiu, de maneira significativa, para o esquecimento do romance.

Dessa forma, a iniciativa da Academia Brasileira de Letras de repor em circulação essas obras é louvável não somente porque permite ao estudioso da área reavaliar com mais segurança balizas estabelecidas pelo cânone, como também porque franqueia ao público interessado em literatura o contato com textos praticamente desconhecidos.

Para garantir a qualidade dessas publicações, adotamos como critério básico a máxima fidelidade à vontade autoral, meta somente viabilizada por meio de cuidadosa leitura da primeira edição das obras. Além das atualizações de ortografia e acentuação, foram estas as alterações que operamos: inclusão de vírgulas nos polissíndetos, conforme as regras de pontuação vigentes; marcação com vírgulas do deslocamento dos adjuntos adverbiais de longa extensão (isto é, com mais de quatro palavras); emprego de maiúsculas na grafia de localidades (ruas, cidades e bairros) e instituições; colocação de vírgula após os conectivos “demais” e “enfim”, somente quando eles estivessem em início de período e a ausência do sinal de pontuação conferisse ambigüidade à frase; correção de erros de concordância nominal ou verbal, de acordo as prescrições da norma gramatical em vigor, à exceção dos desvios referentes à recomendada flexão do verbo nas construções passivas com a partícula “se”, pois acreditamos que essa estrutura constitua um importante documento, já no século XIX, de uma tendência do português do Brasil.

No mais, mantivemos as letras maiúsculas e minúsculas após os sinais de pontuação, quando elas assim apareciam nos textos da primeira edição, bem como optamos pela preservação da colocação pronominal original, mesmo nos casos em que a disposição dos clíticos contrariasse as regras aceitas atualmente.

## *Sumário*

HÓSPEDE .....	I
LAR.....	I23



 HÓSPEDE



## Capítulo I

Como no relógio da parede soassem 4 horas, Nenê, num movimento de desânimo, deixou escorregar-lhe pelo corpo abaixo o jornal que estava a ler distraidamente. Algum pensamento triste acabrunhava-a. Tanto que por sob as madeixas sedosas da franja adivinham-se umas rugazinhas pequeninas a franzir-lhe a testa, aproximando-lhe os sobrolhos levemente arqueados. Veio-lhe um gesto grande de inquietação e com o pezinho delicado batia febrilmente no assoalho. Depois o braço torneado e alvadio, nas curvaturas graciosas fortemente desenhado pela manga estreita do casaco, apoiou-se ao encosto da cadeira de balanço para suster mais comodamente a cabeça gentil dos traços finos numa pureza ideal de Juno. E dali seus olhos verde-azulados – imensos lagos de ternura a desafiar os pescadores do amor, volveram-se languidamente, absorotos na contemplação daquele quadro holandês todo feito com a mansuetude da vida caseira.

A luz viva de um sol, que ao termo da viagem galopava ligeiro com pressas de pernoitar na grande hospedaria do ocaso, entrava francamente pelas janelas abertas clareando aquele salão de gosto antigo, de uma grande prodigalidade de madeiras severas e embaciadas, sem o falso brilho dos vernizes. No fundo escuro paredes forradas em imitação de grandes panos de carvalho embutidos em largos caixilhos de mogno; e a harmonizar-se com elas uma pesada mobília Luís XIV de altos espaldares cheios de obras de entalhe. Apenas como nota vibrante e alegre – o refrangir dos cristais e dos serviços de eletro-prata a rebrilhar no grande armário envidraçado; e no centro da casa a mesa elástica já convenientemente preparada para o jantar com a toalha alvejante e o branco luzídio dos pratos dentre os quais se erguia, a tocar quase no lustre bronzeado, a fruteira de bacará – pirâmide alaranjada que se terminava floridamente num grande ramo de crótons.

No meio deste espetáculo, como a imagem da vida, sonolenta nas paixões, petrificada em sua impassibilidade, o vulto nobre e altivo de D. Augusta. Sentada junto à janela oposta, em uma cadeira baixa a contrastar com a uniformidade da mobília, tendo junto a si uma pequena mesa de costura sobre a qual repousava uma cestinha de vime, entretinha-se em alinhavar umas camisinhas de criança que ia jogando no chão à medida que as aprontava. Suas mãos longas e delicadas de aristocrata moviam-se em grande volubilidade. E por sobre tudo isto a sua cabeça de velha que atravessou uma existência calma, nua de desgostos, conservando a sua pele acetinada, tendo apenas branqueado os cabelos ao suceder dos anos – uns cabelos formosos e bastos que penteava em grandes bandós por cima das orelhas às quais se suspendiam uns compridos brincos de charão.

E Nenê esquecia-se do tempo. Achava aquilo tão bonito. Vinha-lhe uma sensação boa de felicidades a beijar-lhe o colo quase nu sob o rendilhado do casaco. Encolheu-se toda na cadeira num gesto elegante de gata friorenta e deixou que o seu olhar boiasse a fluxo do lago de mansidões. Para que incomodar-se? Ela sentia-se tão bem naquele descanso do organismo inteiro. Demais, não estava com fome. Não valia a pena inquietar-se por tão pouco. O jantar podia muito bem ser demorado um bocadinho. E deixou que a embalasse o oscilar da cadeira, seu pezinho delicado surgindo de entre as saias a desenhá-lhe os contornos sensuais da perna.

Voltara-se para as bandas de fora. Gostava do verde escuro das folhagens espessas, e achava graça na voz do vento a sibilar pelas ramadas. Além, no branco arenoso da alameda brincava o filhinho louro muito entretido em encher de terra os vagões de um pequeno trem. Estava tão bonito com a sua roupa azul de marinheiro e o rosto inteligente e rosado a enquadrar-se na moldura dourada de suas longas madeixas! E Nenê sorria-lhe mostrando-lhe os dentes alvos, toda embebida nesse espetáculo, com vontades de ir brincar também, de beijá-lo muito e muito, nuns grandes pruridos de maternidade.

Entretanto o relógio batera 4 ½ . D. Augusta levantara-se e reunia as costuras. A coisa não podia ficar assim! Era preciso dar-lhe uma decisão, e já que o Pedro não vinha, jantarem sem ele! Nenê protestava. Ainda poderiam esperar mais um bocadinho. Pelo menos até 5 horas. E novamente umas rugazinhas pequeninas franziram-lhe a fronte. Qual o motivo dessa desacostumada tardança? Ter-lhe-ia acontecido algum contratempo? Repassava na memória todas as possíveis eventualidades. Semelhantes perspectivas repugnavam-lhe. Em tais condições ela sempre receberia muito cedo a triste notícia. Mas volta-

vam-lhe visões fantásticas de desastres por mais que ideasse para afugentá-las uns pensamentos alegres. Veio-lhe então um grande desânimo, um abandono de si mesma. Que necessidade havia de preocupar-se com estes assuntos! E forcejava em voltar ao quietismo de idéias em que se lhe absorvia a existência inteira.

## Capítulo II

Ouvira-se, porém, o parar de um carro e os gritos alegres do menino que corra para o portão. Nenê debruçara-se na janela, intimamente sobressaltada, presa ainda daqueles pesadelos medonhos de suas cismas de havia pouco, querendo saber do que se tratava, receosa ao mesmo tempo de conhecer a realidade que podia muito bem não lhe deixar a zona vaga da esperança onde arquitetar um castelo de felicidades. O ver o marido que caminhava alegre trazendo o filhinho ao colo foi-lhe de um grande alívio. Respirou mais livremente, como se lhe tivessem tirado de sobre o peito algum peso que a oprimia. Correu ao seu encontro, desejosa de abraçá-lo logo e logo, de lhe fazer mil perguntas, de conhecer a causa de semelhante demora, cheia de contentamentos, feliz até com as suas primeiras apreensões que lhe faziam saborear com muito mais prazeres aquele beijo afetuoso que ia receber. E foi com a fisionomia assim animada, numa grande gentileza de movimentos, que ela se lhe ofereceu ao costumado ósculo vespertino.

No afã de abraçar o Pedro não reparara que ele vinha acompanhado por um outro homem; e ao vê-la — essa fisionomia estranha que divisava pela primeira vez — ficou muito perplexa, levemente ruborizada, não sabendo o que devia fazer nem como acolhê-la. Ao rápido relançar de olhos com que o examinara pareceu-lhe achar-se em presença de um amigo e julgou prudente dar-lhe um desses sorrisos benévolos de mulher bonita. Demais, achou-o muito simpático com a sua epiderme fina, olhar azul e cabelos castanho-claros. E como o marido lhe pegasse no rosto e a beijasse longamente nas duas covinhas da face fez-se de muito escandalizada. Mas o Pedro gostou desse movimento arisco de pombinha branca que limpa as penas e voltou-se para o companheiro com uma risada franca e jovial. A mulher tinha dessas coisas! Também a culpa era dele que não começava pelo princípio e estava de braços cruzados em vez de apresentá-lo!

E para obviar o esquecimento foi logo dizendo à moça que aquele era o Marcondes — o tal companheiro de colégio de que lhe falava tantas vezes. Então os dois cumprimentaram-se quase como velhas relações, conhecendo-se um ao outro por intermédio do Pedro, contentes de se verem, achando-se mais ou menos semelhantes às pinturas que deles havia feito o amigo comum. Agora Nenê examinava-o mais detidamente e agradou-se muito do seu aspecto correto com as roupas elegantes e os bonitos bigodes cuidadosamente retorcidos; e o rapaz por seu turno deixava-se prender pela atmosfera atraente de canduras que parecia circundá-la em suas formas graciosas de mulher bem feita.

Não havia, porém, tempo a perder! Era preciso quanto antes aprontar o quarto lá de cima do sótão porque as malas já estavam em caminho e chegariam de um momento para outro! E o Pedro entrou em explicações. Estava na Rua do Ouvidor quando encontrara-se com o amigo que naquele instante mesmo desembarcara de Pernambuco

onde acabava de se formar, e andava à procura de um hotel. Ele entendeu de seu dever não consentir em semelhante projeto, e trazê-lo para casa na qual se acomodaria muito bem porque o sótão tinha uma entrada independente. Além disto era questão de dias, apenas enquanto o Marcondes arranjava uma promessa de promotoria!

Esta resolução do marido surpreendeu-a algum tanto se bem que já estivesse habituada a semelhantes inconsiderações de franqueza. Dentre todas as coisas preocupava-a essencialmente a forma pela qual a mãe receberia a notícia. Sabia-a muito cheia de etiquetas e de severidades no tocante a certos assuntos e de mais a mais de algum tempo para cá andava a evitar um choque entre a velha senhora e o marido. No final das contas e apesar dessa aparência de afabilidades em que viviam sentia haver de parte a parte um quer que fosse de hostil. Mas o mal já estava feito, não havia mais possibilidade de dissuadir o marido da idéia e a única obrigação pareceu-lhe ajudá-lo na empresa.

Foi em tais disposições de espírito que ela dirigiu-se para o interior da casa a fim de ordenar as arrumações necessárias. Manobrou, porém, de forma a achar-se presente quando o Pedro apresentou o amigo a D. Augusta que, muito bem educada e gostando pouco de escândalos, contentou-se em corresponder-lhe com uma grande frieza. Mas tanto ele como o Marcondes, atarefados com as malas que acabavam de chegar, não se aperceberam disto. Ambos tratavam de acondicionar tudo aquilo da forma mais rápida possível, desejosos de se porem à fresca e com grande apetite porque tinham apenas tomado uma xícara de café ali no Beco das Cacelas. E era então um desencontrado de opiniões, uma grande lufa-lufa que demorava ainda mais o serviço. Só depois de meia hora de contínuos e intermináveis vaivéns ficou tudo provisoriamente arrumado e eles puderam tirar as roupas que traziam e vestir os paletós de palha de seda com que compareceram à sala de jantar.

## Capítulo III

O jantar corria mansa e sossegadamente. D. Augusta, à cabeceira, continuava com os seus modos glaciais, sem dirigir palavra ao genro e ao amigo, descarregando-se de toda a bília no Valentim, que não sabia servir a mesa, e na cozinheira, que deixara a fumaça entrar nas panelas. E nem queria ouvir explicações a respeito. Azedava-se quando lhe diziam que tudo isto devia ser atribuído à demora inesperada. No final das contas essas desculpas avivavam-lhe mais no pensamento aquilo que ela forcejava exatamente em esquecer. Também que idéia extravagante tivera o genro de trazer para casa um companheiro de colégio que ele não vira mais depois da sua formatura no Pedro II, e que não conhecia absolutamente a família da mulher! Se o Pedro a tivesse ao menos previamente consultado! Mas qual! Ele era incapaz dessas pequenas deferências! Supunha-se dono da casa e queria fazer tudo conforme lhe vinha à cabeça! Por isso também andava a meter os pés pelas mãos e a cometer quanta imprudência havia! Ele, porém, que tomasse tento porque ela não estava disposta a prestar-se a semelhantes desregramentos!

Nenê observava-a. Assistia àquele monólogo tumultuário de idéias que a mãe estava ali a ruminar no seu silêncio esfingético. E retraía-se absorta em uns tristes pensamentos, previa umas grandes atrapalhadas a perturbar-lhe o calmo da existência e vinham-lhe umas sensações más de infelicidades. Ela sentia-se tão boa, tão fácil de contentar no seu egoísmo de sossego! Para que procuravam atormentá-la, lançá-la de repente, assim sem mais nem menos, numa questão entre a mãe e o marido? Decididamente estava muito só no mundo, sem uma grande afeição protetora a acolchoar-lhe as asperezas da vida. Revoltava-se. Se ao menos eles pudessem brigar sem envolvê-la na questão! Não contava porém com semelhante coisa, e a imagem dessa desavença evocava-se por si mesma como encarnação pavorosa do futuro próximo, tornando-a apreensiva, cheia de inquietações. Admirava sobretudo a atitude tranqüila do marido que ainda não percebera a catástrofe iminente e continuava muito alegre a encher os intervalos dos pratos, dando ele sozinho vazão às necessidades da conversa.

Ao Marcondes não passava, porém, despercebido este ar de constrangimento com que o tratavam. Sentia-se demais. Arrependia-se de ter aceitado o oferecimento do Pedro. Mas ele tinha insistido tanto, mostrado tão veemente desejo de trazê-lo para ali! E recapitulava a cena inteira. Aqueles grandes e cordiais abraços do primeiro encontro, a conversa apressada e genérica que haviam tido no café, a proposta repentina do amigo exatamente quando ele pedia-lhe informações sobre os hotéis da Corte. No final das contas não devia ter acedido a semelhante coisa; sua obrigação em tal caso era examinar bem as circunstâncias que o rodeavam e não entrar assim às tontas por uma família adentro. Se tivesse refletido, este seria o seu procedimento. Mas eles se haviam resolvido tão às pressas! E intimamente parecia-lhe que o outro era o culpado de tudo isto. Desde o colégio, naqueles bons tempos

em que os dois saíam juntinhos das aulas para darem os seus passeios, que ele notara no Pedro um certo estouvamento, umas grandes imprudências e irreflexões, que então lhe pareciam muito engraçadas e de que os dois já se tinham habituado em carregar com as conseqüências.

Agora era novamente preciso que ele se metesse pelo negócio e acalmasse os ânimos enquanto não arranjava um pretexto para se retirar. Tinha muita confiança em si. Lembrava-se das dificuldades quase idênticas em que se achara por vezes e que conseguira sempre resolver com a sua brandura e pacatez – inimigo como era desses choques brutais de temperamentos e de individualidades. Para dar princípio às suas resoluções, para entrar imediatamente nesta campanha à conquista de paz, pareceu-lhe bem conveniente começar pela criança, por aquele menino louro que estava ali a seu lado, na cadeirinha alta, muito sério, sem dizer uma palavra, com modos de gente. Perguntou-lhe o nome. Chamavam-no Pedroca para não confundi-lo com o pai. E desde então rodeou-o de cuidados e atenções, procurando contentá-lo em todos os desejos, prestando-se às suas pequenas exigências e ouvindo com um sorriso benévolo a narração dos seus brinquedos. Demais, encontrava nisto um grande prazer. Achava-o muito engraçadinho a gaguejar umas palavras quase ininteligíveis. Oh! Ele gostava tanto de crianças!

E o Pedro continuava muito alegre e satisfeito, banhando-se naquela atmosfera de limpidez fictícia, completamente alheio a tudo quanto se passava, estranho a esse drama da vida caseira que estava se preparando como uma nuvem borrascosa a subir pelo firmamento acima, todo entregue aos vislumbres de felicidade que pareciam rodeá-lo. Achava tão boa essa vida de mansidões que ia a viver pela existência afora, entre a esposa e o filhinho! Vinham acariciar-lhe as faces umas sensações agradáveis de felicidades. Fora até por um requinte de

bazófia, um desejo de mostrar ao amigo essas doçuras em que se reclinava como numa rede macia e perfumada, embalando-se molemente às tépidas virações do amor, que ele insistira tanto para que viesse, para que aceitasse aquela hospedagem oferecida com toda a lhaneza de um velho amigo de colégio. E agora queria fazer ostentação de todas as amenidades que o cercavam, dar-lhe a palpar esse mundo inteiramente novo para o Marcondes, que andara sempre nessa boemia das repúblicas – mundo onde pretendia pilotear-lo com a maestria de um consumado conhecedor.

## Capítulo IV

O jantar prolongara-se muito, tanto que quando o terminaram já começava a anoitecer. Apesar disto, porém, o Pedro não quis que se alterasse o hábito contraído de tomarem o café lá fora na calçada. Demais, contava aproveitar-se da ocasião para mostrar ao amigo o jardim que rodeava a casa e que lhe parecia muito bonito. E como D. Augusta não quisesse acompanhá-los porque o sereno lhe fazia dor de cabeça, Nenê teve ao princípio desejos de ficar junto dela, com tenções de preparar-lhe o espírito e evitar qualquer incidente desastroso. Mas a moça gostava tanto daquele pequeno passeio por sob as árvores, achava tão boa a estada ali na calçada a ver quem passava, que mudou de idéia e resolveu juntar-se ao grupo. O Pedroca, que começara a simpatizar muito com o Marcondes, abria a marcha, com uns grandes transbordamentos de alegria, querendo mostrar tudo ao seu novo amigo, falando-lhe principalmente do repuxo que espirrava água para cima, e achando muita graça no barulho que os calçados faziam na areia dos caminhos.

Chegados ao portão sentaram-se todos em umas cadeiras de ferro, que haviam trazido do jardim, e houve uma pequena pausa, um momento de silêncio durante o qual puseram-se a contemplar o espetáculo que se lhes oferecia. Lá longe, no princípio da Rua do Matoso começavam a acender os lampiões. As luzes surgiam bruscamente do meio das trevas, enfileirando-se como soldados, naquele grande paradoxo do ângulo nulo formado pelas paralelas que se encontram no infinito. O calçamento claro e asseado ia tomando um aspecto elegante de *boulevard*. Era um grande rio marginado de arvoredos por onde se escorria brandamente a linfa humana. Com os seus vestidos brancos e as risadas argentinas, por entre frases murmuradas aos ouvidos, subiam e desciam lentamente grupos de moças que, numa grande familiaridade, convertida a rua em salão comum, trocavam cumprimentos de uma para outra calçada e entravam em grandes permutas de beijos quando se encontravam frente a frente.

Por detrás deles a atmosfera balsâmica dos jardins. Uma viração suave a farfalhar molemente no verde-escuro das folhagens, impregnando-se de odores bons ao passar pelas murtas e manacás floridos. Ouvia-se o ruído refrescante do repuxo. E dentre aquela mole de árvores e arbustos erguia-se com as suas arestas vivas e os cantos angulosos o vulto, esbranquiçado como um fantasma, da casa onde residiam. Em paralelepípedos de luz a projetarem-se através do jardim, iam-se uma a uma, clareando as janelas que, abertas todas inteiras em suas vidraças de batentes, despejavam de lá de dentro um bafo animado e quente de vida. Uma grande harmonia comunicativa se estabelecia entre eles quatro. Os estômagos cheios, sem as preocupações da vida do dia a dia, absortos em seus pensares, a refletirem sobre os sucessos do momento, calavam-se todos. Apenas o Pedroca dava-se ao trabalho improficuo de uns movimentos forcejando por subir ao colo do Mar-

condes, e como este o suspendesse e o pusesse a cavalo sobre a coxa, o menino interrompeu o silêncio com uma gargalhada de criança que bota o corpo para trás e deixa sair a alegria aos borbotões.

Entretanto o Valentim aparecera com a bandeja do café e o lico-reiro, que foram colocados sobre uma mesinha redonda de ferro. Os dois acenderam os charutos enquanto Nenê servia o açúcar e passava-lhes as canequinhas. E quando concluíram os últimos goles, veio-lhes espontaneamente um suspiro de satisfação. A vida assim era tão boa! Mas a moça não concordava. Para os homens, talvez; mas para as mulheres, não! Eles examinavam aquilo superficialmente, não entravam em minudências, não sabiam quanto trabalho dava essa aparência de quietismo que as rodeava. E como protestassem, entrou em explicações. Só as criadas bastavam para fazer a gente criar cabelos brancos! Eram de uma má vontade e estupidez incalculáveis. Ocasões havia em que tornava-se preciso repetir uma ordem três e quatro vezes, e mesmo assim nunca saía coisa que prestasse! Se pudesse ver-se livre de toda esta cambada de vadios! Mas qual! Infelizmente ninguém podia dispensá-los! E além destas, muitas outras contrariedades! Só mesmo vendo era possível formar opinião a respeito!

Os dois riam-se. Era ela quem não sabia ajuizar claramente dos fatos e considerava-os falsamente em suas exterioridades! Com efeito devia-lhe parecer muito boa e agradável aquela aparência de liberdade de que gozavam! Mas em troca disto quantas obrigações! Se ela pudesse formar uma idéia a respeito veria que a vida, para os homens, era muito mais atrapalhada e cheia de contrariedades, ao passo que as mulheres tinham apenas para atormentarem-se aquelas ninharias domésticas de que elas gostavam, no final das contas! Nenê, porém, teimava em suas proposições e amontoava argumen-

tos sobre argumentos para demonstrar que na partilha do mundo o seu sexo tinha ficado com todos os dissabores, enquanto ao outro havia cabido o lado brilhante e fácil. E que não a atrapalhassem nem lhe quisessem fazer acreditar no contrário! Não admitia réplicas! Era força concordar com as realidades! Os homens que deixassem de se adornar com penas de pavões e dessem o seu ao seu dono! Não pedia nada demais!

## Capítulo V

**E**ntretanto o sereno fazia-se forte e o Pedroca podia se constipar. Era prudente não ficarem mais ali e irem todos para dentro. Demais, D. Augusta estava sozinha e era preciso não abandoná-la assim sem mais nem menos. A velha senhora era muito boa, mas cheia de nicas, de forma que às vezes zangava-se por uma qualquer coisa onde enxergasse falta de consideração. E levantaram-se todos, cada qual tratando de repor as cadeiras de ferro no lugar em que as haviam achado, sem interromper, porém, a discussão em que estavam empenhados. Nenê continuava ainda a defender a sua tese. Não queria admitir que lha contestassem. E a volta para casa fez-se em grandes alegrias e rumores de vozes a dialogarem. Apenas o Pedroca, que não entendia nada daquilo em que se ocupavam, conservava-se calado, muito unido ao corpo do Marcondes, que o trouxera ao colo, com medo da escuridão das árvores, não achando mais graça no barulho dos calçados a remexerem a areia dos caminhos que destacavam-se como faixas brancas no fundo negro do quadro.

Foi a sala de visitas o ponto escolhido para a reunião. Além de ser ela muito clara e confortável, era aí que se achava o piano e Nenê poderia distraí-los executando diversos trechos clássicos de que gostava muito. E, como Marcondes aproveitasse o ensejo para fazer um paralelo entre a música alemã e a italiana, que lhe agradava muito mais, a moça engajou uma nova discussão, apreciadora como era de Beethoven e Mozart. Cada qual forcejava em produzir argumentos em seu favor, cantarolando trechos; os dois sozinhos, junto ao piano, porque D. Augusta conservava-se do lado oposto, sem dizer uma palavra, com o seu ar severo de vestal ofendida, e o Pedro não entendia nada de música e nas suas horas de pilhérias chegava mesmo a dizer que o piano fazia um barulho infernal a incomodar-lhe os ouvidos. Mas nesse momento ele estava com boas disposições, tanto que quis intrometer-se na conversa e concluiu no meio de gargalhadas que a música mais harmoniosa era a dos sinos de igreja quando dobravam por causa de algum defunto.

Nenê não gostava, porém, dessas çagoadas. Quem não entendia do negócio devia conservar-se calado! E o Pedro fez-se muito sério. Em toda a sua vida aquela história do piano fora sempre para ele motivo de contrariedades, porque a mulher acabava sempre por debochá-lo, meio amuada, não podendo compreender bem que houvesse gente com tanta aversão para música. Ao menos para não ficar calado quis dirigir a conversa para outro terreno e lembrou ao amigo as aulas do Matias. Como a moça desejasse explicações sobre as risadas com que foi acolhido este nome, entraram em detalhes. O Matias era o professor de música lá do Externato de Pedro II. Um bom homem, coitado, mas muito tolo e que se deixava ridicularizar pelos rapazes! E cada qual queria contar uma história a respeito. Falaram dos solfejos no meio dos quais se desentoava com uns grandes guinchos que revolucionavam em gargalhadas a aula inteira. Enfim, como não se fizesse exa-

me da cadeira, só aprendia quem tinha vontade! E o Pedro disse então à mulher que o Marcondes era exatamente um daqueles que, no tempo, mais vocação havia mostrado.

O rapaz desculpava-se, fazia-se de modesto. Era verdade que tinha algum gosto para a coisa e que chegara mesmo a aprender um bocadinho de flauta! Mas não passava de um curioso! Nenê queria porém ouvi-lo e, como ele dissesse que trouxera uma, pediram-lhe muito para que a fosse buscar. Exatamente ela tinha uma música com acompanhamento e que lhe parecia muito fácil. Rápida em seus desejos, revolveu logo a estante e mostrou-lhe a partitura, que os dois examinaram enquanto o Pedro insistia e dizia ao amigo que não se fizesse de tolo e se deixasse de cerimônias. E tais foram os rogos e os pedidos que lhe dirigiram que o Marcondes viu-se obrigado a fazer-lhes a vontade. Começaram então de parte a parte os ensaios, cada qual trabalhando por acertar o compasso, e no fim de alguns instantes tiraram completamente a música e deram princípio à execução. O Pedro aplaudiu-os vivamente com grandes e estrepitosas palmas, e a própria D. Augusta, saindo bruscamente de sua atitude reservada, dirigiu ao rapaz algumas palavras de animação.

Nenê, essa nadava em contentamentos. Havia tanto tempo que ela sonhava encontrar alguém que a acompanhasse ao piano, com quem pudesse conversar sobre música, que a compreendesse enfim! E instintivamente estabelecia um paralelo entre o marido e o Marcondes. Se ela fosse casada com alguém nessas condições como havia de ser feliz! Vinham-lhe então umas lamentações íntimas. O marido, com as suas continuas pilhérias e aquelas declarações brutais de que o piano era um tacho rachado, estava até a fazê-la esquecer-se do que já sabia! Mas agora ia tomar um fartão! E planejava umas longas noitadas assim como essa, ali entre a mãe, o marido e o filho, durante as quais havia de

executar com o outro as peças que aprendesse durante o dia. Muito encantada com o projeto, queria logo procurar uma outra música, presa de estado febril, atirando-se no mais forte do caudal, com uma grande voracidade de prazeres, numa prodigalidade de alegrias. E o Marcondes prestava-se boamente às suas vontades, também encantado com semelhante desenlace, intimamente satisfeito de poder dar largas a sua paixão musical.

## Capítulo VI

Já ia, porém, se fazendo tarde e o Valentim viera preveni-los de que o chá estava na mesa. Com grande pena de Nenê, que queria ainda tocar mais uma peça, dirigiram-se todos para a sala de jantar e o Marcondes, para se fazer amável, ofereceu o braço a D. Augusta. Havia entre todos uma alegria comunicativa, e a boa senhora, a pesar seu, sentia-se arrastada na correnteza de simpatias que se dirigiam ao hóspede tão bruscamente aparecido. Mas o aspecto severo da sala de jantar com o seu papel e adornos escuros, limitando a luz do lustre a um pequeno círculo no centro da casa, fez esfriarem-se quase aqueles primeiros ímpetos. Não se respirava mais aquela atmosfera saturada pelos acordes do piano e da flauta. A mudança de aposento transtornara a direção das correntes magnéticas, e o abandono dos lugares já aquecidos e aos quais se haviam habituado parecia ter também contribuído para semelhante sucesso. Demais, pelas janelas abertas entrava um ar frio, fazendo experimentar umas sensações más de isolamento, por sob as roupagens.

Foi, pois, quase cerimonialmente que eles tomaram assento à mesa nas mesmas posições que haviam ocupado ao jantar – D. Augusta à cabeceira, o Pedro e Nenê à direita, o Marcondes e o Pedroca à esquerda. Cada qual atento a si mesmo, começaram a tomar o chá que fora servido em xícaras delgadas como folhas de papel, cobertas com essas pinturas burlescas da chinesaria. O silêncio prolongava-se, todos à procura de uma frase para dar princípio à conversa, não a achando e parecendo-lhes que a cada momento aumentavam as dificuldades. Como, porém, estivessem a comer as infalíveis torradinhas com manteiga e forcejassem debalde para não fazer barulho ao mastigá-las, o Pedroca riu-se muito, mostrando por entre os lábios rubros e úmidos de chá os dentinhos brancos e ainda não completamente unidos. Todas as noites era sempre essa história, e o menino julgava não ter tomado o chá com prazer quando não dava essa risadinha e não dizia que a mãe parecia um ratinho. Sempre acolhiam com grande entusiasmo a caçoada da criança e era esse o ponto habitual de partida para a viagem dos felizes horoscópios.

Mais do que tudo isto, era em tal momento um ótimo meio de entabular novamente a conversação e o Marcondes aproveitou-o. Desde que o vira, quando ele fora ao portão para recebê-los, que achara no Pedroca um arzinho de inteligente e decidido! Sim senhor, a criança prometia! O Pedro aprovava muito com a cabeça estas frases. Era essa também a sua opinião. O filhinho desde pequenino revelara grande presença de espírito e um gênio empreendedor! Não podia estar parado um só instante e o seu grande prazer era ir lá para o fundo do quintal onde levava uma porção de tempo a remexer na terra fazendo buracos com a colher de pedreiro das plantações. Dentre tudo achara-lhe muita graça uma ocasião em que o encontrara a querer pregar na parede uma torneira quebrada que andava rolando pelo chão e da qual,

quando terminasse o trabalho a que se entregava com tanto afã, e ele esperava ver sair água! E o Pedroca sorria-se maliciosamente, muito contente em que se ocupassem com ele, admirado, porém, de acharem graça numa coisa que lhe pareciam tão naturais, já um pouco sonolento, a cabecinha loura encostada à beira da mesa, tendo ainda na mão um pedacinho de torrada.

E a conversa generalizava-se. Nenê voltara a tratar de música, elogiando muito o Marcondes pelo seu talento e facilidade em tirar qualquer pedaço. O rapaz fazia-se modesto. Não era tão habilidoso como parecia, até mesmo não sabia nada de música e tocava muito de ouvido! Também isto até em certo ponto desculpável na vida que levava lá em Pernambuco, onde nunca recebera uma lição, mesmo porque também não tivera tempo para isto, muito ocupado como andava sempre! Chegara mesmo a abandonar quase a flauta e fizera-se muito forte no violão, que era aí muito estimado nas pândegas de estudantes! Nenê mostrou então vontades de ouvi-lo ao violão. Devia ser muito bom, sobretudo quando o tocador tinha boa voz. E como insistisse muito o Marcondes prometeu fazer-lhe a vontade. No dia seguinte, quando fosse a cidade, havia de procurar um, porque ao partir do Recife dera o seu a um amigo. Apenas D. Augusta não simpatizou muito com a idéia, achando a filha estouvada em fazer tal pedido, atendendo a que o violão era instrumento de gente ordinária.

E como o Pedroca tivesse adormecido durante a conversa, um pouco zangado porque não se ocupavam mais dele, conservando ainda a atitude engraçadinha em que se pusera para ouvi-los, com a cabeça à beira da mesa reclinada sobre o bracinho esquerdo e um pedaço de torrada na mão, a velha senhora propôs que o fossem deitar. Então ela e a filha suspenderam a criança muito delicadamente a fim de não acordá-la e antes de se retirarem para o quarto deram boas noites, con-

tando não voltar mais à sala. Todas as noites era aquilo mesmo e o Pedro que gostava muito de chá e tomava cinco e seis xícaras antes de se deitar já se habituara a ficar sozinho, na debandada dos pratos, esvaziando o bule e acabando as torradas. Era então, nesse grande isolamento, sentindo atrás de si os últimos ecos murmurantes do dia que findava e atmosfera abafada da casa já fechada, que ele sentia-se inteiramente feliz, quase sem aspirações, num embotamento de fantasias, todo entregue à elaboração sossegada de suas digestões burguesas.

## Capítulo VII

Ficava ali mesmo na sala de jantar a escada que conduzia ao sótão onde tinham preparado o quarto do Marcondes; e como se fosse fazendo tarde e o bule já estivesse esvaziado o Pedro lembrou a oportunidade de irem deitar-se. Antes, porém, queria acompanhar o amigo até o seu aposento para ver se faltava alguma coisa e de que modo haviam executado as suas ordens. Demais, era este o seu primeiro encontro depois da formatura de ambos no Externato de Pedro II. Havia cinco anos que não se viam, comunicando-se apenas por meio de cartas, na continuação através da vida séria, daquela grande amizade do colégio — uma amizade cheia de veemências amorosas, toda feita com ternuras infantis que iam a caminhar pela existência afora. E eles agora tinham tanta coisa a se dizerem mutuamente — coisas que não se escrevem nas cartas, essas grandes ninharias de cada dia que fazem a vida inteira, que determinam-lhe todas as fases, a cujo instigamento a gente vai andando pelo mundo adentro e que entretanto formam um todo caótico, reconstruível apenas nessas

longas conversas de recordações, quando cada um vai trazendo seus parcos subsídios a aviventar a memória.

Nos primeiros transbordamentos, naqueles abraços efusivos feitos com os juro de uma amizade capitalizados durante anos, e depois, quando entre eles andava toda a nova família do Pedro – Nenê tão amorosa e o Pedroca tão vivo e inteligente com a sua cabeceira louira, quando sentiam a moderar-lhes os ímpetos o vulto cerimonioso e gelado de D. Augusta, eles se haviam retraído, guardando para mais tarde as mútuas confidências, para quando pudessem estar mais livremente, em ceroulas e camisa, sem a etiqueta enfadonha das gravatas e colarinhos para dificultar-lhes os movimentos. E trataram de aproveitar a ocasião, planejando uma noite comprida de conversas, precavendo-se por causa das dúvidas com urna garrafa de conhaque e o açucareiro. Principalmente para o Pedro, tudo isto tomava as proporções de uma enorme patuscada. Como havia de ser boa aquela noitada longa de palestras entremeadas com uns grogues fracos e açucarados, bebidos simplesmente para molhar a garganta! E todos os seus instintos represados de boêmio vinham-lhe a flux da pele, enquanto o Marcondes tomava uns modos distraídos de quem já está farto de semelhantes esbodegações.

Logo de princípio não quiseram, porém, entrar no assunto. Precisavam retemperar-se nas evocações daquele passado comum que haviam vivido juntamente – espécie de embasamento por sobre o qual devia assentar o edifício do que iam dizer. Falaram dos companheiros, dessa grande turma de cento e tantos rapazes que tinham entrado no primeiro ano, que a pouco e pouco fora depurando-se, deixando em cada exame um pedaço de si mesma, e que chegara ao sétimo apenas reduzida a oito companheiros. Três estavam na Academia de Medicina, um em Direito e dois na Politécnica. Os outros andavam aí pelo

mundo, uns já formados, outros empregados públicos, outros caixeiros, e tantos outros mais, já perdidos de vista, disseminados pelas províncias! E iam assim, relembando nomes. Cada um trazia umas grandes recordações — lembranças de outros tempos e de outras alegrias. Rememoravam fatos — os castigos que tinham sofrido, os grandes temores do fim do ano, quando o exame vinha se aproximando e oscilava-lhes pela imaginação o vulto fantástico e aterrador de uma bomba.

Agora, completamente despreocupados das intrigazinhas e pequenos sucessos de então, julgando serenamente os acontecimentos, eles surpreendiam-se de encontrar tanta coisa boa, aí nos tempos buliçosos e alegres das suas primeiras mocidades. Tinham saudade. Saudades dessa vida de meninos! Saudades de toda essa gente que os cercara então! Se eles pudessem revivê-las — essas quadras sorridentes das suas infâncias, ir novamente para o pátio arenoso do colégio jogar a barra com os companheiros, voltar do recreio esfogueados e exaustos para recordar rapidamente as lições, ouvir de quando em vez o grito dos inspetores chamando-os à ordem e procurando contê-los nos seus ímpetos de crianças, por certo que não teriam dúvida em voltar atrás, em recomeçar a existência! Era tão bom aquilo tudo! Havia ali tanta alegria, tanto prazer! E a imagem desse colégio, onde eles tinham vivido os seus primeiros anos, surgia-lhes de entre as recordações, correta e grandiosamente, como um castelo suntuoso de fadas numa orgia honesta de alegrias santas.

E eles demoravam-se prolongadamente na reconstrução desses tempos idos, tendo talvez vontades de parar aí — nessa primeira pátria dos seus espíritos. Para aquém, para as bandas do presente, havia muita lágrima, muita tristeza e muito dissabor. E fizeram um silêncio grande, cada qual reconcentrado em si mesmo, esgravatando ainda um farrapo de recordação. Quais esses peregrinos que se abalançam para

regiões ignotas e que lá do cabeço do monte derradeiro pairam um pouco o olhar para ver a imagem sagrada da casa paterna que se dissolve além – nas fímbrias nevoentas do céu, eles puseram-se a relembrar esse dia em que pela primeira vez vestiram a casaca das solenidades e, joelho em terra, cingiram à frente aquele barrete branco, imaculado e puro das suas crenças e das suas virgindades. Depois... vinha a vida! E os dois olhavam-se mutuamente, tendo a pelejar-lhes nos olhos umas lágrimas de saudade, com vontade de revivê-lo novamente – esse passado de infâncias que haviam vivido juntos.

## Capítulo VIII

**D**e todas essas evocações do passado que eles tinham vivido juntos na grande efusão dos primeiros anos nascia-lhes um imenso bem-estar, uns redobramentos de amizades que os reuniam em desejos enormes de comunismo. E os dois olhavam-se com exuberâncias de ternura, rearquitetando aquele edifício transposto da sua vida, com vontades de encontrá-lo novamente, saudosos desses tempos em que os prazeres lhes pareciam mais agradáveis, e não andavam cheios de preocupações, irrefletidos sobre o mundo, às soltas pelos campos sem fim da fantasia. Agora eles tinham inúmeras responsabilidades, eram homens feitos a principiar a vida séria; impunha-se-lhes a obrigação de construir umas pousadas – casulos tirados do próprio organismo, onde pudessem descansar mornamente, na grande elaboração biológica da família, às voltas com a atmosfera opressora do convencionalismo. E essa imagem alegre dos tempos que foram rejuvenescia-os, deixava que eles se embalsassem às virações boas do ideal, blindava-os contra todo o meio opressor que os circundava.

Veio-lhes então imperiosamente a necessidade de completarem aquele quadro, de dizerem-se um ao outro tudo quanto lhes havia sucedido, esse desfilar peripecioso dos dias no lento trabalho do gota a gota que faz os estalactites das cavernas. E eram tão diversos os rumos que haviam seguido! o Pedro logo depois de sua formatura no colégio, sem mais detenções nem estadios pelas academias, entrara para a vida prática, achando-se sem família, sozinho no mundo, único arrimo de sua velha e entrevada mãe que morrera algum tempo depois. O emprego público fora para ele a única franquia que se lhe oferecera a mitigar as vicissitudes da sorte. Nem outra direção lhe era possível dar às suas aspirações, pois as outras carreiras andavam cheias de sobressaltos e de imprevistos. Ao princípio encontrara grande dificuldade em sujeitar-se a esse modo de existência, e ainda conservava umas tristes recordações dos tempos em que andara pelas secretarias a fazer concursos e a arranjar cartas de empenho. Fora mesmo uma campanha gigantesca o conseguir a sua nomeação como praticante da Secretaria de Agricultura.

Habituar-se, porém, àquilo tudo e desde então começara a saborear pacatamente as beatitudes do sossego. Regrara a vida, numa grande atrapalhação para gastar o tempo que lhe sobrava. Bastava-lhe estar na repartição às 10 horas e sair às 2 horas para ter cumprido exemplarmente as suas obrigações. E todo o resto do dia, esse longo suceder de horas, parecia-lhe muito enfadonho, difícil de passar. Sem encontrar atrativos na vida boêmia da Rua do Ouvidor, incapaz até de uma leitura, tendo abandonado os livros todos, vira-se numa grande inação, necessitado de ocupar-se em alguma coisa para não morrer de tédio. Pusera-se então a frequentar os salões e as casas de família, muito bem recebido em toda parte porque granjeara a reputação de rapaz ordeiro, considerado como um bom partido, moço inteligente e cheio de futuro. Foram nesses tempos uns encadeares intermináveis de aventuras

galantes, três ou quatro namoradas ao mesmo momento, viajando pelos bondes da casa de uma para a da outra, colhendo um beijo aqui, outro ali, tudo aliás feito com uns requintes de honestidades, não ultrapassando as raias do decente – simples curioso a viajar pelos balcões onde a gente compra uma mulher.

Em uma dessas excursões agradara-se de Nenê, numa grande exuberância de paixões, fanatizado por aquela figura esbelta, tão gentilmente enquadrada na moldura singela da vida retirada que a moça vivia junto à mãe. E historiava todas as alternativas do seu namoro, as grandes esperanças que o arrebatavam às regiões sem fim da fantasia, os súbitos desânimos que o surpreendiam de momento a momento – enormes castelos abastilhados, erguendo-se de uma frase, de um incidente, à mão possante e tenebrosa do ciúme. Casara-se enfim e desde então sua vida tomara umas composturas burguesas, uns ares calmos e refletidos, sem desperdício de efusões, rotineira e uniforme como a evolução de um ponteiro por sobre o mostrador. Nascera-lhe o Pedroca, e convergira na criança toda a seiva apaixonada que porventura lhe circulava através do corpo. Ao mesmo tempo tinha melhorado a sua posição oficial. Agora, graças às relações que adquirira e às de D. Augusta, ia ao pouco e pouco ascendendo na hierarquia burocrática, construindo silenciosamente um ninho acolchoado e tépido onde sonhava descansar a sua velhice satisfeita.

E vinha-lhe um desejo de ostentações, vontades de mostrar ao amigo esse esquema alegre da vida que ia vivendo pelo mundo afora, num grande sonho de aspirações. Bem verdade que por sob aquela capa de mansidões andavam disfarçadas as contrariedades de cada momento, os pequenos nada da existência, toda a guerra surda e sem tréguas que ele pelejava constantemente com D. Augusta. Mas o que eram essas ninharias! coisas que a gente esquece nesse bosquejos risonhos! grãos de argila

que turvam por um instante as águas, mas que acabam sempre por se depositarem no fundo, deixando que lhes corra pelo dorso a limpidez cristalina do regato! Naquela ocasião ele mesmo os esquecia – esses pontos negros na fotosfera de suas felicidades. Não precisava de cálculos nem de reservas, nas descrições que ia fazendo ao amigo dos encantos que o rodeavam. Bastava-lhe deixar às soltas as suas impressões para que todo o seu otimismo de burguês contente e superficial banhasse de luzes o quadro imaginoso de sua vida, tal como ele a via através da sua convicção de homem satisfeito, sem aspirações, a sonhar um sonho alegre de festins floridos, sem ter ao menos como perspectiva admissível o receio de despertar no meio de alguma realidade tenebrosa.

## Capítulo IX

**O** Marcondes, esse passara em Pernambuco uns intermináveis cinco anos de vida acadêmica, longe da família, que residia em Santa Catarina de onde era natural, quase completamente entregue a si mesmo, tendo polido o seu espírito na convivência da rapaziada boêmia da qual gostava de imitar as teorias e as aspirações. Seu maior prazer era fazer-se de debochado, rodear-se com a reputação de homem pervertido e mau, culotado nas orgias, militante ativo nas fileiras da crápula. Dava-se uns aspectos dramáticos de D. Juan tenebroso que anda aí pelo mundo a conquistar mulheres; e para emprestar a tudo isto uns ares de verossimilhança citava fatos, contava histórias complicadas de adultérios em que vivera envolvido e nas quais reservava sempre para si os papéis simpáticos de galã nos romances da velha escola. Até mesmo a força de repetir as mesmas anedotas, os mesmos episódios, forjicados nas longas noites de insônia, chegara a convencer-se da sua veracidade, firmemente crente de que tudo aquilo se havia passado, apelando para o testemunho dos companheiros.

E ele não se esqueceu de reeditar todo esse peripecioso suceder de aventuras escabrosas. Aos olhos admirados do amigo, a quem iam-se um a um revelando bruscamente os mistérios insondáveis de uma vida para ele completamente desconhecida e inacreditável, fazia o Marcondes deslizar lentamente o caudal majestoso das epopéias à la Murger. Eram aqueles longos, intermináveis dias de fome em que até faltava dinheiro par cigarros, existência penosa, coberta de maldições, bruscamente transmutada em risonhas orgias, o vinho correndo em profusões, sorvido a longos tragos por entre os beijos das mulheres bonitas que faziam coro a orquestrar-se no estampido da champanhe que desarrolhavam. A sempre eterna história das sete vacas gordas e das sete vacas magras, alternativas isocrônicas de abundâncias e de misérias, de risos e de prantos, do meio às quais, em carnaduras fortes e risos epicurianos, surgia a imagem fantástica da vida descuidosa boiando sem rumo, num grande abandono de si mesma, aos vaivéns da sorte.

Mas veio-lhe logo em seguida uma volta à realidade das coisas. Todo o seu temperamento ordeiro e pacato acabava sempre confessando a si mesmo os dissabores e vexames dessa vida que ele pintava tão alegre e da qual chegara a viver um bocadinho. No final das contas isso não era tão bonito como parecia. Havia enormes contrariedades, ocasiões em que tivera vontade de romper com os companheiros, de liberar-se completamente dessas relações que só lhe traziam prejuízos. Essa mesma reputação, que a si fazia, incomodara-o extraordinariamente por diversas vezes. Enfim! Por mais que o quisesse, faltava-lhe vocação para Schounard e, se deixava-se fascinar pelo exterior formoso dessa existência aboemiada, não lhe faltavam momentos em que se arrependia de ter seguido uma tal diretriz. Em todo caso achava desculpas ao seu procedimento, procurava justificar-se aos seus próprios olhos e concluía atribuindo tudo isto à irreflexão própria da rapazia-

da. Agora, porém, que já estava formado e ia começar a vida séria e responsável, deixava-se atrair por outras aspirações, aparentando uns ares honestos de burguesia.

E os dois, dando de mão àquele lado fantasioso da vida, puseram-se a conversar num grande desdobramento de filosofias práticas. O Pedro já estava arranjado; bastava-lhe apenas dar tempo ao tempo, deixar que os anos fossem no seu lento trabalho de petrificação a consolidar-lhe as felicidades. O Marcondes, porém, só agora ia começar a existência, lançar os embasamentos do seu futuro viver. E ele dizia os seus sonhos. Queria ver se arranjava a promotoria de Santa Catarina e para isto contava com algumas relações de que dispunha a sua família. Fora até para conseguir isto que resolvera-se a ficar uns 5 ou 6 dias na Corte porque contava levar ao presidente umas cartas do Ministério. Depois bastava-lhe deixar correr o barco. E ia numa longa vista pelo futuro adentro acompanhando o seu lento progredir através da magistratura. Havia de acabar ministro do Supremo Tribunal! Apenas em seus cálculos, um  $x$  imprescindível e incógnito — o seu casamento, que se lhe apresentava como necessidade imperiosa para o complemento do seu próprio ser e a consolidação das suas alegrias.

Entretanto ia-se fazendo tarde. Já por duas vezes Nenê mandara chamar o marido que, absorto naquela mútua confissão, perdia a noção das horas e rompia brutalmente com todo o seu costumeiro viver. Mas felizmente tinham esgotado o montão de comunicações que desejavam permutar. Bem verdade que ainda havia uns pontos duvidosos, uns pequenos incidentes, umas grandes ninharias que eles tencionavam não deixar ocultas naquele entusiasmo do primeiro encontro. Isto serviria porém de tema às futuras conversas! Ainda tinham tantos dias para viverem juntos que não valia a pena esgotarem-se logo de uma vez, e parecia prudente guardar algumas reservas para as noitadas

vindouras. Demais, estavam com sono e o conhaque, que tomaram em repetidos grogues, quase insensivelmente, na grande febre de intimidades, pesava-lhes na cabeça e amortecia-lhes os olhos, principalmente os do Pedro que não estava habituado a estas coisas. E foi num grande transbordamento de amizades, por entre palavras arrastadiças, que eles se despediram um do outro, augurando prazeres ainda maiores nessa convivência em que iam viver.

## Capítulo X

Posto que as janelas tivessem ficado completamente abertas e de havia muito o sol clareasse o aposento, o Marcondes continuava a dormir, cansado por essa noitada de conversas, prolongada até as tantas, depois das grandes fadigas da viagem. Demais, ele gostava tanto do sono da manhã! Lá em Pernambuco habituara-se a levantar-se ali pelas onze horas, e às vezes mesmo prolongava a sua estada na cama até o meio-dia, apreciando muito esses momentos de moleza em que a gente fica inerte por entre a branda quentura dos lençóis e as fofices do colchão, deixando que o pensamento vá boiando à toa pelos mares sem fim da fantasia! E para que acordasse foi preciso que o Valentim batesse por diversas vezes na porta a fim de lhe entregar a xícara de café. Só então levantou-se. Mas como pusesse a canequinha no bidê e se assentasse na beira do leito para enrolar um cigarro, veio-lhe uma grande preguiça a percorrer-lhe os membros, uns desejos de descansar ainda um bocadinho, apenas uns cinco minutos; e deitou-se novamente encolhendo as pernas, envolvendo-se todo nas cobertas ainda quentes do sono.

Foi então que pôs-se a refletir sobre a sua estada ali naquela casa. No final das contas era uma coisa sem explicações nem justificativas! O Pedro parecia-lhe bom rapaz, muito seu amigo, mas apesar de tudo quanto lhe dissera na véspera, a sua vida íntima não deixava de andar muito atrapalhada por um mundo inteiro de contrariedades, e até mesmo tinha ares de quem não estava em sua casa! E o perfil cerimonioso de D. Augusta surgia-lhe ameaçador, cheio de terríveis perspectivas, como a prometer-lhe um suceder de dissabores. Apesar da afabilidade e simpatia que Nenê lhe mostrara por ocasião das discussões sobre música ele também não deixava de nutrir algumas apreensões por este lado, e recordava a reserva e quase frieza com que a moça o tratara na mesa do chá! Apenas o Pedroca, com a sua cabecinha loura e o seu olhar de criança inteligente, parecia sorrir-lhe meigamente nessa evocação da gente que o rodeava. Enfim, ele e o amigo tinham feito uma grande tolice, admissível aliás na efusão de sentimentos do primeiro encontro, mas que cumpria emendar.

E veio-lhe então a idéia de uma mudança rápida e imediata, enquanto as coisas não se tornavam mais feias, e ela podia ter ainda o aspecto de uma retirada airosa. Se o amigo residisse sozinho não teria dúvidas em aceitar-lhe a hospitalidade, porque os dois poderiam se entender facilmente e entre eles não havia cerimônias! Mas, assim como se achavam os negócios, era impossível! De mais a mais, apesar da grande confiança que aparentava no tocante à rápida obtenção da promotoria, poderiam sobrevir inúmeras dificuldades que o forçariam a prolongar por tempos indeterminados a sua estada no Rio de Janeiro. Enfim, ele havia de falar ao Pedro com toda a franqueza, e os dois juntos arranjariam a coisa da melhor forma possível. E nesses pensamentos, que lhe saíam da cabeça em grandes hélices a acompanhar a fumaça do cigarro, deixava-se

ele absorver, esquecido das horas, todo entregue à beatitude da imobilidade, o corpo amolecido, caindo ao azar da sorte naquele ninho fofo de lençóis e travesseiros onde sentia-se tão bem, no grande aniquilamento do seu próprio *eu*.

Urgia, porém, reagir contra esta preguiça. Já ia se fazendo tarde e lá embaixo deviam estar à sua espera, porque o Pedro lhe dissera que costumavam almoçar cedo. Mas estava tão bem! E custou-lhe muito o sentar-se na beira da cama, procurando os chinelos para levantar-se. O café ainda estava ali na xícara. Esquecera-se de bebê-lo e agora ele tinha esfriado, mas não fazia mal! E foi tomando-o aos goles, por entre baforadas de um novo cigarro que acabara de preparar. Só então pôde erguer-se, ainda meio atrapalhado com a arrumação do quarto e dando-se a grandes trabalhos para procurar nas malas, em que não havia mexido até aquele momento, a roupa que pretendia vestir. Demais, retinha-o a preguiça que se aproveitava de todas as ocasiões para deixá-lo parado, com vontades de se deitar novamente. Gastara muito tempo em mudar os botões da camisa, praguejando contra as engomadeiras, que não abriam as casas; e para acordar verdadeiramente foi preciso a brusca sensação da água fria com que pôs-se a banhar o rosto numa prodigalidade de sabonete.

E como o Valentim viesse bater-lhe novamente à porta chamando-o para almoçar começou a vestir-se apressadamente. No último ano da vida acadêmica, quando prestes a formar-se, contraíra o hábito de brunir-se todo nuns grandes requintes de *toilette*, e era incapaz de sair do quarto sem estar preparado com todas as regras da arte. Era da sua parte uma adoração constante à própria pessoa que o fazia ficar longas horas defronte do espelho, a contemplar-se, achando-se muito bonito. E naquele dia, por mais pressas que quisesse ter, absorvia-se no exame do seu rosto, profundamente inco-

modado porque só tinha feito a barba na Bahia, havia três dias, e os cabelos já principiavam a nascer. No final das contas tudo era possível neste mundo! E como lhe aparecessem as suas aspirações a D. Juan de envolta em toda a sua exterioridade canalha, lembrou-se do busto estatuírio e correto de Nenê. Era uma idéia como outra qualquer e que de mais a mais o lisonjeava muito! Bem verdade que o Pedro era seu amigo! Mas se havia de ser um outro... por que motivo não seria com ele?!

## Capítulo XI

Lá embaixo já estavam à sua espera para dar princípio ao almoço que esfriava sobre a mesa e ele incomodou-se muito com isto. Por que não tinham começado a refeição sem dar mais importância à sua demora? E ao mesmo tempo procurava desculpar-se. As viagens eram tão afadigasas e cheias de trabalho, de mais a mais enjoara tanto a bordo, que contra a sua vontade prolongara o sono além das horas do costume! Todos ouviam-lhe as desculpas, muito distraidamente, sem responder-lhe mais uma palavra além dos bons dias secos com o que haviam recebido; o Marcondes continuava sempre, numa grande prolixidade de palavras, atrapalhado por esta ducha gelada de cerimônias que lhe caía assim sem mais nem menos pelo corpo abaixo, a resfriar-lhe os seus primeiros ímpetos, fazendo-o bruscamente esquecer todas as suas esperanças e cálculos de ainda havia pouco, trazendo-lhe novamente à idéia a perspectiva de uma mudança obrigatória que vinha agora desordenar-lhe os planos sedutores, exatamente quando o perfil correto de Nenê lhe aparecia numas linhas sensuais por sobre o fundo negro do salão.

Atrapalhava-o de entre tudo o ar reservado com que D. Augusta e a filha ostentavam tratá-lo. Necessariamente elas deviam ter conversado a seu respeito e tudo quanto faziam era a execução de algum plano adotado que ele forcejava por adivinhar, desejoso principalmente de conhecer o juízo que haviam de ter formado sobre si. E procurava examiná-las cuidadosamente, continuando sempre a falar, num interminável jorro de palavras, a fim de disfarçar o acanhamento que ao pouco e pouco lhe ia invadindo o organismo inteiro. A velha senhora de pé, encostada ao espaldar da cadeira da cabeceira, cuidadosamente penteada nos seus eternos bandós de cabelos brancos que lhe passavam por sobre as orelhas, com a pele acetinada e fresca da lavagem, conservava o seu ar esfingético, apenas sublinhado por um riso sardônico que lhe contraía levemente os lábios delgados. Sentada à cadeira de balanço, Nenê trajava umas vestes caseiras mas não despidas de elegância, seus bastos cabelos divididos em duas largas e compridas tranças que lhe caíam pelo colo abaixo, o olhar verde-azulado mergulhando-se distraidamente no vago do infinito.

Demais, ele não podia compreender nem sabia explicar o modo acanhado e quase cerimonioso com que o Pedro lhe respondia monossilabicamente às perguntas. Na véspera o amigo mostrara-se tão cordial e afável, tão cheio de expansões, numa grande facilidade de frases afetuosas! E agora assumia uns ares discretos e comedidos, como que a refletir sobre o caso, talvez já arrependido dessas primeiras efusões, quiçá mesmo desejoso de vê-lo em mudanças, à procura de algum meio decente de lhe pedir a retirada! Decididamente tinham longamente falado a seu respeito e Dona Augusta com toda a sua diplomacia andara a minar-lhe os derredores, trabalhando para circunscrevê-lo em um isolamento atroz! Vinham-lhe então uns desejos de luta, vontades de lançar-se inteira e cegamente à conquista de afeições. Havia

muito que sonhava coisas destas, batalhas encarniçadas feitas de sorrisos e de calembures. Ao seu espírito romantizado agradariam muito mais umas encenações medievais, uns montantes pesados de ferro a arrastarem-se pelos lajedos do castelo indo tudo liquidar-se ali adiante nos fossos onde devia ficar o corpo de um dos combatentes. Mas era preciso conformar-se com o espírito da época e aceitar o combate no terreno em que lho ofereciam.

Entretanto tinha começado o almoço e cada qual acomodava-se no lugar que ocupara na véspera, sem pronunciar uma só palavra, naquele grande silêncio em que se geram os tristes pensamentos. D. Augusta presidia a refeição, com o seu eterno sorriso de cortesias ferinas, como que a petrificarem-lhe os lábios, quedando-se flácidos e amolecidos, apenas a remexerem-se para a deglutição da comida. O Valentim circulava preguiçosamente, mudando os pratos, fazendo de longe em longe uma pergunta relativa ao serviço, sua voz a perder-se no imenso da sala. E o Marcondes sentia-se oprimido e desajeitado, sem coragem para continuar na sua loquacidade de ainda havia pouco, à espera de um ensejo para reatar o fio da conversa, já meio acovardado, calculando que não podia obter a vitória nessa luta em que tinha vontades de se empenhar, achando até mais conveniente uma retirada airosa que viria contentar a todo o mundo, meditando mesmo sobre o pretexto de que serviria para levar a efeito o seu novo plano que agora lhe parecia muito melhor.

Apenas, de entre toda essa gente, o Pedroca conservava o seu rosto prazenteiro de criança, alheia aos pequenos nada do convencionalismo social, que não sabe refrear os seus sentimentos nem pode compreender as variabilidades e alternativas de conduta. Ele continuava a testemunhar grandes simpatias ao Marcondes e era o único que lhe dirigia a palavra para lhe fazer umas perguntas esquisitonas de menino

ou lhe pedir um qualquer favor. E como o moço lhe prestasse muita atenção e se mostrasse sempre pronto a satisfazer-lhe os menores desejos, gostoso deste diversivo que vinha tão alegremente socorrê-lo na grande atrapalhão de conduta em que se achava, ele ia de momento a momento aumentando a sua afeição e acabou até passando-se-lhe para o colo onde queria por força tomar o café com leite. Quando terminou-se o almoço e os dois amigos se prepararam para ir à cidade, o Pedroca acompanhou-os até o portão repartindo uniformemente entre ambos beijos e abraços, encomendando-lhes que não se esquecessem de lhe trazer bolas.

## Capítulo XII

**A**li pelo meio-dia, na grande força do sol a crestar lá fora as folhas das plantas, a sala de jantar tinha umas frescuras úmidas debaixo de ramagem mais semelhantes ainda com o escuro dos enrodamentos. E era bom de se passar aí a sesta, por entre aquelas ostentações de um luxo asseado e burguês. Sempre a essas horas, depois do abatimento determinado pelas ligeiras febres cibáricas seqüentes ao almoço, mãe e filha gostavam de se reunir nesse aposento tão cômodo e onde se permitem as pequenas sem cerimônias de uma sala comum de vapor. Nessas ocasiões, quando as duas estavam bem sozinhas, sem que o Pedro, retido na repartição, viesse perturbar-lhes os colóquios, elas gostavam de discutir os acontecimentos do dia e de comunicar-se reciprocamente os pensamentos, as frases a saírem-lhe em grandes intervalos durante os quais iam-se distraíndo com seus ligeiros trabalhos de agulhas, cada qual no seu lugar favorito, tendo entre si todo o comprimento da mesa elástica e a vastidão escura da sala que as obrigavam a levantar um pouco a voz.

E elas lá estavam, D. Augusta na sua cadeira baixinha de costura, Nenê molemente reclinada na de balanço que se movia preguiçosamente, naquele dia mais animadas do que nunca nas suas conversas, quando se fez ouvir a voz argentina do Pedroca, que brincava no jardim, vibrando fortemente o nome de sá Jovina. A moça chegara à janela para gritar com o menino. Já lhe havia proibido por diversas vezes o andar exposto ao sol! Dessa forma ele bem podia apanhar uma febre que o prendesse na cama por muito tempo! E teimava com a criança para que entrasse imediatamente. Mas o rapaz fingia não ouvi-la, encaminhava-se em grandes alegrias para o portão. D. Augusta também não achava muito bom o procedimento do neto, mas desculpava-o. Eram coisas próprias da idade! Demais, um bocadinho de sol não fazia mal! E voltara-se para o interior da casa, chamando pelo Valentim, mandando que alguém fosse correndo para abrir o portão.

Poucos instantes depois sá Jovina fazia sua entrada na sala de jantar, sempre acompanhada pelo Pedroca, que se lhe segurava à saia, saudada jovialmente por D. Augusta e pela filha que lhe correram ao encontro. Era uma velha de idade indeterminável, muito baixinha, o corpo envergado em forma de S, o torso para trás e a cabeça para adiante a repousar por sobre o peito. Sua pele de um amarelo pergaminhento enrugava-se fortemente nas comissuras dos lábios e dos olhos, formando uns leques de profundos sulcos. Ao rir-se, por sobre as gengivas nuas, mostrava os restos legendários de um dente que existira em outros tempos. Nas têmperas umas mechas desastradas de cabelos brancos saíam de debaixo dos bandós negros, revelando uma cabeleira com que pretendia ocultar a calvície. Mas apesar deste conjunto estrambótico, evocando imagens tétricas de sibilas priscas, circundava-lhe o todo uma atmosfera de bondades e de mansidões, talvez ges-

tada por seus olhos de um escuro ruço continuamente a remexerem-se nas órbitas à flor do rosto.

Apreciavam-na muito por causa da sua constante alegria e do modo pachorrento com que ia aturando todas as maçadas e debiques – espécie de retribuição exigida pelos benefícios que lhe prestavam. Em outras épocas, quando ainda podia trabalhar e não tinha a vista estragada, fora uma excelente costureira a andar de casa em casa para aprontar vestidos e até mesmo enxovais. Datavam daí as suas relações e, habituada a este gênero erradio de vida, continuava em sua peregrinação, passando uma semana em um lugar, outra noutra, sem residência fixa, velha boêmia através do mundo ao qual entretanto não se fazia pesada porque, nessas longas visitas, encarregava-se de costuras ligeiras ou pelo menos ocupava-se em remendar alguns trapos velhos. Desejando viver sobre si, sem os grandes vexames dessas hospedagens, tentara ao princípio fazer-se lavadeira quando os seus olhos cansados não se prestaram mais a acompanhar a agulha nas rápidas e complicadas evoluções do pesponto. Mas este serviço tomara-se-lhe muito penoso e vira-se obrigada a largá-lo apesar do imenso prazer que encontrava na vida independente.

Desde então andava assim, de porta em porta, a visitar as suas antigas freguesas, hoje já velhas e mães de filhas casadas. Em toda parte era sempre muito bem recebida e, apesar das caçoadas às vezes um tanto pesadas que lhe dirigiam, gozava de uma certa consideração e respeito por parte de todo esse mundo novo, que carregara ao colo, que acompanhara nas lentas evoluções através da sociedade. Tinha um lugar reservado em todos os enterros, em todos os casamentos e em todos os batizados. Mas o seu verdadeiro trono, onde ela gostava de se mostrar aos seus, era ali à noite, depois do chá, rodeada pelas crianças que lhe pediam histórias. Então a boa velha procurava endi-

reitar o corpo e ia, uma a uma, desfiando todas as *Mil e uma noites* pe-  
neiradas através de uma corrupção popular. E outras ocasiões entra-  
va pelo seu passado adentro, um passado honesto e chão de virgem  
macróbia, sem incidentes, que guardara apenas recordações dos tem-  
pos agitados de Pedro I e da Regência, que conservara até umas va-  
gas e incertas reminiscências da chegada de D. João VI, naturalmen-  
te adquiridas pela tradição.

## Capítulo XIII

**R**eceberam-na com grandes alegrias e expansões de amizades, crivando-as de perguntas, desejando saber por que passara tanto tempo sem aparecer. Sá Jovina ouvia-as com um sorriso benévolo, procurando responder às interrogações que lhe faziam, explicando as razões da sua tardança. Estivera muito doente com umas febres que se manifestaram em casa do Conselheiro Pedrosa, onde teve de ficar duas semanas de cama! E louvava muito o conselheiro e a Dona Ritoca, que se lhe tinham mostrado extraordinariamente desvelados e cuidadosos, chegando mesmo a mandar chamar um médico que fora visitá-la de dois em dois dias. Depois tivera de ir ao casamento da filha de D. Juvência e a D. Sinhazinha levava-a para Petrópolis de onde tinha chegado na véspera. Entrava então em pomposas descrições da viagem, não poupando nenhuma minudência, entusiasmada com o trem da serra, dilatando-se principalmente no tocante aos passeios que fizera e nos quais por diversas vezes encontrara-se com o imperador, que

ela achava muito parecido com o pai e quase se admirava de ver tão acabado.

Depois desta ligeira prosa foi tratando de entrar em seus cômodos. Ela já tinha o seu quarto reservado, ali junto à sala de jantar, por baixo da escada que ia para o sótão. E dirigiu-se para lá, a fim de tirar a saia — uma saia de seda preta com rendas de vidrilhos que lhe dera a D. Rosinha e que afecionava dentre todas as coisas. Acompanharam-na e assistiram-lhe à *toilette*, ajudando-a a tirar o chapéu, numa grande expansão de contentamentos, continuando a fazer-lhe perguntas, caçoando-a pelo cuidado que dava às suas vestimentas. Mas sá Jovina ouvia-as com o seu sorriso benévolo, sem lhes dar resposta, ocupada em escovar e dobrar cuidadosamente a sua saia, um pouco inquieta porque estava a despregar-se uma das plumas do chapéu, querendo consertar imediatamente o estrago, e só volvendo à sala de jantar quando deixou tudo convenientemente acondicionado na gaveta da cômoda e não lhe pareceu haver mais possibilidades de encontrar uma qualquer avaria nas suas vestes domingueiras.

Foi então que D. Augusta e Nenê lhe deram parte do ocorrido, de toda essa brusca revolução a perturbar-lhes o calmo da existência. Insistiam sobre o fato. Admirava-as muito que o Pedro, assim sem mais nem menos, trouxesse para casa um companheiro. Concorravam em que o Marcondes era muito atencioso e bem-educado. D. Augusta gabava-lhe mesmo o trato ameno e a consideração que lhe mostrava; mas apesar de tudo isto o genro devia tê-la previamente consultado a respeito, e não fazer as coisas estouvadamente, sem prevenir a ninguém! Nenê por seu lado não deixava de louvar o talento musical do rapaz que a acompanhava tão bem ao piano. Em todo caso a gente não devia formar opinião pelas primeiras impressões e era possível que mais tarde tivessem a lamentar algum desa-

guisado! Enfim, de comum acordo, tinham resolvido conservar-se na mais estrita reserva, não poupando recriminações ao Pedro, que seria o único responsável de qualquer coisa que porventura acontecesse mais tarde, por isso mesmo que não quisera ouvir conselhos sobre o negócio.

Sá Jovina, porém, mostrava-se conciliadora e desculpava ao Pedro. Ela conhecia muito o que eram amizades de colégio! E citava fatos. O filho do Conselheiro Pedrosa levava todos os dias uma porção de companheiros para casa do pai, e quando era de noite a rapaziada juntava-se toda lá no sótão e punha-se a fazer uma barulhada infernal! Demais, elas não tinham nada a recear! Ainda se existisse em casa alguma moça solteira haveria possibilidade de suceder alguma desgraça! Mas nem isto tinham que temer! O melhor era tratar o Marcondes com muita cerimônia porque ele perceberia logo que estava se tornando incômodo e procuraria um jeito de ir-se embora! Em todo caso não achava bom o fazerem-lhe má cara, e nem aprovava as tenções que tinha Nenê de ficar zangada com o marido por uma coisa que não valia a pena. Nessas questões de marido e mulher a sua longa experiência do mundo lhe tinha ensinado que a gente, de qualquer lado que se voltasse, só saía perdendo!

Entretanto o Pedroca, que ouvira calado todas essas explicações, vendo que a conversação começava a esfriar, pediu a sá Jovina para lhe contar uma história. Ele gostava tanto quando a boa velha o sustentava ao colo, lhe falava de umas princesas encantadas e muito bonitas que viviam acorrentadas e sofredoras até a chegada de algum príncipe que lhes restituísse a liberdade! E insistia ante as negaças da senhora. Trepava-lhe pelo colo acima, não obstante as advertências de Nenê, e tanto fez que a obrigou a satisfazê-lo. Antes, porém, de dar princípio à sua história era preciso que sá Jovina merendasse qualquer coisa.

Dona Augusta chamava pelo Valentim e pela Marocas para que trouxessem uns pratos e talheres e pusessem em cima da mesa o queijo e o doce. O Pedroca quis fazer companhia à sua boa amiga e as duas senhoras, apesar de não terem o costume de comer qualquer coisa entre o almoço e o jantar, resolveram-se a acompanhá-la. Foi então, ali em derredor da mesa um grande redobramento de confidências íntimas ditas baixinho, a despertar a curiosidade do menino, que distraidamente ia mastigando o doce de laranja.

## Capítulo XIV

Os conselhos de sá Jovina pareciam ter fortemente impressionado a mãe e a filha. Tanto que, à chegada dos dois amigos, foram eles recebidos quase cordialmente, com grande espanto do Marcondes, que esperava encontrar umas fisionomias enregeladas de cerimiosidades, e por causa das dúvidas, fora durante a viagem do bonde preparando o espírito do Pedro para a sua mudança. O Pedroca tinha ido recebê-los lá fora no portão e, trepando-se para o colo do rapaz, falou-lhe desenvolvidamente sobre a velha senhora, procurando repetir-lhe a história que acabava de ouvir. Depois quis acompanhá-lo ao sótão onde assistiu-lhe à mudança de roupa, vivamente interessado pelas escovas e frascos de perfumarias que havia em cima do *toilette*. Então, para contentá-lo, o Marcondes penteou-o com requintes de perfumes. Ao regressarem para a sala de jantar, naquela pequena espera do jantar que o Valentim estava pondo na mesa, o menino andou a mostrar os seus cabelos a todo mundo, exigindo que lhe cheirassem a cabeça no meio da geral alegria.

A refeição correu em grandes contentamentos, amenizada pelas graças de sá Jovina, que contava uma história a todo o propósito e a quem o Pedro excitava com contínuos apetites e perguntas. Por vezes, D. Augusta mesma esquecia-se do seu aspecto severo de dama antiga e compartilhava das risadas satisfeitas com que iam todos distraíndo o tempo. Nenê abandonara completamente os modos reservados do almoço, conquistada por essa superficialidade de alegrias, intimamente gostosa da feição acomodada que iam tomando as coisas. O Pedro, sempre bonachão, alheio a tudo quanto o rodeava, vivendo num mundo de sonhos, tornara-se também brincalhão, procurando recobrar-se do mau humor com que aparecera de manhã, depois da noite mal dormida que passara. E o Pedroca, sentado entre o Marcondes e sá Jovina, mimado pelos seus dois vizinhos, que procuravam adivinhar-lhe as vontades, dava uma nota de alegrias infantis, modulada no argentino suave das risadas a adornarem-lhe a boca rubra e pequenina.

À tarde, foi aquele mesmo espetáculo da rua convertida em salão comum, nas grandes familiaridades da vizinhança. D. Augusta acompanhara-os até o portão e agora envolvia-se na conversa, prestando atenção ao Marcondes, que divertia-se em discutir com sá Jovina a dissolução da Constituinte e o 7 de abril; ela mesma acrescentando algumas minudências e detalhes que ouvira em outros tempos nas conversas de família, falando desassombradamente da marquesa de Santos, que chegara a conhecer. Nenê brincava distraidamente com o Pedroca, aborrecido daquilo, não podendo compreender como havia gente que achasse graça em semelhantes coisas, procurando de quando em vez interromper o fio da conversação, chamando-a para um outro terreno onde lhe fosse permitido fazer também as suas observações. O Pedro por seu lado não estava muito contente com isto. Não que ele

tivesse opiniões assentadas em política! Era-lhe completamente indiferente a questão de forma de governo; embora tivesse uns amores secretos pela República, votava sempre pelo governo e em casa não gostava de conversar sobre este assunto.

Entretanto as duas velhas continuavam a remexer o entulho das suas recordações. Entravam francamente nuns detalhes crus, pela grande pornocracia do Primeiro Império. Evocavam por entre umas auréolas de glória o vulto abandalhado de Pedro I e compraziam-se em contemplar a estatura corpulenta do real bilontra. Ele surgia-lhes na imaginação com o seu todo varonil e os olhos lúbricos a destilarem vícios, mas uns vícios nobres, que não se escondem nos camarins, que vêm para o meio da rua com a coragem de sua existência e a ostentação de suas torpezas! Aquilo sim era um homem! E D. Augusta, sem segundas intenções, aliás, comparava-o ao filho e achava este muito desajeitado, falto de elegâncias na sua eterna casaca sebosa. Ao menos naquele tempo a gente podia chegar à janela quando o imperador passava, certa de ver uma bonita cavallhada! Ela era então muito menina, mas ainda se lembrava de ter admirado por diversas vezes o brilhantismo do séquito imperial!

E vieram a falar sobre a independência. No final das contas, havia ali um mistério, uma coisa que nunca foi devidamente esclarecida, mas de que em tempos se falava extraordinariamente. Pelo menos sá Jovina lembrava-se de tê-lo ouvido a diversas pessoas. E a boa velha fez-se discreta, abaixando a voz, como quem ia comunicar um segredo. “Jorge de Avillez – o comandante das tropas portuguesas no Rio de Janeiro, dizia ela, fora casado com uma senhora muito bonita por quem o Pedro I se apaixonou. Este *apaixonou*, a velha senhora o sublinhava, nuns tons cômicos, cheios de segundas intenções. Parecia, acrescentava ela, que o general não gostara muito da coisa e reunira

as tropas na Armação para se vingar. Mas o imperador, que estava no teatro, foi avisado em tempo e obrigou a legião lusitana a capitular.” E sá Jovina sorria maliciosamente. Achava muito engraçada esta idéia de fazer depender o 7 de Setembro, e tudo mais, de uma aventura galante, de uma simples briga entre um marido altivo e um príncipe metido a D. Juan!

## Capítulo XV

Então, naquela grande paz das digestões a elaborarem-se nuns laivos de beatitudes, vieram a falar sobre a política. Um assunto como outro qualquer, para matar o tempo, essas longas intermináveis horas do entardecer, quando o ar embalsamado que coava-se pelos jardins afora lhes trazia, de envolta com o perfume das murtas e das madressilvas, a sensação boa da vida honesta e pacata a escoar-se mansamente através dos anos pelas uniformidades enfadonhas do rotineiro! Uma coisa que a gente lia de manhã cedo nos *a pedidos* do *Jornal do Commercio*, que ouvia nas palestras do bonde, ao alcance de todo mundo, que se podia discutir à vontade, em opiniões autoritárias, sem ter o trabalho de estudar, deixando apenas às soltas a louca fantasia! E eles entravam francamente na matéria, cada um trazendo o seu contingente, todos construindo um Brasil lá a seu jeito, fazendo uma atmosfera propícia à vitalidade das suas teorias, concordes sempre em que o governo fazia tudo mal, admirando-se de tanto amontoado de desatinos!

O Pedro pertencia à mocidade decrépita de hoje em dia. Tomava parte nas conversas da repartição, discorria nos cafés da Rua do Ouvidor e chegava mesmo a ler a *Gazeta da Tarde* quando voltava para a casa. No seu modo de considerar os negócios políticos havia os ressaibos de umas leituras revolucionárias que não tinham sido bem compreendidas. Inclina-se às aspirações modernas e chegava mesmo a ter uns pruridos republicanos. No final das contas o país estava à beira do abismo e em pouco tempo a bancarrota nos viria bater às portas! Era preciso um remédio violento para esse estado de anarquia e dissolução! E dava-se uns aspectos científicos para falar no ferro em brasa, na amputação das partes grangrenadas do organismo social. Chegara o momento dos grandes heroísmos e das grandes dedicações. A nau do Estado não podia continuar a viagem sem alijar metade das velharias que lhe entulhavam o porão!

Mas o Marcondes divergiu completamente da sua opinião. Em tempos ele também deixara-se enlevar por estas teorias bonitas dos panfletários! Chegara mesmo a ser sócio fundador do clube dos Girondinos, e escrevera alguns artigos de propaganda republicana na revista desse clube! Ao pouco e pouco, fora, porém, mudando de idéias e, quando se esvaíram os seus sonhos da mocidade, quando apareceu-lhe o juízo calmo e refletido, deixou de parte todas estas baboseiras próprias da rapaziada e converteu-se aos sãos princípios de um liberalismo moderado. A tal República era simplesmente uma especulação com que meia dúzia de esfarrapados andava empulhando a pobre humanidade idiota! Demais, ele agora não tinha tempo nem meios de ser político. Principiava a vida, e precisava arranjar um meio de subsistência, um ganha-pão com todas as garantias legais. Mais tarde, quando já tivesse uma posição independente, refletiria sobre o caso e alistar-se-ia em um dos partidos militantes! Por enquanto a sua obri-

gação era não se meter nestes negócios para não angariar antipatias gratuitas que só podiam perturbar-lhe o desenvolver da existência!

D. Augusta aprovava-o, revoltada às idéias do genro, achando o Marcondes muito ajuizado e bem pensante. Ela votava sempre pelo sossego, gostando da política pacífica, intimidada à expectativa de uma qualquer coisa perturbadora. Demais, prendiam-na à causa monárquica as suas tradições de família preciosamente guardadas no relicário do seu peito. O pai emigrara com D. João VI, e o marido possuía o título de conselho! Além disto, das muitas obrigações que devia à família imperial, outras razões ponderosas havia a lhe ditarem todas estas crenças! No final das contas, as coisas não eram tão feias como pintavam! Todo mundo vivia bem, sem grandes inquietações! Tanto que sobrava tempo para discutir política! E em todo este negócio convinha observar que não valia a pena a gente dar-se ao trabalho de uma mudança para pior! O que seria do Brasil quando a hidra da anarquia tomasse conta do território? Só o pensar nisto bastava para arrepiar os cabelos!

Nenê também ritmava pelos mesmos tons. Não achava fundamentos nas acusações que dirigiam ao imperador! Ele era tão bom, tão caritativo! Quantas e quantas mulheres – pobres viúvas desamparadas, iam aos sábados receber a esmola com que ele as sustentava? Nem valia a pena falar na imperatriz! Todo mundo sabia reconhecer-lhe o subido mérito! A princesa, essa era tão agradável de trato! Não tinha presunção de qualidade alguma, falava com grandes amabilidades e, nos bailes que dava no Palácio Isabel, era tão cortês! Enfim! de que eram eles culpados? Para que atribuir-lhes a origem dos males que porventura houvesse? E em presença destas três convicções que lhe batiam todos os argumentos o Pedro teve de dar-se por vencido, ruminando ainda umas objeções vagas e indefinidas, em grandes frouxidões; ele

próprio, meio duvidoso das suas crenças, republicano para ter uns ares guerreiros de moço modernista, incapaz de ir além da esfera palavrosa das discussões, amando dentre tudo o grande quietismo de existência em que ia vivendo.

## Capítulo XVI

A tardecia. O vago escuro da noite que vinha fundia as arestas num mesmo quadro de negridões sem plano. Os lampiões iam bruscamente surgindo das trevas como estrelas candentes a alumiarem-se no suspenso da atmosfera. Falaram então na conveniência de irem para a casa que ainda se destacava brancamente por entre as folhagens das árvores. Já estava se fazendo tarde e o sereno que começava a cair podia constipar o Pedroca! Então, lentamente, cada um indo repor a sua cadeira de ferro debaixo do caramanchão, foram todos se encaminhando para o interior da casa, com passos vagarosos, parando de tempos em tempos para respirar mais de perto o perfume dos manacás! O repuxo do aquário continuava em umedecer o ambiente nuns ritmos alegres de chuvisco. E o Pedroca, ora junto a um, ora junto a outro, caminhava por entre risadas, achando muito engraçado o barulho das botinas a enterrarem-se nas areias soltas e branqueadas das alamedas.

Lá dentro dirigiram-se todos para a sala de visitas, cada qual tratando de se meter em seus cômodos, o Pedroca trepado no colo de sá Jo-

vina a quem pedia insistentemente uma história. Mas a mãe fê-lo calar-se, recomendando-lhe que ficasse muito quietinho para não perturbar a música. A moça reclamava o auxílio do Marcondes. Ainda lhe tinham ficado gratas recordações daquele concerto da véspera, e agora que uma atmosfera de benevolências parecia circundar o rapaz, queria recomençar com ele essa função de sonoridades alegres. Sentada ao mocho do piano, ferindo a intervalos as teclas, clareada pelas luzes, um sorriso provocante a animar-lhe os lábios carnosos, sensuais e o luzidio dos olhos ternos, instava para que fosse buscar a flauta. E, como ele se resignasse a satisfazê-la, deram princípio à execução das partituras que se sucediam interminavelmente na estante. Eram de constante, umas surdinas harmoniosas, uns acordes fortes, apenas virgulados pelas palmas do Pedro e as aprovações de D. Augusta e sá Jovina, em meio à tristeza do menino que não ouvia a história.

Entretanto o Valentim viera interrompê-los, prevenindo-os de que o chá já estava na mesa. Nenê levantou-se de mau humor, com vontades de prolongar ainda aquela sessão musical que atualmente lhe constituía o único divertimento do dia. E quando todos se agruparam em torno à mesa, nos lugares que habitualmente ocupavam, a moça ainda conservava estampado na fisionomia o contradizer das sensações que a agitavam, misto de prazeres e dores, o meigo êxtase às vibrações harmoniosas que lhe repercutiam pelo interior do crânio e a contrariedade por ter-se visto obrigada a suspender bruscamente essa fonte sonora de doces enleios e poéticas visões. Distraída do que se passava, parecia absorta nuns mundos estranhos, sem dar atenção ao que a rodeava. E o chá ia sendo tomado aos bocadinhos, num grande silêncio de vozes, perturbado apenas pelo barulho dos dentes a mastigarem as torradas, esse barulho de ratinho que divertia tanto ao Pedroca. O menino, porém, conservava-se quieto, nuns ares de zangado, porque lhe ti-

nham imposto silêncio e não o deixaram divertir-se em ouvir a história de sá Jovina. Calava-se, a cabecinha loura descansando sobre o braço nu, à borda da mesa.

Para contentá-lo, e como o Marcondes fizesse notar o modo tristinho da criança, a boa velha tomou-o ao colo e pôs-se a lhe contar uma história muito comprida. “Era uma vez um velho lavrador que tinha três filhas, tão bonitas que uma se parecia com o sol, a outra com a lua e a terceira com as estrelas! E o bom velho era pobre, tão pobre que nem tinha criados e ia ele mesmo ao mato para fazer lenha! Uma noite quando voltava para casa, carregando às costas o feixe de lenha, encontrou-se com um príncipe muito bonito, tão bonito que se parecia com o azulado do céu”. E sá Jovina continuava no mesmo tom, a repetir pedaços de frases que o Pedroca parecia beber-lhe dos lábios numa grande sinergia de prazeres. Em torno da mesa tinha-se feito o silêncio e, ao pouco e pouco, iam prestando atenção à boa velha, comprazendo-se em ver esse pequeno quadro da vida doméstica, enquanto o menino deixava amolecerem-se os membros que caíam pesadamente prostrados ao sono lentamente a invadir-lhe o organismo inteiro, marmoreando-o na estátua das felicidades infantis.

Então, espontaneamente, de todos os corações ergueu-se um coro de hosanas às alegrias da vida. Era tão bom aquilo! A gente sentia-se tão bem! E reunia-os umas grandes simpatias, a comunidade de existência e de aspirações. Tinham cessado inteiramente as primeiras hostilidades surdas com que na véspera haviam recebido o Marcondes. Agora todos tratavam de indenizá-lo das iniciais más vontades. Não poriam dúvidas em lhe abrir um cantinho onde vivesse, naquele ninho acolchoado e quente onde vinham quebrar-se em mansidões as vagas do exterior. Sentiam-se bem. O vento que lá fora remexia a folhagem trazia-lhes, pelas janelas abertas, o ar embalsamado dos jardins. Da

mesa, onde quedavam-se, num desastre de refeições já feitas, os pratos e as xícaras servidas, vinham todas as sensações boas das honestidades burguesas. Sá Jovina continuava a sua história, numa voz plangente, como a melopéia tristonha das morezas vitais. E todo este quadro da vida íntima encerrava-se na esfera luminosa do lustro, esfera sem limites demarcáveis, em zonas intermediárias de claro-escuros a fundir na vastidão negra daquela sala de madeiras.

## Capítulo XVII

Foi debaixo destas impressões benfazejas, em sonhos gentis de alegrias que caminhavam do futuro para si, que o Marcondes dirigiu-se para o quarto. Já não lhe vinham mais as tristezas do amanhecer, não palpava mais aquelas hostilidades surdas a atrapalharem-lhe a existência, a ditarem-lhe uma pronta e imediata retirada. Todos estavam conquistados a si, envolvendo-o numa atmosfera benevolente como um desdobramento das primeiras efusões com que o recebera o Pedro. E toda a flacidez de suas carnes, que no aboemiado da vida acadêmica sonhara tantas vezes um cantinho assim macio e acolchoado onde pudesse descansar, ideava-se em perspectivas sorridentes, fazendo-lhe achar a existência tão boa e cheia de bem-estares! Ali pelo quarto tão asseado, a despertar-lhe uns desejos preguiçosos, ele passeava nuns compassados de movimentos, despindo as roupas, preparando-se para dormir, a ruminar todos estes pensamentos, enfeixando-os ao grande poema otimista que andava compondo nuns versículos de risadas burguesas e de digestões pacíficas.

Depois, sentou-se à beira da cama, vestindo apenas um *chambre*, as pernas cabeludas saindo-lhe pelas aberturas, a balançarem-se compassadamente. A luz da vela tinha uns palores mórbidos clareando vagamente o aposento. E ele recostara-se, a cabeça por sobre o travesseiro. Esperava. Antes de se retirar tinha falado a respeito com o Pedro, e este lhe prometera arranjar tudo imediatamente. Desde a viagem que andava um pouco incomodado e na véspera tomara apenas um banho frio. Contava, porém, melhorar com um d'água morna, e como o amigo lho promettesse, admirava-se de que tardasse tanto, já quase adormecido. Entretanto um barulho de balde a gemer nas argolas vinha subindo pela escada acima. Enfim a Marocas entrou-lhe pelo quarto, desculpando-se da demora, apressando-se em dispor as coisas. E o rapaz soerguera-se um bocadinho, a fitar nuns olhares lúbricos a mulata que circulava pelo quarto, remexendo garbosamente os quadris das grandes curvaturas sensuais, desenhando pela parede em sombras fantásticas o seu perfil provocador.

No final das contas ele conhecera-as muito inferiores! E examinava-a com uns grandes gestos de conhecedor *blasé* que não discute grandemente estas coisas e vai buscar o prazer onde o encontra. Então, para dar princípio ao negócio, pôs-se a falar-lhe, numas frases acanhadas, cheias de subentendidos que a rapariga ouvia em sorrisos benévolos e provocadores com que acompanhava as suas respostas sempre prontas. Aos poucos a conversa ia tomando uns ares sérios de operação comercial não muito debatida e em que as partes entram imediatamente em acordo. O Marcondes levantara-se e teve pequenas brutalidade a fim de vencer umas mascaragens de neçaças. Ele não gostava destas criaçadas! Preferia-as arrogantes no impudor, levantando o pano de boca ao estrídulo do apito, franqueando bruscamente os cenários ocultos —esses palcos feéricos dos dramas carnais! E sem mais

parlamentações atirou-a, ali para cima da cama, deixando-lhe as pernas pendidas para o assoalho num amortecido gentil, enquanto galgava-lhe o corpo na febre da sensualidade. Depois, quando o organismo inteiro se lhe arreventou num desmoronamento de prazeres, ele levantou-se meio enjoado, achando aquilo simplesmente porco.

Vieram então a falar em grande intimidade, a Marocas respondendo-lhe às perguntas enquanto a água do banho esfriava-se ao pouco e pouco. A rapariga contava-lhe tudo quanto ouvira entre D. Augusta e Nenê, quando na véspera o Pedro estivera cá em cima a palestrar com ele. E o Marcondes ia ouvindo-a, num súbito aniquilamento de si mesmo. Parecia-lhe impossível continuar a viver naquela casa depois de informado sobre os juízos acabrunhadores de ridículo que mãe e filha haviam formulado a seu respeito. Agora só lhe cumpria retirar-se! Nem lhe restava outro alvitre desde que a moça o achara um importuno a perturbar-lhe o calmo da existência! Far-lhe-ia a vontade! Deixá-la-ia a sós com a sua gente! Admirava-se apenas de que ela após tudo isto ainda o tivesse convidado para os acompanhamentos de piano! Não podia também compreender como a velha senhora lhe tivesse mostrado tanta afabilidade no dia presente quando na véspera falara até em exigir do genro a sua pronta retirada!

E ele adormeceu nestas tristezas de pensamentos, firmemente resolvido a mudar-se no dia seguinte, não querendo mais ficar numa casa em que o tinham qualificado de importuno. Entretanto, e apesar dos esforços que fazia para afugentá-la, sorria-lhe meigamente uma visão feita de memória e fantasias a inspirar-lhe uns pensamentos cálidos de voluptuosidades canalhas. O busto encantador das curvaturas graciosas e carnações sadias de Nenê aparecia-lhe animado com aquele sorriso de desejos que a moça lhe dirigira havia pouco tempo quando lhe pedia que viesse buscar a flauta para acompanhá-la. No final

das contas só podia ser uma conquista cheia de honrarias para quem a conseguisse, prometedora de felicidades sem fim! E recordava todas aquelas palestras da vida acadêmica em que os companheiros afirmavam não haver mulher que não tivesse sua hora de fraquezas. Repugnava-lhe a forma genérica e absoluta da proposição. Mas por que Nenê não seria dessas que caem?! E, como de repente se lhe evocasse a imagem sincera nas amizades do Pedro, procurou enxotar de si estes pensamentos satânicos e assentou definitivamente para o dia seguinte a sua partida.

## Capítulo XVIII

Ao amanhecer do dia seguinte depois de uma noite em que levara a pensar muito sobre o assunto, o Marcondes levantou-se firmemente resolvido a retirar-se imediatamente daquela casa. Não havia mais razão para ficar ali a incomodar os outros, ele mesmo tolhido em seus movimentos, obrigado a sujeitar-se num sistema de vida ao qual não estava habituado! E vestia-se apressadamente, tratando logo de acomodar nas malas, ainda não completamente desarrumadas, os objetos e roupas que pusera da banda de fora. Apenas parecia-lhe um pouco difícil arranjar um pretexto para tão brusca reviravolta no seu modo de pensar. O Pedro se lhe mostrara muito amigo e prestadio. Não valia a pena bangá-lo, dar-lhe inquietações, talvez mesmo determinar uma pequena altercação entre marido e mulher por uma coisa tão insignificante. Arranjaria qualquer justificativa, a primeira que lhe viesse à cabeça, e faria a mudança sem mais explicações, contando voltar pouco àquela casa da qual entretanto levava intimamente umas bem gratas recordações.

Lá embaixo receberam-no muito alegre e benignamente. O Pedroca saltara-lhe ao colo, querendo repetir uma história muito engraçada que sá Jovina acabava de contar. D. Augusta, amenizada, sem os cerimoniais e reservados da véspera, sorria-lhe benevolmente, informando-se de como tinha passado a noite. Nenê mostrava-lhe uma fisionomia prazenteira, admirada de vê-lo tão madrugador, ainda fresca e rosada do banho de chuva que vinha de tomar, os longos e bastos cabelos a caírem-lhe por sobre as costas ao longo do torso embrulhado numa toalha branca. E o Marcondes atrapalrava-se. Não podia compreender tanta hipocrisia nem sabia como explicar estas aparências de jovialidade com que o recebiam, a ele que andava a incomodá-las, como elas próprias o diziam. Punha-se a refletir sobre o caso. Talvez houvessem mudado de opinião, modificado as impressões do primeiro momento! Em todo caso ele era quem não ficava mais ali! Estava resolvido a mudar-se e havia de falar com o Pedro a este respeito!

Durante o almoço, na boa e franca intimidade das refeições, teve por diversas vezes vontade de encetar o negócio. Para animar-se a si mesmo tentara persuadir-se de que era conveniente preparar o terreno para não esbarrar de encontro aos sobressaltos de uma bruscaria. Mas havia alguma coisa a atrapalhá-lo que não lhe deixava liberdade de expressão. Não sabia bem compreender o que se passava em si! O certo era, porém, que sentia-se já arrependido do pouco que deixara entrever. Agora aquela vida lhe parecia tão boa e tão calma! Comparava-a com os imprevistos e dificultosos da existência em hotel. E vinham-lhe umas vontades de ficar. No final das contas não lhe tinham dito nada, não sentia mais a envolvê-lo esse ar constrangido do primeiro dia, cercavam-no de carinho e de afetos, tratavam-no já como filho da casa e, se a Marocas não lhe tivesse revelado a conversa de Nenê

com a mãe, ele se teria deixado ficar ali, compartilhando dessa vida calma e honesta, enquanto não arranjava a promotoria e não seguia para Santa Catarina! E andava assim, nessas irresoluções, já não sabendo mais o que devia fazer, preso e fascinado por umas perspectivas de existência naquele canto alegre de umas felicidades mansas.

No bonde, porém, quando se havia quebrado todo o encanto que o circundava e ele sentia-se mais livre, sem o peso daquela sala de madeiras a se lhe impor, voltaram-lhe as primeiras resoluções. E pôs-se a meditar sobre a forma pela qual havia de dizer ao amigo o súbito desenlace que pretendia dar àquela situação. Seu espírito alternava entre as branduras e as bruscarias. Principalmente importunava-o a escolha do pretexto. Enfim, entrou em matéria, amontoando considerações sobre a vida do solteiro, a falta de hábito em que estava da existência familiar. As palavras vinham-lhe a flux dos lábios desordenadamente, contradizendo-se, numa dificultosa elaboração lógica à qual ele não sabia como pôr o remate desejado. O Pedro escutava-o, meio atônito, adivinhando algum pensamento oculto, forcejando por saber aonde o outro queria chegar. E o Marcondes continuava no mesmo desalinhado de palavras, até que por uma transição brusca formulou francamente a sua resolução, declarando que de tarde pretendia mudar-se para um hotel do Rio Comprido.

Então o Pedro zangou-se. Insistia para que o amigo lhe explicasse categoricamente a razão de ser de semelhantes idéias. Perguntava-lhe se tinha encontrado falta de alguma coisa, ou se alguém o havia molestado. E, como o Marcondes declarasse que não tinha motivo de queixa de quem quer que fosse e principiasse a entoar louvores à gente da casa, o outro disse-lhe que se deixasse de tolices, que continuasse a residir com ele enquanto não arranjasse a promessa da promotoria e que não andasse a importuná-lo com semelhantes escrúpulos. O

rapaz ouvia-o calado, sem fazer-lhe mais objeções, já arrependido do que dissera, intimamente gostando da insistência do amigo que lhe dava ensejos de continuar naquela existência apenas entrevista e que lhe parecia tão boa. Acabou aceitando novamente os oferecimentos do Pedro, dizendo-lhe que não ficasse zangado com aquilo, que ele tivera como obrigação sua tentar uma saída desde que vira as dificuldades que ia encontrar para obter a promotoria. Mas já que o amigo insistia e queria-o junto a si, ele não fazia-se de orgulhoso e guardaria sempre umas gratas recordações das bondades com que o estavam tratando. Mais tarde, se o Pedro quisesse experimentar-lhe o reconhecimento, era só dar-lhe ordens.

## Capítulo XIX

A pareceram então umas grandes intimidades. O Pedro falara com a mulher e a sogra a respeito do incidente do bonde, e houve desde este dia um recrudescimento de atenções. Procuravam cercá-lo de mil afetos e carinhos, reservando para ele os melhores pedaços, numa sinergia inexplicável de simpatias. O Marcondes deixava-os fazer. Gostava dessa vida que lhe davam. Sonhara sempre uma coisa assim – em torno de si gente alegre e satisfeita, passeando umas fisionomias prazenteiras, atentas aos seus menores desejos, a fazer-lhe a existência alcatifada de flores e de prazer, evitando sempre o encontro com as dores e contrariedades – essas modalizações horríveis da vida, junto às quais devia-se passar distraidamente! E agora que tinha assim arrumado o seu cantinho calmo e sossegado, preocupava-se pouco com a promotoria e contentava-se em aparecer todos os dias na Secretaria da Justiça e em fazer uma ou outra visita de cerimônia para conseguir alguma carta de recomendação com, em tudo isto, uns modos aboemiados de quem liga pouca importância ao futuro e tem tempo de sobra para esperar.

Fora logo se habituando ao regime da casa e ao pouco e pouco granjeara uma certa ascendência. Agora, durante as refeições, falava alto, dava ordens ao Valentim e por vezes, nuns requintes cerimoniais para com D. Augusta, tomava a si o encargo de trinchar. O Pedro olhava-o serenamente, num tom brando de amizade contínua e inabalável, despida de acidentações. E o rapaz ia lentamente ganhando terreno na conquista daqueles corações todos. Sua grande aliada em tudo isto era sá Jovina, a quem trouxera de presente um leque de fantasia. A boa mulher, que, a insistências de Nenê, resolvera-se a passar um mês ali na casa para consertar a roupa branca que estava toda sem botões e descosida em alguns lugares, deixara-se facilmente fascinar pela superficialidade brilhante e luzidia do Marcondes. Ouvia-o atentamente, gostando muito daquelas histórias novas que ele contava tão bem, envolvendo em meias-tintas e diáfanos de gaze o seu fundo acanalhado. E, quando ele estava ausente, a velha senhora não o esquecia nunca, falava sempre a seu respeito e arvorava-o em árbitro de qualquer questão suscitada.

D. Augusta tinha-o em muito boa conta. Achava-lhe um ar sério de homem prático que sabe encarar devidamente o mundo. Augurava-lhe um esplêndido futuro e chegava mesmo a estabelecer um paralelo entre a sisudez do rapaz e as levandades inconcebíveis do genro. Ali, antes do jantar, quando ele voltava mais cedo, a boa senhora gostava de fazê-lo sentar-se junto a si. Então os dois começavam a discorrer largamente sobre qualquer assunto que se lhes apresentava, entravam num desnovelar de considerações intermináveis, admirando-se da uniformidade de pensamentos que os animava. E iam por aí afora, cada que dando pasto às suas maledicências, fazendo-se confissões mútuas num grande transbordar de amizades. Ela assumia uns ares protetores e ditatoriais de mãe benévola, que fecha os olhos a muitas escapadelas,

mas que às vezes, arrependendo-se das suas condescendências, ralha, já disposta a perdoar. E o Marcondes deixava-a fazer, prestava-se boamente a esta comediazinha, gostando de tudo isto, sentindo-se mesmo ainda um pouco estouvado e precisando ter quem o guiasse, frouxa e bondosamente, neste labirinto dificultoso e complicado que se chama a vida social.

À noite, assim que começava a cair o sereno, iam todos para a sala de visitas e davam então princípio ao concerto habitual. Nenê já tinha aquilo em obrigação. Mal chegava à sala ia para o piano e punha-se a ferir distraidamente as teclas enquanto o Marcondes tirava uns ligeiros acordes da flauta. Depois os dois começavam a execução e caminhavam seguidamente, de partitura em partitura, até a hora do chá. Agora andavam tirando umas peças novas e de muito efeito que ele trouxera da cidade. E os dois entusiasmavam-se, mergulhando-se numa comunidade de ondas harmoniosas a acariciar-lhes a plástica, apenas perturbadas de quando em vez pelos aplausos do Pedro, que ia tomando gosto àquilo e, a modo de graça, falava em comprar um realejo para aprender a tocar. Mas, quando ele prolongava demais as suas manifestações de aplauso ou vinha importuná-los com perguntas, mandavam-no embora tratando-o de desajeitado, dizendo que não podiam compreender como houvesse quem não apreciasse a música.

De tudo isto ia se formando entre os dois uma grande intimidade. Nenê já abandonara completamente os modos cerimoniais de tratamento e às vezes chegava mesmo a servir-se para com ele desse *tu* que nivela os terrenos e suprime as distâncias. Depois da execução de cada partitura, quando ainda vibravam-lhes aos ouvidos os acordes sentimentais e tristonhos de Chopin, a moça fitava-o nuns olhos quentes de delírio, como a lhe agradecer aqueles instantes de ventura que lhe tinha proporcionado. Nessa região mística dos sonhos e das fantasias

ela lhe permitia uns amplexos de fraternidade artística. E eles juntos iam por ai afora a vogar mansamente, nuns doces enleios lamartinianos, pelos mundos etéreos dos sonhos, absortos nos seus cismares, como que desprendidos da realidade, num idílio murmurado brandamente em linguagem de harmonias. E iam assim através da vida, sonhadores de quimeras com um acordar sem sobressaltos nem inquietações, naquela mansidão de existência que viviam, encontrando em derredor de si apenas umas fisionomias alegres e prazenteiras a lhes sorrirem benevolmente.

## Capítulo XX

Foram então uns períodos de prazeres e de contentamentos. A vida corria fácil e ligeira em pruridos de felicidades mansas e uniformes orquestrando-se numa monotonia sem fim. Eram todos os dias as mesmas cenas – uma espécie de opereta galante que caíra no agrado do público e mantinha-se garbosamente no palco à espera do centenário. Os atores conservavam-se ainda na rijeza embaraçosa das primeiras representações, mas já iam se habituando ao papel, encarnando-se nos personagens, sem mais titubeios, gostando no final das contas da vadiagem em que andavam a dispensar-lhes novos estudos e aquelas grandes cacetadas do ensaio, movendo-se como maquinismos ao apito do contra-regra. Enfim circundavam-nos uns horizontes azulados e límpidos, puros de névoas, sem prenúncios nem vislumbres de borrascas e tempestades, por debaixo dos quais fazia bem viver nuns anquilosamentos de bem-aventuranças, na grande paz quieta e sossegada dos paraísos – espécie de sono opiado sem perspectivas de acordar.

E o Marcondes sentia-se bem nesse banho tépido de dias uniformes. Deixava-se viver. Todo o seu egoísmo exultava numas modalizações barulhentas de contentamentos. Sonhara sempre a existência assim, sem atrapalhações nem incômodos, tendo quem lhe cuidasse da roupa e lhe pusesse os botões na camisa. Insistira ao princípio com o Pedro para que este fixasse o preço da sua pensão ou pelo menos aceitasse alguma coisa como adjutório aos acréscimos de despesa. Mas, como o outro mostrou grandes repugnâncias à idéia, não lhe falou mais a respeito, resolvido a dar algum presente de valor quando se retirasse, limitando-se por enquanto a trazer algumas músicas para Nenê e voltar sempre da cidade com os bolsos cheios de bolas para o Pedroca. Assim lhe parecia tudo convenientemente arranjado, e ele mesmo não se ocupou mais do assunto. E deixava-se viver tranquilamente, sem se ocupar muito da promotoria, todo entregue à sua preguiça e à adoração de si próprio, achando muito justas e cabidas as atenções de que o rodeavam, numa grande calma de existência.

Em tudo isto surgia-lhe como um incompreensível e um problema a solver a imagem graciosa e simpática de Nenê. Lenta e lentamente, por uma amontoação de ninharias e de insignificâncias ele fora entrando-lhe na intimidade, a cada momento descobrindo-lhe uma nova feição, uma particularidade de caráter. Chegara mesmo a apropriar-se-lhe do aroma, daquele cheiro suave e discreto de jasmim que a moça exalava do corpo inteiro e que ele agora sentia na sua ausência, como parte integrante do próprio organismo. Tanto se habituara a vê-la e a tê-la sempre presente à memória que por vezes, à noite, no grande aniquilamento do sono, parecia-lhe distintamente senti-la junto a si nuns tangíveis de realidade. E quando acordava, meio contente, meio sobressaltado, custava em desvanecer-se daqueles sonhos, procurava a moça por toda parte, não podendo acreditar em uma simples vi-

são, reconstruindo novamente esse perfil sereno das grandes curvaturas sensuais, querendo revê-lo novamente nas decorações fantasiosas do ainda havia pouco, alquebrado por todas essas comoções violentas que acabava de experimentar.

Vinham-lhe então uns desejos de conhecer o passado da moça. Talvez aí encontrasse alguma coisa que lhe servisse de orientação no proceder! Mas por mais perguntas que dirigisse à Marocas, que agora sempre tinha uma qualquer coisa para fazer no seu quarto às horas em que ele ia deitar-se, não conseguia descobrir o que queria. Nenê, através das longas e detalhadas narrações da rapariga, aparecia-lhe constantemente calma e sossegada, numa existência lisa e honesta, toda de meias-tintas. Era um produto genuíno da educação fluminense, sem grandes paixões nem exuberâncias de sentimentos, a viver tranqüilamente entre a mãe, o marido e o filho. E o Marcondes remexia-a por todos os lados procurando algum ponto fraco, talvez mesmo alguma brecha por onde lhe fosse fácil a entrada na cidadela, desanimado de encontrá-lo mas procurando sempre, numa grande teimosia, esforçando toda a veemência dos seus desejos com as dificuldades que encontrava, querendo-a sem discussão de meios, até mesmo à força se não houvesse outro jeito.

E ele raciocinava demoradamente sobre o assunto. No final das contas o passado de quietismo e de sossego não provava coisa alguma. Era bem possível que a moça não tivesse caído até aquele momento porque encontrara sempre a estrada livre e macadamizada, sem uma dificuldade, sem uma pedra que a fizesse tropeçar! Mas por que ele não tentaria conquistá-la? Por mais que procurasse, não encontrava uma razão bastante forte para dissuadi-lo deste desígnio! E voltavam-lhe as recordações das conversas de república, quando os companheiros contavam proezas de seduções e ele ficava muito quietinho a

um canto, sem ter nada que dizer, na uniformidade boçal dos seus amores pagos à hora! Mas havia de vingar-se desses tempos de obscuridade! Agora havia de ser como os outros! Teria também em seu passado uma aventura escabrosa de adultério para regalar os amigos quando tivesse bebido um pouco mais, e fosse chegada a hora das confissões íntimas! E queria Nenê, veementemente, como um futuro adorno a sua individualidade de homem que conhece tudo, com todos os requintes da sua sensualidade brutal.

## Capítulo XXI

**P**ara se aproximar de Nenê, tê-la sempre junto a si, sentir-lhe o hábito perfumado, contemplá-la nas suas formas esculturais de carnações sadias, o Marcondes tornava-se de mais em mais freqüentador da sala de jantar. Ele gostava de ficar ali em meio às intimidades, por entre as saias e as conversas das três senhoras. Quase sempre tinha umas pequenas caçoadas para com sá Jovina, e a boa velha, sem mexer-se, continuando nas suas costuras e remendos, ia-lhe dando o troco respondendo-lhe no mesmo tom, não se recusando até a entrar francamente em uns duelos de espírito a que muito aplaudiam D. Augusta e Nenê. Eram então umas frases de duplo sentido, meio acanalhadas, a deixarem ver o pensamento por entre umas obscuridades fáceis, todo um mundo ligeiramente entrevisto a alegrar os circunstantes sem ferir-lhes as suscetibilidades em ostentações de rudezas, deixando uns refúgios já preparados a tendências moralizadoras, carnaval da bandalheira, em que ninguém repara, e que todos podem aplaudir sem comprometer os foros de boa educação e de severidade.

Às vezes D. Augusta tomava a direção das conversas dando-lhe um aspecto sério de quem já viveu muito e fala em nome de uma longa e bem formada experiência. Ela gostava das investigações pelo passado adentro com súbitas e extemporâneas evocações de amigos, concluindo sempre por umas apaixonadas diatribes aos tempos que correm. Outrora a vida era mais amena, mais cheia de prazeres honestos e singelos, as amizades mais duradouras e veementes, os homens mais delicados, incapazes de fumar na presença de uma senhora, tudo enfim apresentava uns ares virtuosos e refletidos de quem media o alcance de qualquer ato antes de praticá-lo! E quando tinha acabado o elogio dos tempos que foram, fazia-se satírica, analisava com uns sarcasmos brutais todo este modernismo enfezado e hipócrita que lhe fazia mal aos nervos. Não poupava nenhuma minudência, carregando o quadro de forma a fazer sobressair o lado ridículo das coisas. Os outros riam-se, achavam-lhe graça nos comentários e não tentavam discutir, eles mesmos um pouco sectários da religião do passado.

Em outras ocasiões o Pedroca só a si tomava conta das atenções, divertindo os circunstantes com as suas ingenuidades, mostrando-se muito alegre e folgazão. Ele continuava a gostar muito do Marcondes, que lhe trazia bolas sempre que voltava da cidade, e nunca cessava de acariciá-lo. Ia quase constantemente esperá-lo no portão e saudava-o com umas alegrias ruidosas, procurando repetir-lhe as histórias que ouvira a sá Jovina, acabando por trepar-lhe ao colo. E, quando entravam na sala de jantar, começavam entre os dois umas grandes brincadeiras infantis. O menino escondia o rosto com as mãos e perguntava ao outro: — *Onde estou eu?* Então o Marcondes fingia procurá-lo em todos os cantos e por debaixo da mesa, acabando por perguntar a Nenê se o Pedroca não tinha ido para o jardim. E a moça continuava o brinquedo, debruçava-se na janela, chamando pelo filho, gritando com ele

por estar apanhando sol e não obedecer às suas ordens, até que o menino, tirando as mãozinhas do rosto, corria ora para um, ora para outro, dizendo que estivera escondido ali mesmo na sala de jantar, que ouvira tudo quanto haviam conversado, achando muita graça na grande admiração que os outros mostravam.

O Pedro vinha também misturar a sua nota de boemia alegre àquelas conversas da sala de jantar e, quando voltava mais cedo da repartição, tomava parte em toda essa intimidade de viveres. Ele trazia sempre um bafo quente da vida barulhenta lá de fora, andava muito bem informado dos escândalos da véspera e não perdia vaza para encaixar as pilhérias do momento. Atualmente o seu maior gosto era zangar alguém. Ia constantemente andando pelas suas teorias afora, de dedução em dedução, até que a mulher ou sogra lhe saltasse em cima, chamando-o de ateu ou de republicano, prometendo-lhe a maldição eterna e as chamas de satanáas. Então fazia-se alegre gostando daquilo, sentindo prazer em apregoar-se homem moderno, de idéias adiantadas e revolucionárias, tomando umas atitudes guerreiras de quem quer dar cabo do mundo. E continuava, sem atender às exprobrações que lhe faziam, ostentando uns radicalismos inconcebíveis, até que D. Augusta se zangava seriamente e Nenê o mandava embora para o jardim, dizendo-lhe que não viesse mais aborrecê-la com as suas tolíces e extravagâncias.

Era enfim uma boa vida honesta e pacata a que o Marcondes andava vivendo no meio de toda essa gente cujas simpatias iam aumentando de momento a momento. E o rapaz sentia-se bem, deixava-se embalar nesse quietismo de aspirações, não querendo mais do que isto mesmo, apenas escaldado por uns desejos sensuais que lhe faziam grandes placas vermelhas nos olhos e lhe aumentavam a intensidade das pulsações. Tão fortes lhe vibravam por vezes semelhantes desejos

que ele punha-se a fitar longamente Nenê, tendo nos lábios uma torrencial de palavras prestes a desabar, retido bruscamente por umas atemorizações repentinas, temendo que a moça o repelisse logo à primeira palavra, preferindo mil vezes ficar-lhe assim na intimidade sem que ela suspeitasse a mais insignificante das suas intenções. Vinham-lhe por momentos umas vontades de abandonar completamente estes desígnios, de contentar-se com a vida mansa que ia vivendo, mas voltavam-lhe logo as primeiras aspirações aguilhoadas sobretudo pela necessidade que sentia de arremedar um homem, de ter uma conquista no seu passado.

## Capítulo XXII

Nenê andava também grandemente sobressaltada, nuns incompreensíveis de existência que ela mesma não sabia explicar. Tinha-lhe aparecido agora uns recrudescimentos de efusões maternas. Em repentes, pegava do Pedroca e beijava-o repetidas vezes, com umas grandes veemências que assustavam os circunstantes. Para com o marido tinha da mesma sorte uns transbordamentos de ternura, abraçando-o e beijando-o à vista de todos. Apesar do modo respeitador e quase cerimonioso pelo qual vivia com D. Augusta, esta não escapava às bruscas e repentinas manifestações de amizade que a moça atualmente derramava em mancheias ao redor de si e das quais nem mesmo se livrava sá Jovina. Parecia enfim que Nenê sentia em si uma exuberância de afeições que ela irrefletidamente ia prodigalizando a torto e a direito, talvez por não poder gastá-la como sonhava, nuns esquisitos de caprichos de que se admirava mais tarde, fazendo-se faceira, trabalhando nuns requintes de *toillettes*, vivendo num estranho de ilusões e de fantasias onde não se reconhecia, em cujo terreno julgava não ter pisado até aquele momento.

Dominava-a agora uma grande paixão pela música. Sonhava umas harmonias deliciosas de instrumentos bizarros e nunca vistos, tangidos por mãos celestiais, a saturar o ambiente de sonoridades excitantes, a banhar-lhe o corpo inteiro numas vagas de sensualidades. Era nuns automatismos de alucinada que ela caminhava para o piano, fazendo-lhe vibrar o teclado numas notas merencórias de tristezas sem fim por entre as quais, de momento a momento, destacavam-se nuns rápidos veios auríferos os ritmos alegres de Offenbach. Ela andava assim, a estereotipar na variabilidade das músicas o vasto movediço que lhe ia pela alma adentro; todas essas modalizações bruscas e antinômicas do seu espírito a vogar, a vogar indeterminadamente, aos azares da correnteza, pelo oceano marulhoso dos pensamentos. E quando, nuns rápidos momentos passageiros, sentia-se senhora de si e procurava sondar essas paragens ignotas, em que navegava agora, achava-se em presença de um abismo sem fundo cujas sensações más procurava abafar num mundo de harmonias.

Por vezes, mesmo durante o dia, ela exigia que o Marcondes fosse ensaiar em sua companhia alguma nova peça. Os dois dirigiam-se para a sala de visitas cujas janelas escancaradas deixam entrar francamente sol alegre e vivificante a alumiar umas paisagens verdes e encantadoras todas formadas com os arvoredos do jardim. Então olhavam-se nuns olhares longos, expressivos, que procuravam conter um mundo de pensamentos dissolvidos na tibiez própria de cada um. Olhavam-se e sorriam-se, atrapalhados, lamentando esse momento do frente a frente, que haviam desejado pouco antes, silenciosos, sem terem a coragem de pronunciar uma palavra, com medo de ouvir o som da própria voz, procurando esconder o acanhamento das suas posições. E para aparentarem uns ares de desembaraço atiravam-se logo ao piano e flauta, tentando sufocar o que lhes ia pelo organismo inteiro, a febre que os

devorava, num oceano sem fundos de harmonias, custando muito em acertar o compasso, tocando quase sempre ao acaso das recordações, vendo pouco e distraidamente a música que tinham diante dos olhos, com vontades de pôr um termo àqueles sofrimentos, de dizerem-se mutuamente os turbilhões de desejos que os abrasavam.

Pela porta que haviam deixado aberta, de envolta com o sopro de vida mansa e sossegada que vinha lá de dentro, Nenê sentia a beijarem-lhe as espáduas e a nuca, em satânicos de cantáridas, umas arreitações gostosas que a prostravam. Parecia-lhe ouvir, em tons murmurantes, umas excitações tresloucadas a lhe falarem de amor. Era a voz de D. Augusta, nas intimidades do a-sós, tecendo elogios ao Marcondes, achando-o um rapaz sério e refletido que tinha diante de si largos horizontes e um futuro sorridente de prosperidade. Era sá Jovina entoando em homenagem ao moço uns louvores sem fim, descobrindo-lhe qualidades raras, fazendo o protótipo das virilidades. Era o Pedro, que à noite, no aconchego dos lençóis, lhe contava anedotas da vida colegial, uns rasgos de coragem do amigo, umas situações difíceis de que todos se haviam retirado sãos e salvos graças à sua valentia e presença de espírito. Eram enfim as risadas infantis do Pedroca, que gostava muito do seu – amigo grande – e lhe vinha mostrar as balas que ele lhe trouxera.

E a moça curvava a cabeça num gesto gentil de vítima pagã que espera sorrindo o golpe do sacrificador. Entregava-se. Não tentava mais lutar. Parecia-lhe que a casa inteira – a mãe e o filho – o marido e a velha amiga, até mesmo os objetos, tudo quanto a circundava, conspirava para lançá-la nos braços daquele homem. E ela ficava ali, quieta e sossegada, num grande aniquilamento de si mesma, à espera de que ele se abaixasse para tomá-la. Vinham-lhe umas submissões de escrava, vontades de que ele fosse brutal, desejos de cair nuns laivos de honesti-

dades, aos últimos paroxismos de uma luta. E como ele se conservasse quieto, a olhá-la longamente numas ternuras medrosas, a moça levantava a cabeça e fitava-o com um sorriso triste de quem pede que acabem de uma vez com esses tormentos, de quem quer libertar-se quanto antes de perspectivas negras e ameaçadoras. Então os dois recommençavam novamente a música, entoando as sinfonias tristonhas de uma qualquer balada alemã, procurando afogar o turbilhão de pensamentos, que lhes ia pelo cérebro adentro, no lago tranqüilo e calmo de umas melodias norsas, merencórias e taciturnas como a natureza gelada de sua pátria.

## Capítulo XXIII

A cada uma destas superexcitações de sentidos o Marcondes retirava-se alquebrado, tendo um mundo de ardentias a escaldarem-lhe as artérias. Vinham-lhe então uns longos abatimentos, umas prostrações sem fim. Recriminava-se a si mesmo! No final das contas devia atribuir tudo à sua covardia. Adivinhava-a prestes a desfalecer, a cair-lhe nos braços! Bastar-lhe-ia abaixar-se para apanhá-la, para tê-la como sua! Entretanto não fizera nada! Deixara-a quieta e sossegada a magoar-se daquela vitória não perdida! E de si para si, confessava-se uma besta, muito ignorante nestas matérias de amor! Se ele fosse mais brutal, não tivesse tantas considerações e respeitos, não andasse atemorizado com uns receios infundados, com certeza já tê-la-ia conquistado! E lamentava-se furiosamente da sua inépcia, mal-dizia estes tempos em que se metera nas conquistas fáceis e nos amores a cinco e até mesmo a dois mil réis! Se ele tivesse aproveitado estes anos da sua primeira mocidade na aprendizagem da crápula do bom-tom, com certeza não estaria agora tão atrapalhado com este noviciato que lhe custava tanto trabalho!

E prometia emendar-se. Jurava a seus deuses que daquela época em diante havia de ser mais empreendedor. Castelava uns planos para o futuro. Agora queria Nenê fosse como fosse. Queria-a em nome de todas estas derrotas que experimentara por causa de seus modos esquerdos e de sua falta de prática. Queria-a em nome dessa paixão que lhe escaldava o sangue e lhe entontecia a cabeça. Queria-a como o primeiro degrau dessa escada por onde esperava subir ao canalhismo aristocrático, como embasamento sólido e gentil de arabescos sobre o qual pretendia erguer o monumento de suas futuras glórias D. Juanescas. Queria-a como o sarcasmo lançado aos amores fáceis do seu passado, como o complemento da sua carta de bacharel em direito. Queria-a fosse como fosse, custasse o que custasse, ainda mesmo que tivesse de passar por cima de um cadáver, numa grande superexcitação de espírito, alucinado por toda essa paixão sensual que lhe brotara de repente no organismo inteiro, nas veemências que geram as dificuldades não superadas.

Formava uns planos para futuros a sós. Dir-lhe-ia toda a imensidade de desejos que lhe abrasava o crânio. Ela havia de ceder, de se deixar cair nos seus braços. E depois? oh, como havia de ser bela a existência! Castelava-a numas alegrias sem fim, numas brutalidades enormes, numas paroxismos de sensualidades. Viveria ali, naquela mesma casa, a amá-la constantemente, a rodeá-la de carinhos e afetos. Não lhe repugnava compartilhar com o Pedro esse tesouro de amores bons que lhe adivinhava. No final das contas o outro era marido e tinha direitos adquiridos, direitos em que não ousava tocar. Seriam dois a amá-la. Apenas, evitaria por todos os meios que o outro conhecesse aquela vida a três. Era possível que o amigo não se agradasse muito com o negócio e convinha evitar as desavenças possíveis! Amá-la-ia em segredo, e sempre, e sempre. Para não abandoná-la, para nunca separar-se dela, ficaria ali mesmo no Rio de Janeiro, sem pensar mais em obter uma

promotoria, limitando-se a abrir um escritório para viver honesta e decentemente.

Oh! Ele bem sabia o que fazer depois do primeiro abraço e do primeiro beijo quente, quando já lhe tivesse inoculado um pouco daquela seiva abrasada que lhe escaldava o sangue! Para ele toda a questão, todas as dificuldades estavam no primeiro amplexo. Depois, tudo era fácil, devia suceder-se muito naturalmente como um desencadear de corolários. Apenas lhe parecia extremamente complicado o estabelecer a premissa. E a si mesmo confessava a sua impotência, reconhecia-se inapto para tanto, acobardava-se diante da perspectiva. Oh! se ele fosse ousado, se tivesse lá aprendido a aproveitar-se desses tão falados momentos psicológicos em que as mulheres param-se à beira do abismo onde se deixam cair ao mais leve impulso, com certeza já teria levado tudo de vencida, já estaria a viver aquela vida honesta e sossegada que se lhe afigurava tão brilhante e sorridente num conjunto de felicidades mansas! Oh! ele queria dobrá-lo, este Cabo Tormentoso após o qual ficar-lhe-ia, ao fim da navegação, essa Índia poética e misteriosa das voluptuosidades asiáticas!

E como se reconhecia impotente e pequenino para tão grande empresa, incapaz de levá-la ao termo, sonhava uns meios de evitá-la, de pular por cima de todas estas dificuldades. Queria uns desenlaces rápidos e fáceis para esta situação que a cada momento sentia mais complicada. Por vezes, como uma idéia boa, pareceu-lhe muito mais agradável o deixar à moça a iniciativa dos primeiros passos. Assim era muito melhor! Quando estava só, lá no quarto, todo entregue a este escaldar de desejos, mordendo os travesseiros nuns paroxismos de paixões, sonhava o vê-la chegar de repente e entregar-se a ele cheia de súplicas, pedindo-lhe que a não fizesse mais sofrer, que a tomasse já e já. Ele então mostrar-se-ia bondoso e complacente, como um José que, depois

de pequena resistência, acaba cedendo porque tem amor à roupa e não quer deixar a túnica nas mãos da mulher de Putifar. Assim, sim! E ele queria este desenlace como o mais cômodo e o menos trabalhoso, como a solução mais fácil àquele paroxismo de desejos em que viviam os dois. Havia de obrigá-la a isto, a vir-se-lhe entregar! E para determiná-la a tanto, para conseguir tudo isto procurava fazer-lhe brotar no crânio uns ciúmes fortes e veementes.

## Capítulo XXIV

**H**avia já uns dez dias que o Marcondes chegara àquela casa pelo braço do Pedro e a sua situação, bruscamente melhorada logo no seguinte dia, ia lentamente complicando-se, tornando-se dificultosa e cheia de entraves com toda essa aventura amorosa que ele ateava constantemente e nunca conseguira deslindar com a sua natural tibieza e falta de prática. Sentia a necessidade de não prolongar por mais tempo este estado todo anômalo de viver. Precisava dar um desenlace a este pequeno incidente! E como não se reconhecia coragem para arcar frente a frente com a situação, como a sua franqueza andasse sempre a atemorizá-lo procurou uns caminhos tortuosos para chegar ao termo da conquista empreendida. Firmemente persuadido de que Nenê acabaria por entregar-se toda inteira, de corpo e alma, à discricção do vencedor, almejava fazê-la render-se sem combate e sem resistência, e pareceu de muito boa tática o despertar-lhe uns ciúmes em cujos acessos violentos a moça viesse procurá-lo; e só esperava um ensejo para pôr em execução este plano para ele tão cheio de prometedores resultados.

Uma noite quando todos já se tinham retirado do portão, e, reunidos na sala de visitas, prestavam atenção a Nenê, que preludiava no piano uma *romanza* italiana, apareceu a visitá-los a família Moreira. Foram então uns grandes rebuliços, uns transbordamentos de alegrias. Havia tanto tempo que não se viam! E de parte a parte recomeçavam os beijos e os abraços, um desencadear sem fim de efusões ternas. O Marcondes foi imediatamente apresentado pelo Pedro ao Sr. Moreira – um sujeito alto e bem falante, já meio idoso, que ocupava uma posição elevada no funcionalismo. Logo em seguida, à voz de Nenê, que o chamava para o círculo das moças, ele dirigiu-se para junto do sofá onde recomeçaram as apresentações às filhas do tal sujeito. Eram três irmãs, muito galantes, de cabeças louras, os cabelos bastos e sedosos caindo despreziosamente até a cintura. Trajavam igualmente uns elegantes vestidos de cetineta, com casacos de cetim arremedando fraques, quase disfarçadas em homens, com os competentes colarinhos e as gravatas com pregador em ferradura.

A conversa generalizou-se. Vieram logo a falar sobre modas. Nenê elogiava muito aquele feitiço de vestido, e declarou imediatamente que havia de mandar fazer um igualzinho. Achava graça nessa ousadia de fraques e coletes. Mas o Marcondes entendia que cada sexo tinha obrigação de guardar os seus trajes e não se meter a inovações capazes de confundi-los. Então discutiu-se muito o assunto, cada qual trazendo o seu parecer, alterando a voz para se fazer ouvir no grande barulho que reinava. De modas, sem transição, passaram a tratar da Rua do Ouvidor. As meninas Moreiras tinham estado lá na véspera. Sempre muita gente! Às vezes era até difícil de atravessá-la! E diziam os encontros que tiveram: as filhas do Nicolauzinho, a noiva do Artur – um primo delas, e outras, e outras, um nunca acabar. O Marcondes ouvia-as com muita atenção, não perdendo vaza para encartar uma gra-

çola ou uma amabilidade. Resolvera-se a aproveitar o ensejo para executar o plano concebido e olhava para as três, procurando escolher a mais bonita, indeciso, ainda não sabendo a qual devia dar preferência, acabando por decidir-se pelo narizinho arrebitado da mais moça, que respondia pela alcunha de – Linda.

Como viessem a falar sobre música e sá Jovina contasse os concertos habituais da noite, as meninas Moreiras insistiram para que os dois fossem executar. Depois de umas pequenas negaças facilmente vencidas, Nenê dirigiu-se para o piano convidando o Marcondes a pegar da flauta. Então começaram. O rapaz fazia-se, porém, distraído, raramente acertando o compasso, voltado para a Linda a quem parecia fulminar com os seus olhares ternos a segredarem umas declarações de amor. E como observasse que Nenê apercebia-se dos seus manejos e não prestava mais atenção à música, continuou, procurando fazer-se mais notado, muito contente em ter posto em prática o seu plano, prevendo desde já uma próxima cena de ciúmes veementes após a qual a moça se lhe entregaria inteira e completamente, pedindo-lhe que não fosse tão mau, que a amasse pelo menos um bocadinho! Entretanto a música terminara-se sem grandes entusiasmos de aplausos, apenas com uns cumprimentos de civilidade, sem insistência para que executassem mais alguma coisa, todos passando logo a outro assunto.

Desde então, já nas conversas da sala, já durante o chá, Nenê conservou-se muito irascível e cheia de bruscarias. Forcejava em atrapalhar todos os colóquios do Marcondes com a Linda; o rapaz, que notava estas súbitas transformações, fazia-se mais amável para excitá-la e provocar-lhe a tão ansiosamente esperada cena de ciúmes. A moça sentia-se fora de si, não podendo compreender bem o que se passava no seu organismo. No final das contas ela gostava do Marcondes e percebera havia muito tempo que o rapaz lhe retribuía na mesma moe-

da! Nunca tivera a idéia de aceitá-lo para amante! Ela era muito honesta e não queria de forma alguma ser infiel ao marido! Mas o amor submisso e sossegado do moço lhe parecia muito decente, uma homenagem rendida à sua beleza vaidosa, homenagem recebida sem escrúpulos, nunca lhe tendo passado pela idéia a possibilidade de uma exigência! E agora zangava-se, não o queria para si, mas opunha-se também a que ele andasse requestando outras mulheres, entendendo que o rapaz tinha obrigação de dedicar-lhe uma contemplação gratuita de devoto!

## Capítulo XXV

O Marcondes exultava. Agora só lhe bastava deixar que a semente germinasse! Nenê devia necessariamente fazer uma qualquer, uma demonstração repentina, um desses atos que desmascaram os mais íntimos sentimentos, e ele contava aproveitar-se do ensejo para a realização de todos os seus desejos. Dera-lhe boas noites, assim como quem diz – até logo. Lá em cima, no quarto, esperava-a. Todo o seu romantismo natural fazia-lhe pensar que a moça arranjaría qualquer pretexto, aproveitar-se-ia do sono do Pedro para ir esprobar-lhe o seu procedimento, chamá-lo de traidor, acabrunhá-lo com impropérios, por trás dos quais se sentiria veementemente um mundo de paixões a calciná-la. Ele então seria bom, perdoar-lhe-ia todos estes insultos, procuraria acalmá-la, gastando-lhe o fogo nuns beijos longos, amorosos e quentes! E esperava sempre, indefinidamente, num exaltamento de sensualidades, tendo apagado a luz e deixado a porta aberta, estremecendo ao menor ruído, julgando a cada momento palpar-lhe, entre os braços, o corpo gentil das boas carnações sadias, das desenvolturas fáceis de serpente.

E de fato, Nenê com a longa meditação da noite, ali na cama, sentindo por entre a branda quentura dos lençóis o corpo do marido todo entregue à satisfação de dormir, burilava umas elaborações penosas de pensamentos maus. Achava que o Marcondes procedera muito canalhamente querendo namorar, ali mesmo às suas vistas. Vinham-lhe uns verdadeiros ciúmes a esquentar-lhe o sangue. Queria-o para si, não como um amante, mas como um adorador! Habitara-se àquelas demonstrações silenciosas e humildes de veneração. Toda a sua vaidade de mulher bonita gostava desse incenso com que lhe acariciavam a plástica graciosa. Chegara mesmo a sonhar a existência assim. Numa grande calma de paixões e de rivalidades ela queria viver entre a mãe, o marido e o filho e tendo o Marcondes como um sacerdote da sua religião; ela lá em cima, em um altar, bela e impassível como uma deusa a respigar todos os fanatismos histéricos dos seus crentes, muito boa, consentindo que a adorassem!

E no dia seguinte a moça acordou muito enraivecida e de mau humor, ralhando com todo mundo e a qualquer propósito, fazendo-se má castigando o Pedroca porque fora ao jardim contra a sua ordem expressa. Durante o almoço mostrara-se muito cheia de bruscarias, tratando o Marcondes com umas ostentações de friezas. E assim levava todo o dia, sempre irritadiça, mudando constantemente de lugar. À noite, quando foram para o portão, naquele hábito contraído desde tantos tempos, continuou a perturbar todos os prazeres e divertimentos, interrompendo as conversações, dizendo que estava incomodada, que os outros não lhe ligavam importância, que a deixavam sozinha sem lhe prestar atenção. Mais tarde, à hora costumeira da reunião na sala de visitas, ela ainda redobrou de maus modos e declarou positivamente que não queria mais tocar piano, que estava farta de cansar-se para divertir umas pessoas que não sabiam lhe agradecer e levavam a

debicá-la e a criticar-lhe a execução, que chegavam mesmo a negar-lhe vocação musical!

Então a noitada tornou-se enfadonha e entristecida. Todos andavam inquietos, sentindo vagamente no ar que respiravam a ameaça de um cataclismo. D. Augusta quis mesmo fazer umas pequenas observações à filha, mas foi recebida com um olhar tão ameaçador que recolheu-se prudentemente aos bastidores. Nenê não era má, mas quando se zangava ficava insuportável, incapaz de atender a quem quer que fosse, e nessas ocasiões era sempre melhor deixá-la sossegada para não azedar-lhe o ânimo! O Pedro também tentou intervir no negócio, não podendo compreender esta brusca reviravolta na mulher, que ainda na véspera tão contente, cantarolando alegremente, tendo também de recuar ante o modo pelo qual foram recebidos os seus comentários. E só Jovina, que não gostava destas brigas, propôs que tomassem imediatamente o chá e fossem todos deitar-se cedo, ela mesma resolvida a partir no caso de piorar a situação, adivinhando alguma coisa do que se passara.

O Marcondes lamentava-se agora de ter posto em prática o plano tão longamente concebido e do qual esperara tanto. Se ele não se tivesse metido a querer rapidez no desenlace daquela pequena aventura que ainda se conservava oculta, não lhe teriam acontecido coisas destas. Atualmente parecia-lhe que havia procedido mal e arrependia-se do que fizera. Tinha mesmo vontades de chegar junto à Nenê e de dizer-lhe que o incidente da véspera não passara de uma farsa improvisada no momento. Mas a moça olhava-o com tanto rancor que não se animava a isto e conservava-se silencioso, não sabendo que jeito havia de dar a esta complicação, saudoso da boemia alegre dos outros tempos, com vontades de aniquilá-lo este dia que lhe parecia tão fatal aos seus amores, como que o esvaimen-

to de todas as suas esperanças. E ficava irresoluto, não sabendo o que fazer, confiando no tempo para apagar todas estas reminiscências, esperando ainda na possibilidade de voltarem às grandes intimidades iniciais, apressando-se em ir para o quarto a fim de fugir a essa realidade opressora.

## Capítulo XXVI

Desde então começaram a reaparecer aquelas friezas e cerimoniosidades dos primeiros dias, agora mais fortes e atrapalhadoras por todo este intervalo de intimidades. Já tinham completamente desaparecido as conversas longas e intermináveis com que eles andavam a matar o tempo. Por vezes o Marcondes ainda tentava as familiaridades de outrora, mas via-se logo embaraçado com as respostas monossilábicas que recebia. O Pedro mesmo não ostentava mais as primeiras expansões, tomava uns ares tristonhos e esquecia as suas boas pilhérias ruidosas de então. Apenas o Pedroca continuava a mostrar grandes amizades ao rapaz e a ir recebê-lo no portão. Durante as refeições a fisionomia séria e reservada de cada um abolira completamente as jovialidades com que eles costumavam apimentar os pratos e preencher os intervalos. Enfim o Marcondes, lenta e lentamente, sentia a formar-se em torno a si um grande vácuo no qual se debatia estonteadamente, não podendo compreender uma tão brusca transformação; ele mesmo achando agora que aquela existência não era tão boa como parecia, furtando-se a ela o mais que podia.

Nenê constituíra o centro deste movimento que ia lentamente mi-  
nando e solapando o edifício de felicidades que o Marcondes se cons-  
truíra. Agora a moça tinha-lhe uns ódios e uns rancores veementes.  
Não podia aturá-lo e ficava nervosa só com a sua presença. Na grande  
febre dos seus ciúmes fora-lhe dado examinar em toda a verdade a sua  
situação. Vira-se prestes a cair, a desfalecer nos braços desse homem  
que o marido trouxera um dia para casa e que neste momento a im-  
pressionara tão desagradavelmente. Sentira mesmo que devia à inex-  
periência e acanhamento do rapaz o ter-se ainda conservado pura e  
sem mácula. E odiava-o duplamente. Odiava-o por toda a sua honesti-  
dade que agora lhe vinha em borbotões à flor da pele, horrorizada do  
abismo pelo qual escapara de rolar tão desastradamente; odiava-o por  
causa desse amor que ainda lhe tinha, por causa de toda a sua mulheri-  
dade exuberante de moça formosa, por todas estas vezes em que esti-  
vera junto a ele a palpitar de sensualidades, por não se ter ele aprovei-  
tado dessas ocasiões que ela inconscientemente lhe oferecera tantas  
vezes! Oh! odiava-o muito!

Sá Jovina encarregara-se de fomentar todas estas tendências.  
Toda a sua bÍlis, acumulada na longa vida de dependências e humi-  
lhações, vinha-lhe à tona, numas frases causticantes que endereçava  
ao moço. Fora ela quem, reconhecendo as latências de animosidades  
que se convergiam lentamente para o Marcondes, estimulara-se e ou-  
sara mesmo pronunciar a primeira acusação, da qual todas as outras  
não eram mais do que conseqüências. E desde então ela, que já come-  
çava a sentir um tanto abalado o seu próprio crédito, firmava-o e res-  
tabelecia-o com os destroços dessa outra amizade que estraçalhava.  
Ao princípio Nenê e D. Augusta limitavam-se a ouvi-la, sem mesmo  
arriscar uma aprovação com a cabeça, intimamente gostando dessas  
críticas que concordavam tão inteiramente com as próprias opi-

niões. E a boa velha continuava lentamente no seu trabalho de toupeira a minar o solo em que pisava o rapaz, esperando já o momento em que lhe faltasse o terreno debaixo dos pés, contando aproveitar da ocasião em que ele desabasse para auferir alguns proventos, ganhar os resíduos dos destroços esparsos.

Todos iam se deixando arrastar insensivelmente, sem saber como nem por que, por esta correnteza a acumular desafeições contra o Marcondes. D. Augusta já não o ouvia mais como antigamente, não mandava-o chamar como dantes para as conversas íntimas de durante o dia, não podendo ela mesma explicar a origem de tudo isto, ouvindo benevolmente as maledicências por sá Jovina segredadas a seu respeito, compreendendo haver da parte de Nenê uma tal ou qual antipatia para com o rapaz. E a boa senhora não se dava ao trabalho de indagar a origem de tudo isto. Conservava-se muito calma e tranqüila sem querer ajuizar sobre o caso, entendendo que se tratava de uma qualquer coisa insignificante e passageira, lamentando até que não voltassem aos imediatamente primeiros dias, àqueles longos serões de músicas sem fim em que o espírito alegre e folgazão do Marcondes podia vagabundar pelos assuntos, animando a conversa, dando-lhe umas feições ao mesmo tempo séria e pilhérica, ajudando a gente a matar as horas enquanto não chegava o sono.

O Pedro mesmo, sem compreender o que se passava em si, começava a aborrecer-se do Marcondes. Já não eram mais aquelas grandes efusões dos primeiros dias, aquelas conversas que se prolongavam pela noite afora. Ele agora fazia-se mais discreto e menos comunicativo. Apenas, nas horas de refeição, sentindo o mal-estar que lentamente se apoderava de todos, procurava animar a conversação, dar-lhe uns aspectos de jovialidades. E como reconhecia-se fraco ele só para tamanha empresa procurava um apoio no Marcondes, tentando espicaçá-lo

a fim de rir-se do eflúvio de palavras e teorias pândegas, com que o rapaz costumava responder a esta ordem de provocações. Ao princípio servira-se de uns meios brandos, de umas caçoadas ligeiras. Mais tarde encontrando-lhe, com grande pasmo seu, uma epiderme moral muito coriácea, fora gradativamente aumentando a intensidade dos seus ditos, fazendo-os ferinos, contente quando o Marcondes zangava-se ou um sorriso de aprovação aparecia nos lábios de Nenê, compreendendo que se estava passando alguma coisa estranha, mas muito preguiçoso para se dar ao trabalho de investigá-la.

## Capítulo XXVII

**O** Marcondes, que nos últimos tempos havia abandonado completamente a sua pretensão de obter uma promotoria, voltara a se ocupar assiduamente do negócio, contente em achar qualquer coisa que o prendesse na rua. Agora andava a fazer muitas visitas e a procurar cartas de recomendação para o Ministro da Justiça que não mostrava muitos desejos de servi-lo. E ele teimava em ser bem sucedido, querendo seguir imediatamente para junto da família, já cansado da vida que levava, meio pessimista, a acusar o mundo das contrariedades que sofria, sobretudo não poupando sarcasmos à amizade – uma coisa com que a gente sempre se sai mal! Uma ocasião demorara-se fora além das horas do costume e fizera com que o esperassem muito tempo para o jantar. Então, como notara um recrudescimento de antipatias, pedira para que nunca mais o esperassem além das 4 horas e, dois dias depois, convidado para um jantar de cerimônia em que esperava ser apresentado a um amigo íntimo do ministro, prevenira o Pedro de que só voltaria de noite.

Foram grandes as alegrias experimentadas pela família ao saber da notícia. D Augusta mesma já andava cansada das etiquetas a que se sujeitava por causa da presença do rapaz. No final de contas ele era um estranho e a gente não podia ter, à sua vista, a grande expansão das intimidades! Era preciso tomar alguns cuidados nas expressões, ostentar uns modos severos. Enfim, era sempre um estranho, um homem que se metera por ali adentro e que já começava a importuná-los! E todos apresentavam-se com uns ares prazenteiros, fisionomias rejuvenescidas, prometendo-se uns mundos de prazeres. Até mesmo Pedroca parecia mais risonho, contente em poder ficar perto da avó que agora o enchia de carinhos, dizendo também as suas gracinhas, encantando a todos com as suas boas e argentinas gargalhadas infantis, comunicando aos outros toda a sua alegria de criança que gosta das novidades sejam quais forem e que aborrece-se logo que sente-se dentro de uma habitualidade enfadonha.

Nenê, que andava sorumbática e amortecida, fez-se também alegre, voltando aos seus belos tempos despreocupados, servindo ao marido, querendo picar a carne do filhinho, num grande transbordamento de amizades. De momento para momento aumentava-lhe o ódio que dedicava ao Marcondes. Não podia mais aturá-lo e ficava nervosa com só ouvir-lhe a voz. Ele a fizera sofrer tanto! E sem formular bem claramente a acusação, sem mesmo compreendê-la inteiramente, exprobase-lhe o ter ofendido a sua honradez e despertado a sua sensualidade, nem maculando a primeira, nem satisfazendo a segunda. Ela perdoar-lhe-ia tudo, uma declaração forte e veemente, uma audácia espantosa, o segurá-la de repente quando eles estavam a sós e beijá-la, beijá-la por muito tempo, indefinidamente. Nunca, porém, o que fizera o Marcondes — excitá-la, fazer-lhe passar pela nuca uns hálitos quentes de arreitações para largá-la em seguida exausta e não satisfeita, a pedir mais, a pedir

tudo e sem conseguir coisa alguma — espécie de gota d'água a aviventar a sede de quem a prova nos lábios ressequidos pela abstinência!

E no meio do bem-estar que sentiam todos com a ausência do Marcondes, sá Jovina julgou prudente lançar algumas das frases sarcásticas que lhe ditava a maledicência. Como elas fossem muito bem acolhidas e D. Augusta arriscasse mesmo um comentário, a velha voltou à carga, muito satisfeita por lhe acharem graça, fiel à sua posição de divertidora, de quem paga a hospedagem com histórias engraçadas e até mesmo escabrosas, ao paladar do freguês. Então redobrou de causticante, haurindo coragem e incentivos nos aplausos que encontrava. Não o achava tão bonito como parecia. O nariz era muito grande; o corpo sem jeito, desengonçado. Depois passava-lhe em revista o moral, relembrava fatos, reconstruía-o em todos os seus ruins aspectos. Acusava-o de pretensioso, pensando-se uma grande coisa quando não passava de um bacharel sem fortuna, enfatuado, acreditando que todo mundo devia estar-lhe debaixo dos pés em contínua adoração.

O Pedro ao princípio tentara defender o amigo. Achava sá Jovina muito exagerada! O Marcondes não era tão mau assim! Tinha boas qualidades que o recomendavam logo de primeira vista! Depois, fora sempre um bom companheiro, muito prestadio e serviçal! No colégio prestara-lhe muitos obséquios e ele não queria mostrar-se ingrato! Mas ao pouco e pouco, vendo o modo pelo qual lhe acolhiam as palavras, e os aplausos que sá Jovina continuava a receber, atrapalhou-se um bocado. No final das contas nem ele mesmo sabia explicar o que sentia, o que lhe ia pelo corpo adentro. Deixava-se, porém, arrastar pela correnteza de antipatias que convergiam para o Marcondes. Ele mesmo já estava cansado de encontrá-lo a todo momento, já gastara toda a reserva de amizades que acumulara durante anos, durante a

prolongada ausência do amigo de colégio. E além disto, agora que o outro não estava ali, parecia-lhe tão boa a vida assim, sem um estranho a colocar-se de permeio às suas afeições! Tanto que calou-se deixando a velha inteiramente senhora do campo, continuando indefinidamente nos seus sarcasmos e maledicências.

## Capítulo XXVIII

No dia seguinte o Marcondes encontrou mais fortemente acentuada a frieza dos dias anteriores. As palavras de sá Jovina, tudo aquilo que eles pensavam em segredo mas que não tinham a coragem de formular, pensamentos anônimos que acabavam de encontrar na boa velha um editor responsável, produziam o seu efeito. Agora eles sabiam de que acusá-lo, corporizara-se a aversão vaga e indefinida – espécie de humores a vagabundar pelo organismo inteiro determinando umas perturbações gerais que acabam por assestar-se em uma região qualquer e apresentam-se francamente nos conjuntos sintomáticos do tumor. Evitavam-no. Procuravam subterfúgios para não lhe responder, deixavam-no sozinho na sala de jantar a braços com um rumor indeterminado de acusações murmuradas. Ele fazia-se forte. Aparentava uns ares calmos e sossegados de quem tem a consciência tranqüila, fingia não se aperceber dessa corrente de antipatias que se dirigia para si como umas duchas fortes, tendo ainda a acalentar-lhe os sonhos uns laivos de esperanças.

Entretanto sentia-se a incomodar. Vinham-lhe aquelas sensações más dos primeiros dias em que aparecera ali, pelo braço do Pedro. E agora elas lhe pareciam mais fortes, mais veementes, mais difíceis de aturar. Não se tratava mais de uma reserva para com desconhecido, de uma inimizade gratuita. Por mais que quisesse pensar o contrário e se deixasse embalar pelos ventos brandos da esperança a sua situação não era a mesma. Não se tratava de conquistar afeições, mas sim de reconquistá-las. Era preciso, agora que o atacavam, defender-se, provar as suas boas intenções, entrar novamente em campanha, mas numa campanha mais difícil porque não tinha aliados, sentia-se só, inteiramente só, quase abandonado pelo Pedro! E, além disto, intimamente apareciam-lhe a contê-lo nos seus ímpetos guerreiros umas espécies de remorsos a reprovar-lhe o procedimento, a dizerem-lhe que fizera mal em querer seduzir a mulher do amigo que tão fraternalmente lhe abrira a casa. Oh! estava bem só, sentindo-se ele mesmo contra si!

Até o Pedroca, que antigamente lhe dispensava tanta amizade e ia sempre recebê-lo ao portão, mostrava-se agora arredio às suas graças e amabilidades. Parecia também enfasiado da sua pessoa, com vontades de vê-lo pelas costas. E o Marcondes impressionara-se muito com isto. Tinha pela criança uma grande e verdadeira afeição. Achava-o tão galante com a sua cabecinha loura e os olhos claros e inocentes, a boca pequenina e rubra que sorria tão bem, tão engraçada quando se remexia ao fluxo das palavras e das idéias! Demais redobrava-lhe a paixão por Nenê. Queria-a ainda. Queria-a sempre, fosse como fosse, custasse o que custasse! E o Pedroca parecia-lhe um pedacinho da moça, a trazer-lhe o seu aroma suave, a destilar aquela beleza das carnações sadias. Gostava de tê-lo ao colo como uma emanação do objeto amado. E a criança fugia-o,

torturando-o, aumentando-lhe os padeceres, fazendo-o sentir mais grandemente todo esse isolamento e essa repulsão que haviam cavado em torno a si, onde ele se debatia em vão, onde gastava a sua energia inteira, sem encontrar ao menos um pretexto para romper, preso num círculo de cerimoniosidades.

Então ele quis saber ao certo do que se tratava, acreditando ainda que a sua imaginação coloria negramente o quadro, fazia as coisas pior do que eram, esperando ser dissuadido, sonhando ter-se enganado e suspeitado aversões e ódios onde talvez houvesse apenas alguma dor íntima que lhe queriam ocultar. Recorreu à Marocas, criando-a de perguntas, não lhe dando tempo para responder, desejando e receando ao mesmo tempo uma revelação. E quando a rapariga principiou a falar, entrando em detalhes íntimos, repetindo-lhe parte da discussão que ouvira ao jantar, achando prazer em remexer bem o ferro na ferida, ela mesma cansada de encontrá-lo a todo instante e das brutalidades de cada noite, o Marcondes sentiu umas lágrimas umedecerem-lhe a face. Por mais que tivesse dado pasto à sua imaginação nunca lhe passara pela cabeça a possibilidade de tantos horrores. E ficara abatido, sem coragem para reagir, arrependido de ter feito estas perguntas à Marocas, preferindo agora ignorar tudo quanto diziam ao seu respeito.

E ele conservou-se assim, não sabendo o que devia fazer. Vieram-lhe a princípio vontades de lutar, de ir lá embaixo, de pedir satisfações a cada um, de brigar com o Pedro, de esbofetear sá Jovina. E em pouco abandonou completamente estas idéias belicosas. Lembrou-se de fazer-se humilde, de pedir perdão, de dar dinheiro à velha para que ela desmanchasse a sua obra e principiasse a falar bem a seu respeito. E andava assim, de um para outro alvitre, acobardado dentre tudo com a perspectiva enfadonha de romper bruscamente com aqueles sonhos de

existência que fizera tão belos, de abandonar aquele ninho acolchoado onde se sentia tão bem. Mais tarde, e só depois de muita reflexão e de muito desânimo, resolveu-se definitivamente a mudar de casa. Pareceu-lhe isto a melhor forma de sanar todas as dificuldades, de resolver aquele súbito problema que o acaso dos fatos lhe punha na frente. E com uma rapidez de execução, ali mesmo de noite, pôs-se a arrumar a bagagem, querendo retirar-se no dia seguinte, achando repugnância em conservar-se por mais tempo naquela casa.

## Capítulo XXIX

**E**ntretanto não lhe era de grande facilidade o formular a resolução tão bruscamente tomada. Ele continuava envolvido nuns círculos de cerimoniosidades que não lhe permitiam franquezas de movimento. Sentia-se como que tolhido e abafado. Não podia chegar lá embaixo e dizer assim sem mais nem menos ao Pedro que se via obrigado a mudar-se daquela casa porque o maltratavam, porque lhe faziam a existência má, porque Nenê se apaixonara por ele e as coisas não tinham ido até o fim e a moça, prestes a entregar-se, fugira bruscamente do abismo em que escapara de se precipitar! Era preciso aparentar cortesias! Lembrou-se então de que estava naquela casa havia perto de um mês e que tinha obrigação de dar um presente de valor, uma jóia qualquer, para pagar a hospedagem. Este pensamento revoltava-o e punha-o em embaraços. Pois ainda em cima de tudo quanto lhe haviam feito, ele tinha de fingir-se agradecido, de ficar devendo um favor, de sujeitar-se a oferecer uma pulseira ou um colar à Nenê?!

E continuava a procurar um pretexto. Temia, dentre tudo, que o Pedro, com o seu sistema de não ver nada, de passar despercebido por junto de todos estes dramas de família, não compreendesse a situação e insistisse para que ficasse. Lembrava-se da cena do bonde, quando ele quisera partir, e lamentava-se de não ter então mostrado mais energia. Quanta coisa não teria evitado com isto! E buscava um pretexto, um pretexto forte que não admitisse dúvidas. Veio-lhe então à idéia uma viagem. E recordou-se que em sua vida acadêmica, lá no Recife, estivera em contato e intimidade com muitos estudantes de S. Paulo que não poupavam elogios a esta última cidade e à sua academia. Por vezes projetara ir concluir aí os seus estudos. E resolveu-se então a dizer ao Pedro que encontrava muita dificuldade em obter a promotória e formara a intenção de ir defender tese em S. Paulo, porque com esta nova carta aplainava todas as barreiras e ser-lhe-ia fácil arranjar o que quisesse.

Foi no almoço, quando já tinha deixado lá em cima a bagagem pronta, que ele formulou o seu projeto. Tencionava sair logo depois da refeição para comprar o presente e voltar de tarde para entregá-lo e levar a bagagem. Ficaria até a manhã seguinte em um qualquer hotel nas proximidades do Campo de Santana e partiria pelo trem da madrugada. E foi, aos bocadinhos, preparando o terreno, receoso de encontrar uns pedidos de desistência, querendo-os ao mesmo tempo, excitado pela presença de Nenê, pensando ainda possível remover todas as dificuldades e entrar francamente na sonhada existência de amores, que ele declarou a resolução que tomara. Como todos ficassem calados ainda não compreendendo bem o que ele queria, amontoava argumentos, atrapalhando-se visivelmente, tornando-se cada vez mais metafísico à força de querer explicar-se. E só no fim, quando ele não sabia mais o que dizia e procurava safar-se daquela situação falsa em que

se achava, concluiu o seu pensamento dizendo que partia no dia seguinte e de tarde viria buscar as bagagens.

Então o Pedro aprovou muito o seu procedimento e continuou na mesma atrapalhação a ajuntar frases, não querendo dizer quanto estimava a notícia da sua imediata partida. Ele também pôs-se a discorrer sobre as vantagens da carta de doutor. A gente ficava mais independente! Os ministros tratavam com mais considerações! E ia por aí afora, nem ele mesmo sabendo o que dizia, apenas dentre toda esta prolixidade, destacando-se como um estribilho, os louvores à resolução tomada. Fizera muito bem em não se sujeitar mais às maçadas das antecâmaras! Quando voltasse com mais este título, a sua pretensão, tão fortemente apostilhada, seria prontamente despachada. Se era uma futilidade aparente, o título de doutor não deixava de influir poderosamente na vida prática! E o Pedro continuava sempre na mesma toada, com receio de um silêncio durante o qual arrepentasse de repente este segredo que todos sabiam e que cada qual fingia ignorar.

Os outros mal podiam ocultar as alegrias que lhe vinham a flux dos rostos. De toda esta lengalenga só tinham compreendido uma coisa — que o Marcondes ia mudar-se, naquele mesmo dia, que logo de noite estariam a sós na grande intimidade da família, sem esse estranho a perturbar-lhes as expansões. D. Augusta, a fim de ocultar o seu contentamento, fizera-se ainda mais severa e cerimoniosa, presidindo a mesa com o seu busto aristocrático de palaciana. Nenê tornara-se francamente alegre, sorrindo para o filho, debruçando-se sobre a mesa para examinar-lhe o prato e picar-lhe a carne mais miudinha. Sá Jovina, essa, nadava em vanglórias. Sentia-se feliz e confiante nos seus préstimos. Tudo aquilo era sua obra! Fora ela, a desgraçada que não tinha casa, quem o pusera pela porta afora! E agora ia ficar sozinha, ali,

sem nenhum outro estranho com que eles repartissem a afeição que lhes sobrava! E ficaria ali, a cobrar o trabalho, a pedir a Nenê que lhe pagasse o serviço, que lhe pagasse o sossego de corpo e de espírito em que ia dormir daquela noite em diante!

## Capítulo XXX

A tarde, nas proximidades da hora do jantar, o Marcondes voltara com uma carroça na qual devia acondicionar as bagagens. Depois que esta partiu e cessou todo aquele rebuliço de carregadores a descerem as malas, o rapaz dirigiu-se para a sala de jantar, onde estavam todos reunidos, a fim de despedir-se e de entregar o presente que trouxera. Resolvera-se por um relógio e corrente de ouro que pretendia oferecer ao Pedroca, mas do qual Nenê podia servir-se se o quisesse, assustado com a idéia de ver a moça recusar o mimo no caso de lhe ser diretamente ofertado. Naquela hora sentia-se fraco e acabrunhado, a caminhar pesadamente, nuns passos ofegantes de condenado que se dirige à força. Mais forte e apetecível do que nunca lhe parecia aquele quadro holandês de vida familiar e honesta no emolduramento artístico do grande salão de madeiras. E lamentava o ter de abandonar todo aquele cantinho de mansidões em que por vezes sonhara viver uma vida morna de tranqüilidades

sem fim a deslizar-se suavemente nos aconchegos bons desse ninho acolchoado.

Logo ao primeiro plano, como o vulto proeminente sobre o qual caíam fortemente os efeitos de luz, nas suas carnações sadias e belas curvaturas sensuais, destacava-se Nenê, a encará-lo fixamente, com um sorriso triunfal a entreabrir-lhe os lábios carnosos e rubros levemente separados pela linha branca da dentadura. Perturbou-se ao seu aspecto. Sentia-se pequenino e covarde ante aquela mulher que escapara de possuir, que por tanto tempo fora sua em pensamento, que tantas vezes sonhara abraçar no febril de uns sonhos de voluptuosidade, em cujos olhos vira tantas vezes tremeluzir uma súplica de amor. E este agora reaparecia-lhe mais forte e veemente, aumentado com os impossíveis que o rodeavam, recrudescido por tudo quanto havia sofrido. Os olhos se lhe umedeciam dolorosamente e, cada vez mais atrapalhado, reagia sobre si mesmo, querendo aparentar fortalezas, disfarçar todas as emoções que lhe enchiam sofredoramente o organismo inteiro.

Então começou a despedida, dirigindo-se primeiro para o Pedroca, que lhe escondia a cara, e a quem entregou a caixinha. Como a criança se voltasse e sorrisse, meio admirada, veio-lhe um grande prazer e abriu a caixinha de couro da Rússia para colocar ele mesmo a jóia. Abaixou-se, um joelho em terra para ficar à mesma altura, e pôs-se a brincar com a criança que se fazia alegre e o abraçava, contente de ter um relógio, querendo examiná-lo imediatamente, pedindo que lhe mostrassem o bichinho que fazia *tic-tac*, correndo de um lado para outro a fim de ostentar a todos o presente que lhe tinha dado o seu amigo grande. Foi esse um momento de satisfação para o Marcondes. As fisionomias se tinham desenrugado ante o aspecto risonho da criança, disputando-a, achando muita graça em vê-lo com a sua roupa de fus-

tão azul-escuro por sobre o qual luzia o ouro novo da corrente. Apenas, o Pedro perguntara-lhe se ele queria pagar com aquilo a hospedagem, mas fizera-o numa forma de quem não estava zangado, dando-lhe ensejo para agradecer as inúmeras finezas e atenções com que o tinham tratado.

E depois de ter abraçado e beijado o Pedroca, o Marcondes dirigiu-se para os outros. Cumprimentou cerimoniosamente a D. Augusta, repetindo-lhe novamente os agradecimentos que fizera ao genro, oferecendo-lhe os seus pequenos préstimos e garantindo-lhe uma gratidão eterna, na grande hipocrisia da sociedade. A velha senhora respondia-lhe no mesmo tom, alambicando a frase, dando-lhe uns jeitos de quem tem trato de salão. Foi-lhe, porém, impossível continuar na mesma comédia com sá Jovina a quem nem mesmo estendeu a mão. Em presença de Nenê portou-se com bastante sangue-frio, encarando-a fixamente, agüentando-lhe o peso do olhar e aparentando sempre a mesma jovialidade. O Pedro abraçou-o e, como lhe voltassem as primitivas expansões de amizade, convidou-o para jantar. O seu talher ali estava a esperá-lo! O outro recusou-se. Tinha prometido ir à casa de um amigo que o esperava. E ele retirou-se com um grande cumprimento acompanhado até o portão pelo Pedro e pelo Pedroca.

Lá fora, quando se sentiu só, enxugou o suor que lhe pelejava a testa. Sentia-se oprimido caminhando vagarosamente, ainda não podendo compreender bem o que se passara, a reconstruir aqueles vinte e tantos dias que levara em casa do amigo. Reviu-se no primeiro dia, chegando ali pelo braço do Pedro, ainda fresco da viagem, topando de repente com uma antipatia inicial, com um retraimento de caramujo que se esconde na concha! Mais tarde, vencidas as primeiras dificuldades, ele dominara na casa, rodeado de afetos e de carinhos! E, depois desse

apogeu de felicidades, a sua estrela começara a descambar! Agora saía expulso dali por todo um processo inconsciente daquele organismo familiar. Também a culpa era dele! Lá nos tempos bíblicos, e por um fato idêntico, o outro tinha ido para a cadeia! Mas a lição havia de aproveitar-lhe! No camarim da mulher de Putifar ele deixaria nunca mais a sua capa de José do Egito!



 LAR



## I

**E**ra Sinhá uma rapariguita vulgar. Assim pelos 18 anos, franzina, de carnes flácidas e amorenadas. No rosto não tinha traços bellos; nem feios também. Faltava-lhe na feitura um cunho artístico, a nota vibrante da personalidade, a suprema audácia de um sonhador. Possuía na modelagem o anonimato das estátuas de gesso que se vendem aí pelas ruas. Lá dentro, o suceder dos dias condimentara-lhe o cérebro com especiarias baratas compradas na venda da esquina, enroupara-lhe o pensamento com o vestuário das criadas que saem a passeio, penteara-lhe os ideais com a pomada cheirosa das quitandeiras.

## II

**N**ascera de uns pais arrançados e tranqüilos. Seu Sardinha já agora era um sujeito qual outro qualquer, como um porco cevado transpirando felicidades pelas carnes gordurentas de empregado público, usando óculos de aro de ouro e suíças brancas, e tomando rapé em boceta de tartaruga. De manhã lia o *Jornal do Commercio*. Na sala de visitas tinha o retrato a óleo, em dia de anos oferecido por meia dúzia de numerosos amigos. E da lapela pendia-lhe o hábito da Rosa, obtido nos tempos da Guerra do Paraguai pelos relevantes serviços que prestara à pátria mandando para lá como voluntário um negro a quem, sob tal condição, dera a carta de liberdade.

Bom homem!

Aos domingos jantava-se bem em casa dele.

D. Inácia, criada aos fundos de uma padaria, tivera um morno correr de infância, quase longe do pai, que a via raramente, muito mimada pela tia Prudência, tomando uns fartões de gulodices quando ia visitá-la. D. Perpétua – uma velha amiga de sua finada mãe, e uns fartões de brincadeira tomando quando por lá aparecia o priminho – o marido de agora.

Nessa atmosfera acanhada todos os seus ímpetos de criança, todas as suas aspirações e os seus sonhos de mulher mirraram-se, contrafizem-se quais raízes de planta em vaso pequenino. Ignorante da vida, carnificando com as adiposidades hauridas nas idealizações de moça, também tivera o período romântico – o cio da fêmea à busca do amor. Mas, falta de pólen, estiolou-se aquela flor clorótica vegetada nas escuridões.

Mais tarde casara com o priminho dos seus brinquedos de infância. Este já era então um rapaz pacato, amigo da ordem, satisfeito com haver conseguido o emprego de praticante no Tesouro Nacional. E os dois começaram a vida, sem as arreitações gostosas de um amor carnal, acreditando simplesmente num prolongamento da amizade de crianças. Casados, porque o velho padeiro o quis, porque todo o mundo se casava, arquitetaram um ideal com a positividade besta, a do terra-a-terra, sonhando longinquamente numa velhice morna, alimentada pelas poupanças da mocidade sem acidentações.

Lento a lento, numa luta diurna, luta sem tréguas e ainda mais exasperada quando lhes morrera o pai, mas luta sem peripécias, consistindo apenas na reprodução sistemática do dia de ontem e na cisma constante no dia de amanhã, foi o casal desbravando a estrada, construindo para si um ninho acolchoado de encontro a cujas paredes se vinham molemente quebrar as vagas do exterior.

Com um pouco de egoísmo no fundo de seus atos, com uma indiferença isolante às intempéries do mundo, os dois esposos possuíam uma filosofia de plasticidade roliça – rija e honrada como uma armadura antiga, mas simples arma de defesa, mercê da qual passam incólumes no batalhar da vida.

### III

Amanhecera D. Inácia muito incomodada no dia em que Sinhá nasceu. Acordara-se ali pelas três da manhã – horas silentes em que os ouvidos experimentam a sensação má do vácuo. A lamparina que adormecia além, na cômoda, contentava-se em dançar uns círculos luminosos no negror do teto. E, como única manifestação de vida, por sob os mesmos lençóis, no calor das comburências vitais e na monotonia rítmica das respirações, havia, na cama larga do casal, o corpo do marido todo entregue à satisfação de dormir.

As mãos sobre o ventre, com receios de vê-lo arrebentar-se em paroxismos de sofrimentos, achava a vida muito triste, cheia de padece-res, nua de alegrias.

– Desta forma era capaz de morrer, sem que ninguém desse por isso, sem que ao menos lhe pusessem uma vela na mão!

As dores redobravam. A coisa não podia continuar assim! Urgia tomar uma resolução, chamar alguém! Tentou ao princípio uns pequenos gemidos curtos para ver se o marido despertava. E, como este continuasse a dormir, elevou pouco a pouco a voz; até que ele, espantado, esfregando os olhos, esticando os músculos, remexeu-se num movimento compassado de preguiça.

– Que diabo lhe queria a mulher?!

E, num gesto carinhoso, procurou abraçá-la, galgar-lhe o corpo, prendê-la toda a si, naquele costumeiro quarto de hora do acordar, quando corria-lhes pela medula o calor dos lençóis aquecidos ao sono e as bexigas cheias anquilosavam-lhes os membros.

D. Inácia zangou-se. Era preciso que ele lhe tivesse muito pouca amizade para brutalizá-la assim, exatamente quando ela sofria tanto! Depois! A criança? E narrou-lhe todo o ocorrido – essa madrugada de insônias povoada por espíritos maus.

Então, o marido levantou-se assustado. Queria de gente encher a casa para não ficar sozinho. Mandou que tia Prudência fosse chamar D. Perpétua e mais a Josefa – rapariga muito entendida nestas questões de parto. Ordenou também à Ângela que quebrasse o resguardo. E a pobre mulata, que tivera Chiquinha na semana passada, lá se foi para junto da ama contar-lhe o que sofrera e dizer-lhe que a coisa não era tão feia como a pintavam.

Foi um dia de provações e de martírios. D. Inácia, muito exigente, numa constante lamentação de si mesma, castelando desenlaces negros, atemorizada perante a dolorosa perspectiva do parto, sonhando evitá-lo e suspirando ao mesmo tempo pela chegada do momento em que lhe esvaziassem o corpo daquele peso que a acabrunhava.

Mas só pelas nove da noite, em meio a lágrimas, e choros, e alegrias, e risadas, a criança nasceu, debilitada e fraca, epilógando com seus gritos o grande poema doloroso da maternidade.

## IV

**D**e madrinha servir-lhe-ia D. Perpétua, que era muito carinhosa e a quem já tantas obrigações deviam os pais. A boa senhora, toda ufana com o convite, que esperava aliás, exigiu que lhe pusessem o nome de Maria da Glória, não si por causa da grande devoção que tinha a essa Nossa Senhora, como também por se chamar assim a avó da criança – a sua santa amiga que Deus houvesse!

Para padrinho D. Inácia queria o Alves que, sem ser homem de influências, poderia, entretanto, olhar mais pela afilhada. Seu Sardinha votava, porém, pelo Dr. Silva – o chefe da sua seção, que por diversas vezes lhe mostrara alguma simpatia e até acaba de contribuir para o seu recente acesso.

– Era coisa muito graúda e capaz de arrimá-los a todos eles! Demais, a mulher que se deixasse dessas histórias! que mandava ele!

## V

**L**ogo e logo não se fez o batizado. Sáira a menina muito achacada e doentia, com os ossos amolentados e a musculatura falta de energia. Durante os primeiros dias, quando se lhe achegavam ao berço, começava a choramingar num sopro continuado, contraía o rosto e com os bracinhos débeis remexia o ar. Sem dificuldades não foi o acostumar-lhe as retinas à sensação da luz.

Os outros admiravam-na muito. Achavam-lhe graça e punham-se de longe para não incomodá-la.

Amamentava-a a Ângela, cuja filha estava se criando com leite de vaca. À noite dormia com ela ali na sala de jantar, onde a rapariga estendia umas esteiras. O berço da menina era colocado junto à mesa. Mas isto consistia quase numa formalidade porque raro a criança dele se aproveitava, indo-lhe a maior parte do tempo lá na dormida da ama.

Era essa a única de todos que conseguia aquietá-la no insociável. Prendera-se também à filha de D. Inácia com uns amores maternos, desprezando a Chiquinha que, robusta e alentada, rolava-se pelo chão e ficava horas inteiras – risonha, de papo para o ar, chupando o dedo grande do pé.

Ao segundo mês vieram-lhe umas cólicas de mau caráter. A menina estremunhava-se toda com uns gritos prolongados de cortar o coração à gente. Era grave o caso. Dissera-o o médico. Recomendara principalmente que lhe dessem amiudadas paçocas de feijão descascado; mas em parcelas diminutas para ver se ela conservava alguma coisa no estômago.

– A questão era vencer-lhe a diarréia!

E, ao serenarem-lhe um pouco esses males, apareceu-lhe a dentição, o sofrer redobrando-lhe de intensidade, tornava-se então preciso carregá-la, passeá-la pela casa. Como lhe viessem os achaques principalmente à noite, andavam todos mal dormidos e cheios de inquietações.

Foi por esse tempo que a Ângela lhe pôs a alcunha de *Sinhá*.

## VI

**A**o nono mês Sinhá começou a engatinhar. Ao pouco e pouco foi se habituando de percorrer a casa. Mas tinha-se tornado uma criança

muito manhosa. Às vezes, no meio de seus grandes passeios por debaixo da mesa, parava, sentava-se e punha-se a chorar com pela voz uns espreguiçamentos de quem não tem nada que fazer. Eram então baldadas todas as tentativas para aquietá-la. Já sabiam disso e, quando assim começava, deixavam-na sossegada, fingiam não ouvi-la, para que ela se calasse.

De resto, era mazinha. Ao brincar com a Chiquinha — a filha da Ângela, gostava de dar-lhe pancadas agatanhando-lhe a cara; e já estralhará três bonecas de borracha.

No mais, tudo cheio de raquitismo no moroso desenvolvimento da menina. Parecia que a natureza, manietada, caminhava aos bocadinhos, custosamente. As primeiras palavras — esse *papai & mamãe* das bonecas; ela as dissera dificultosa e tardiamente. Depois, por longos estágios foi ampliando a esfera do seu vocabulário e conseguindo designar pelos nomes os objetos que a cercavam.

Às vezes, passava horas inteiras a contemplar uma qualquer coisa. Assistia-se-lhe à trabalhosa elaboração de um pensamento que não desabrochava. Enfim o desânimo parecia invadir-lhe o organismo inteiro. E o pranto da criança era como que um protesto de encontro à impotência de sua concepção. Outras, aproximava-se de alguém, os lábios a remexer vibrando sons inarticulados, que ninguém compreendia. E, como insistisse muito, como desse mostras de querer formular um pensamento ou um pedido, era preciso prestar-lhe atenção, adivinhá-la, sob pena de vê-la entregue a uma dessas raivas começadas em choradeira infrene e terminadas em convulsões, durante as quais vomitava tudo quanto tinha no estômago.

E tanto e tanto que se foi a Ângela habituando àquilo, adquirindo tal facilidade em compreendê-la, que em pouco as duas falavam às mil maravilhas, numa linguagem desconhecida a que os outros se iam acostumando — linguagem toda feita de palavras estropiadas.

## VII

Entretanto ia-se-lhe aproximando o primeiro aniversário e era preciso batizá-la. Até então tinham andado a protelar a cerimônia. A saúde de Sinhá, sempre cheia de alternativas, não lhes deixara nunca oportunidade para semelhante coisa. Mas agora a menina ia muito melhor. Já tinha saído duas vezes à rua e tornava-se necessário levá-la à igreja.

Lembraram-se então de batizá-la no dia de seus anos. Era exatamente um domingo e seu Sardinha não tinha necessidade de faltar à repartição.

Demais, a todos parecia extraordinariamente boa a idéia de festejar assim o seu primeiro aniversário. O próprio Dr. Silva, que fora consultado sobre o assunto, aprovou muito semelhante resolução e agradeceu novamente a honra que lhe faziam escolhendo-o para padrinho da menina.

## VIII

Não queria seu Sardinha entrar em grandes despesas e meter-se em cavalarias altas.

Mas a gente só batizava os filhos uma vez na vida!

E convidou os mais íntimos, recomendando à mulher que preparasse um jantar decente.

— Convinha mesmo um certo luxo por causa do Dr. Silva, que era homem de cerimônias e muito habituado às festas da alta roda.

## IX

**L**ogo ao amanhecer D. Perpétua foi para lá com as suas escravas para ajudar aos arranjos da casa.

A viúva Falcão, muito gorda, as pernas vergadas ao peso do corpo, as grandes mamas de vaca pendendo sobre o abdômen, o vestido de seda preta supurando o cânfora com que fora guardado a fim de evitar as traças, o mantelete de renda russo, as grandes jóias arqueológicas reluzindo, foi a primeira que apareceu, ali pelo meio-dia.

Sua chegada determinou uma verdadeira revolução. D. Inácia nem sequer estava penteada. Recebeu-a cheia de desculpas.

– Que não se importassem com ela! Era de casa! E foi logo entrando para a sala de jantar. Queria ver a menina! E, enquanto a acordava com um beijo estrepitoso, seus olhos percorriam o redor, avaliando a festança pelos preparativos, calculando o quando deviam ter gasto, mostrou-se muito prestadia. Instou para que lhe aceitassem os serviços. E tudo isto debitado numa loquacidade torrencial – as palavras caindo umas sobre as outras como um rolo de vinténs arrebatando.

Depois veio a família Alves. O Alves, alto e magro, com a risada estrepitosa mostrando os dentes amarelos e acavalados uns sobre os outros, trazendo ao colo o Nhonhô – um criança de dois anos, a cara lambuzada de lágrimas e sangrenta de feridas. A mulher, a fisionomia vulgacha iconizando morbidez linfáticas, arrastando pela mão o Juquinha – pirralho de três anos, travesso e malcriado, naquela hora muito sério, muito inocente, contido pela promessa de uma sova caso fizesse alguma estripulia.

Quase junto com a família Alves entrou o Matias – a figura obrigatória de todos estes jantares, o revólver moto-contínuo das pilhérias cediças. Todo compenetrado da importância de seu papel, lábios dis-

tendidos num espasmo risonho, trazia já engatilhada uma resposta engraçada para a aclamação com que devia ser recebido.

E puseram-se todos a cômodo, falando em vozes altas, enquanto os meninos bisbilhotavam lá na cozinha. Já agora só faltava o doutor.

## X

Chegou ele enfim, um pouco tarde, aos tempos em que dizia o Martins só se esperar pela pior figura.

Para a afilhada trazia uma figurinha de coral com corrente de ouro. Depois de ofertá-la, e de mais rapapés obrigatórios, foram todos para a igreja.

Correu sem incidentes a solenidade. Lendo o latim do ritual, com uns meneios seráficos, o padre cristianizava Sinhá, o nome de Maria da Glória dava-lhe perante o orbe católico, e a fruir, dava-lhe também todas as conquistas do Nazareno.

Entretanto o Martins murmurava à surdina umas pilhérias ímpias; e, quando deram sal à batizante, disse que estava salgando a criança para que ela não apodrecesse.

## XI

Pelos quinze meses Sinhá principiou a andar.

Aconchegando-se das cadeiras se punha de pé com as mãos ambas firmando-se nos assentos de palhinha. Tinha as pernas ainda

vacilantes, frágeis para suster-lhe o corpo. A boca pequenina e rosada, com o lábio inferior pendente, deixava-lhe cair a baba. Os olhos inquiridores se entretinham em ver as moscas. Queria agarrá-las quando junto a si pousavam.

E foi assim, nessa caça de moscas pelos assentos das cadeiras, que inconscientemente se firmou nas pernas.

Tirassem-na, porém, de junto de um arrimo, sobre os pés deixassem-na ficar ao meio da casa que ela, logo e logo, ao chão se deixava cair. Faltava-lhe apenas a confiança em si mesma.

Então a Ângela lembrou-se de passar-lhe uma toalha pelas axilas, sustendo-lhe o peito. Sinhá assim sentia-se forte e altaneira. Nem se contentava em andar aos poucos. Queria logo, imediatamente, entrar em corridas pela casa inteira.

Sozinha, porém, a nada se animava. D. Perpétua, que tinha ciúmes da Ângela, encostava a afilhada a um cantinho. Ficava em sua frente, de cócoras, com os braços estendidos e dizia-lhe em voz aflautada:

– Dandá! dandá! pá daná vintê!

E quando a menina, depois de um passo mal seguro, deixava-se cair nos braços da madrinha, diziam todos:

– Ela já está quase andando!

## XII

**A**o depois, como já estivesse mais forte e encontrasse relativamente mais facilidade de expressão, começaram para Sinhá os brincquedos com a Chiquinha e os passeios com tia Prudência. De manhã cedo, quando esta ia fazer as compras, a menina acompanhava-a.

E então Sinhá quis também possuir um samburá. Desprezou um muito delicado com que a madrinha a presenteara, por outro de vime grosseiro, que a velha cozinheira comprou por seis vinténs. E, assim satisfeita, ia ao lado da tia Prudência, procurando macaqueá-la, exigindo que lhe pusessem parte das compras no cestinho.

De volta a casa e depois do almoço, juntava-se com a Chiquinha. As duas criavam no meio de gostosas gargalhadas virguladas em prantos. As bonecas andavam aos trambolhões. Não contentes com as que possuíam, faziam outras de panos, apanhados na roupa suja. Quase sempre, D. Inácia, que costurava na sala de jantar, sentada em uma cadeira baixa, acabava zangando-se com a barulhada. E as duas fugiam para a cozinha onde ficavam mais em liberdade.

### XIII

**E**ra D. Perpétua muito zelosa em suas obrigações de madrinha. Não descurava do temporal. Sempre que ia visitar a afilhada (e por lá aparecia umas três vezes ou quatro vezes na semana) levava-lhe uma qualquer coisa — um doce, ou um brinquedo, ou uns metros de fazenda para camisolas. Mas ouvira a um padre: — que era toda espiritual a missão dos padrinhos; que a igreja os punha vigilantes junto às ovelhinhas novéis para não deixá-las transviarem-se do celestial rebanho.

E a boa velha (ao pé daquela infante, preposta das crenças antigas) quis tomar a si a educação religiosa da menina; doutriná-la nesses segredos todos cheios de paz e de bonança para as almas sofredoras deste vale de lágrimas.

## XIV

Sinhá já ouvira falar em Deus. A um dia de trovoada mostraram-lhe, lá em cima nos céus, vingativo, porejando ódios, mandando aquelas faíscas de fogo para os hereges que não acreditavam nele e para as meninas malcriadas que não obedeciam às mães. Por uma destas manhãs tristonhas de chuveiro, com tia Prudência entrara numa igreja para não se constipar: naquele grande casarão enorme, onde a voz em respeitos instintivos baixinha se fazia, e onde o ar tinha os perfumes santos, e de alfazemas, e de mistérios, e de círios. Em sábado de aleluia vira a molecagem indômita estraçalhando o homem que vendera Cristo – homem tão desprezível e tão mau que ralharam-na por mostrar-lhe um pouco da comisseração que dava aos burros espancados pelos homens das carroças.

Conhecia-o bem!

Ele era o rei supremo dessa corte infernal que vinha gingar-lhe em torno ao leito nas horas muitas do adormecer difícil – corte feita de satanazes maldosos, de lobisomens traiçoeiros e de ladrões perversos, que traziam todos facas afiadas para matá-la; que lá nas profundezas das cavernas sombrias, gostavam de jantar corpos tenros de criança; que alta noite ela julgava ouvir quando lhe vinha lá de dentro um ruído incerto, quedando-a na cama banhada em suores frios, retendo-lhe os gritos e os prantos para que não a ouvissem eles e buscá-la não viessem.

Certo! ela queria adorar esse Deus da força que em um dia de quinta-feira podia muito bem morrer crucificado, mas que ressuscitava ao sábado e tinha, para vingar-se das injúrias humanas, até mesmo o cacetete dos moleques.

## XV

**E** foi por isso que muita submissão e boa vontade mostrou para com D. Perpétua, quando esta indo visitá-la todas as noites, e obrigava a ajoelhar-se e recitar o Padre Nosso e a Ave-Maria.

Pareciam-lhe aquelas palavras, que decorava sem entender, uma espécie de salvo-conduto para as hostes guerreiras do Pai do Céu. Punha, ao dizê-las, umas composturas beáticas. E à noite, nas horas do medo, repetia-as baixinho, com a cabeça oculta sob o travesseiro, para afugentar os maus espíritos.

Depois foi se aperfeiçoando nos segredos do culto. Conheceu, por lha contarem, a História Sagrada. Gostava de ouvi-la. E, como a madrinha se lhe mostrasse muito carinhosa e prestadia neste assunto, para lá encaminhava sempre a conversação.

Aquele enredo complicado de Patriarcas, e Faraós, e Profetas, e Juízes, e Reis; aquelas bruscas reviravoltas do povo de Judá, de repente nos altos fastígios da glória, de repente para remotas e apartadas regiões levado em duro cativeiro; aquelas cenas tão do íntimo – Abraão outeiro cima para o sacrifício conduzindo o filho, Esaú por um prato de lentilhas trocando os seus direitos, José vendido por seus irmãos, Moisés salvo das águas, Davi vencendo o gigantes, Joas – tão frágil e tão débil, resistindo aos ódios e vinganças de Atália, e outros, e outros bíblicos episódios mais; tudo isto prendia-lhe a atenção e divertia-a muito durante as longas noitadas mornas da família.

Preferia, porém, o Novo Testamento. Ele tinha no lacrimoso poema da Paixão uns tons fortes de sentimentalismo a alfinetarem-lhe as carnes. Gostava mais desses homens armados – em suas iras soltos, quais desjauladas feras, a perseguirem a Inocência mesma e a martirizarem-na com essa crudeza bestial que ela sentia também em arran-

cando as pernas às moscas e aos gafanhotos. Sim, que chorava e amedrontada ia pelo tenebroso desenrolar dessa tragédia. Mas vinha-lhe apenas aquele sofrimento dos prazeres, que tanto satisfaz às gatas quando elas folgam lá em cima dos telhados.

## XVI

Como os velhos borrachos que, na cama prostrados após longa bebedeira, aos seus deuses juram não mais se embriagar, e começam outra mal se alevantam logo; Sinhá volvia sempre a essas sensações penosas.

Lembrava-se de umas similares histórias que lhe contara a Ângela – histórias de ladrões. E à madrinha pediu que dissesse outras quando esgotada foi a Sagrada História. Parecia-lhe isto a continuação de um mesmo assunto – romances todos da mesma escola.

E a boa senhora gentilmente a isto se prestou.

Tinha uma boa coleção – imensa e variada, desde *A Gata Borrallheira*, *O Pequeno Polegar*, e *A Bela e a Fera* até o *Ali-Babá* e mais outras coisas extraídas das *Mil e uma noites*.

Sabia contá-las, aprimorando o estilo, detendo as descrições nos transe dolorosos e começando-as todas pela poética frase das recordações da infância – *Era um dia*. . .

Sinhá ouvi-as, cheia de medo, com calafrios pela medula em cima, como pelos olhos lágrimas, e soluços pela garganta.

Eram depois, ao tempo de deitar-se, umas crispações histéricas e esperanças más. Viriam com certeza buscá-la, roubá-la às carícias de seus pais, metê-la nas enxovias de um subterrâneo. Já agora, de joelhos,

rezava fervorosamente o Padre Nosso e Ave-Maria, para que Deus a protegesse. Mas não lhe bastava isto. Queria que a ninassem como nesses outros tempos de seus achaques. Pedia a seus pais para que a deixassem dormir ali na cama larga, porque tinha medo de ficar sozinha para o outro canto do quarto. E, se por acaso acordava à noite, vinham em torno bailar-lhe mil espectros, de quem se escondia sob os travesseiros e cobertas para que não a vissem eles; até que dava um grito e chamava o pai na hora suprema dos terrores.

## XVII

**D**urante o dia cessavam inteiramente esses arreceios todos. Também, eram de tal ordem trabalhosos os seus brinquedos, enchiam-lhe tão completamente as horas que não lhe sobrava tempo para pensar nessas cousas. Agora, mais fortalecida, Sinhá gostava de percorrer a casa revolucionando tudo. Sentia-se principalmente atraída pela escada. O seu maior desejo seria descê-la e ir sozinha para o meio da rua. De cá, das sacadas onde as vezes se punha a espiar, invejava a liberdade dos moleques.

## XVIII

**E**m outras ocasiões mostrava-se mais comedida. De companhia com a Chiquinha começava a construir uma casa. A um canto da sala arrumavam cadeiras fingindo paredes exteriores rasgadas de por-

tas e janelas. Depois dividiam o recinto em três compartimentos: sala, quarto e cozinha.

Só então começava verdadeiramente o brinquedo. Era preciso animar este cenário, colocar ali dentro gente a viver. As duas crianças repartiam entre si os papéis. Sinhá quase sempre preferia o de criada. A Chiquinha gostava mais do de dona de casa. Umas bonecas, deitadas a um cobertor encostado na parede do quarto a jeito de cama, representavam as crianças. E todo este mundo pequenino se punha em movimento, imitando a vida doméstica que tinha constantemente diante de si. A moça, sentada em um sofá, levava a receber visitas — uns entes imaginários com quem conversava animadamente. De quando em vez chamava pela criada, que estava lá dentro a não fazer nada! E ralhava com ela, desculpando-se perante os circunstantes no estar assim sem cerimônias. Mas estas negras eram tão mandrionas! tão coisa à-toa! acrescentava a modo de atenuante. E mandava-a ninar as crianças que estavam chorando. Sinhá retirava-se resmungando, dizendo que aquilo era uma vida dos diabos, que a ama fazia melhor em não ser tão sovina, em dar comida à gente! E ia buscar a boneca, queixando-se dessas meninas que não deixavam botar a panela no fogo! nem nada! Quando serenavam estas tempestades caseiras e vinham os dias de banquete, Sinhá desenvolvia uma atividade espantosa em picar folhas de couve, bananas e laranjas que arranjava na cozinha. Depois, punha a mesa com uns restos de aparelho de bonecas que o pai lhe dera por ocasião do seu terceiro aniversário. Ao princípio limitava-se em servir; mas acabava quase sempre por tomar parte no festim.

Na maioria dos casos, porém, logo depois de construída a casa, havia grandes brigas entre as duas; e D. Inácia, que não gostava de barulhos, obrigava-as a desmanchar tudo e colocar as cadeiras nos seus lugares.

## XIX

Entre os grandes desejos que a menina fortemente afagava, sorria-lhe em sonho dourado a imagem de um ferro de engomar muito pequenino que vira uma vez, de passagem, na loja de ferragens. Tanto insistiu a respeito que D. Perpétua lho trouxe uma noite. E, como fosse tarde, planejou para o dia seguinte um grande regabofe em que ela fingiria de lavadeira e iria buscar a roupa suja das bonecas. Na grande encenação por ela preparada, não se esquecera de coisa nenhuma. Deviam ser reproduzidos os pequenos episódios da vida – a feitura do rol, a sua conferição, peças trocadas, outras devolvidas etc. Mas D. Inácia fanou-lhe as esperanças proibindo que pusesse carvão aceso dentro do ferro. E Sinhá, tanta coisa fez, tanto teimou, que as prometidas alegrias se lhe converteram em prantos e castigos.

## XX

Assim iam elas, achando um prazer aqui, uma tristeza além, enchendo o dia inteiro com o seus brinquedos. À hora de jantar, Sinhá estava sempre muito cansada e com o vestuário sujo. O limpá-la e fazer-lhe mudar a roupa era então uma verdadeira campanha. Neste assunto, porém, D. Inácia mostrava-se de uma intransigência inquebrantável. A boa senhora não consentia de forma alguma que a filha viesse para a mesa sem estar lavada e penteada. E seu Sardinha aprovava o procedimento da esposa.

– Estes hábitos de asseio devem ser tomados desde criança! sentenciava-lhe.

Demais, D. Inácia fazia-se um gosto de ir com o marido e a filha para a sacada logo depois do jantar. Dali viam quem passava! E compraziam-se neste espetáculo, contando-se as impressões do dia, nunca enfadados com ver aquele mesmo pedaço da Rua dos Arcos, aquelas mesmas fachadas das casas vizinhas e fronteiras. Posto que o Passeio Público estivesse ali perto, nunca se tinham animado a chegar até lá. Seria preciso fazer *toilette*; e, quando se estava vestido, o melhor era sair logo a visitas! E os dois esposos ficavam ali, vendo o anoitecer, esperando a chegada de D. Perpétua, que raramente deixava de ir abraçar a sua afilhadinha; enquanto esta, depois de meia hora de quietismo a olhar para a rua, aborrecia-se e voltava aos brincue-dos com a Chiquinha.

## XXI

No meio, porém, desta uniformidade de viver, havia para as crianças uns grandes dias de inúmeros prazeres.

Vezes, ao domingo, a família Alves vinha visitar o seu Sardinha. Enquanto o Alves discutia com este umas intermináveis questões políticas, e a Sra. Alves — muito moleirona e comodista, contentava-se em apoiar a cabeça a tudo quanto lhe diziam; as crianças tomavam um farto, entregavam-se a um grande regabofe de gritarias infernais.

O Nhonhô saíra à mãe — muito atoleimado. Quase sempre brigavam com ele e davam-lhe pancada porque desmanchava os brinquedos com sua falta de compreensão.

Mas o Juquinha, que era o mais velho e o mais esperto da roda, tinha umas idéias tão engraçadas! Compenetrado em sua importância,

resolvia o gênero de divertimentos. Havia-os muitos: não se contentavam com a simpleza de ficar um no *pique* para procurar os outros que iam-se esconder. Era preciso adornar aquilo tudo com encenações da vida real e apimentados românticos. Preferiam a *polícia e ladrões*. Todos queriam ser ladrões. Mas o Juquinha fazia-se autoritário e distribuía os papéis. Ele e a Chiquinha seriam os ladrões; Sinhá e o Nhonhô – os polícias. E, como fossem mais fortes os primeiros, acabavam sempre por vencer com grandes alegrias e satisfações para os instintos desordeiros e revolucionários daquele mundo pequenino.

Em outras ocasiões resolviam-se por brincadeiras menos batalhosas. Construía em ponto grande a casa que Sinhá costumava fazer nos outros dias, e punham-se a viver ali. Havia então casamentos e batizados de bonecas. O Juquinha, que nas questões de força e de destreza escolhia a Chiquinha para companheira, preferia Sinhá para mulher. Esta deixava também à outra o papel de criada. Eram – uns passeios: Sinhá de braço com o Juquinha, enquanto a Chiquinha ia na frente carregando uma boneca que fazia de filha do casal e o Nhonhô ficava em casa cuidando das panelas.

E a vida era ali reproduzida na sua monotonia de quadros sucedendo-se uns aos outros. Almoçava-se, jantava-se, ceia-se e, depois de fechadas as portas e as janelas daquela casa de cadeiras, todos iam dormir. Sinhá, ao deitar-se com o Juquinha no mesmo cobertor dobrado, fingindo cama, tinha umas lascívia de mulher, encolhia-se toda e ao *seu maridinho* se aconchegava. Mas ele era simplesmente um menino, incapaz de compreender as feminilidades intuitivas de uma mulher de sete anos.

## XXII

**A** noite, quando seu Alves se retirava, as crianças estavam cansadas. Mas era então que, a sós com as famílias, admoestavam-nas por causa das estripulias que tinham feito durante o dia que nem o Alves, nem seu Sardinha julgavam dignas de imediata repressão. Uma ocasião pareceu-lhes de tal ordem monstruosa, porém, a falta cometida que não puderam se conter. O Alves foi logo dando uns cachações no Juquinha e no Nhonhô; enquanto seu Sardinha puxava as orelhas de Sinhá e passava a Chiquinha a bolos. Estava o caso em que, se tendo os dois chegados à janela, viram as crianças no meio da rua, entre moleques, examinando um par de cães pegados pelos traseiros. A recordação deste castigo e do fato que o determinou permaneceu indelevelmente gravado na memória dos meninos, que por muito tempo procuraram explicá-los e comentá-los.

## XXIII

**E** assim ia Sinhá vivendo nesse labor de improfiqüidades; a vida toda presa por uns constantes brinquedos que recomeçavam diurnamente, sempre ao lado de Chiquinha, a companheira inseparável de seus divertimentos. Essa convivência não agradava muito aos dois esposos. Por diversas vezes a menina recebeu ordem terminante de não ir mais à cozinha. Era, porém, muito difícil o coibi-la disto. Amamentada pela Ângela, que gozava de uma certa influência sobre ela, tendo convivido com tia Prudência, que a mimava extraordinariamente. Sinhá não podia mais romper com esse

passado vivido ali junto ao fogão, respirando a intimidade dos fâmulos. Aí teve ocasião de apanhar pedaços de conversa, palavras soltas num momento de zanga, a desvendarem-lhe novos horizontes. Tudo isto dia ao depois discutir com a Chiquinha – ambas a viver numa intimidade de irmãs, sem segredos, com os mesmos conhecimentos e as mesmas ignorâncias – numa grande fusão de seres que começara pelo nascimento quase simultâneo das duas, que fora bebido com aquele mesmo leite que mamaram, que andara-lhes a progredir pela vida inteira – ambas a atravessar as mesmas fases, agora tristonhas e acabrunhadas com a segunda dentição.

## XXIV

**T**empos ao depois, nas longas conversas da noitada, quando ao casal se reunia D. Perpétua e a três se conversava sobre a vida, alguém lembrou a oportunidade de meterem Sinhá em um colégio.

– A menina já estava crescidinha! quase ficando moça!

Dizia D. Inácia que guardassem para mais tarde. Aventava mesmo: o necessário acréscimo de despesas, o imprescindível de comprar-lhe mais vestidos e outras coisas ajuizadas de quem leva a vida refletidamente.

– Que não! Que a filha havia de ir já e já! Que no dia seguinte falaria com a D. Josefina, do colégio ali adiante.

E como assim dissesse o marido e a madrinha também puxasse pelos interesses da afilhada, D. Inácia foi-lhes respondendo que sim e que trataria do enxoval.

## XXV

Sinhá agradou-se do projeto. Saía pouco à rua. Toda a família era essencialmente caseira. Seu Sardinha, quando voltava da repartição, metia-se nas suas chinelas e no seu paletó branco, sem mais energia para causa nenhuma.

Raramente D. Inácia animava-se a fazer compras. E D. Perpétua só vinha distantemente buscá-la para ir à missa dos domingos. Debruçada na janela da frente, olhando para a rua e para os tetos das casas que se escadinhavam pelo morro de Santa Teresa acima, a menina ignorava ainda o Rio de Janeiro. Por vezes, em incidente de conversa, sentia abrir-se uma porta onde entrava o bafo quente da cidade – uma qualquer coisa estranha e fantástica que ficava para além, para muito longe. Queria conhecer tudo isto. E vinham-lhe vontades de sair, de andar pelas ruas.

O colégio pareceu-lhe simplesmente a razão de ser para um passeio quotidiano. Mesmo até não lhe repugnava a idéia de estudar. Devia ser muito bom poder ler o *Jornal* e escrever o rol da roupa suja. E havia neste seu propósito um edifício também da emulação. O Juquinha já entrara para o colégio e pintava-o com tantas alegrias, contava histórias tão engraçadas de diabruras; que ela sentia-se com apetite para gostar esses prazeres.

## XXVI

Foram, pela semana durante, umas boas alegrias para Sinhá. Andava a experimentar roupas novas – uns vestidinhos de chita feitos

à moda moderna. Havia de ficar muito bonita, muito parecida com essas outras meninas que passavam de volta do colégio.

E, ali pelo entardecer, da sacada da frente olhando para a rua tinha olhares de conquistador tomando posse pelos olhos do inimigo terreno a conquistar.

## XXVII

**A**o depois, por uma bela manhã serena, que tinha o calor olímpico das esperanças suas e tinha umas quenturas germinativas, para embalá-los ao nascedouro – esses outros olímpicos sonhos seus; por uma bela manhã serena tomou ela o norteio do colégio.

Guiava-a o pai. E a menina ia na pureza imaculada dos neofitismos, cismando coisa e aventuras, retraída como a sensitiva dos campos.

Lá a realidade teve-lhe umas asperezas magoantes, e soprou-lhe em cima uns ventos cálidos evaporando o orvalho tremulento das noites pela Espanha.

Sim, que para agradável não era: e o olhar curioso das companheiras isolando-a numa atmosfera de cochichos, e os modos arrogantes e falas gritadiças da mestra, e estar ali horas inteiras sentada em banca de pau, e cobrir à tinta os pauzinhos do papel almaço, e repetir com as colegas na toada as letras do abecedário, e escutar as mais adiantadas ler negócios que não entendia, e ser ralhada porque espreitara para as bandas da rua, e precisar de pedir licença para ir lá dentro beber uma pouca de água, e ficar quieta o resto do tempo, e ouvir ditérios e chalaças na hora do recreio, e não ser admitida aos brinquedos das outras, e mais ainda uns outros dissabores a fanarem-lhe as cismadas alegrias.

Lá em casa não disse, porém, o que sofrera. Inventou histórias. Contou divertimentos que não tivera.

## XXVIII

**E** bem houve assim porque para os tempos de ao depois sentiu-se muito feliz, muito contente com a sua sorte.

Agora saía todas as manhãs acompanhada por tia Prudência, que em caixinha de folha de Flandres levava os objetos necessários ao estudo e mais algumas guloseimas. A boa preta mostrava-se-lhe sempre bondosa durante a viagem, perdoando-lhe umas pequenas desenvolturas, prestando-se carinhosamente aos seus desejos. À tarde, quando seu Sardinha voltava da repartição, passava pelo colégio e trazia a filha, não sem lhe comprar pelo caminho uns pés de moleque e amendoins torrados.

— Não puxem muito pela menina! porque ela é fraquinha do peito, recomendou o pai ao levá-la para o colégio. E, se assim o disse, melhor o fizeram. D. Josefina, em questão de ensino, não era muito lá para que digamos. Contentava-se com pouco e apenas exigia pagamento pontual porque tinha marido e filhos para sustentar. Mas Sinhá era uma menina de talento! Tanto que, ao fim de quatro meses, já sabia o alfabeto de cor e salteado! Ia agora começar com o  $b + a = ba$  e deixar os pauzinhos que fazia sem cobrir.

Ao pouco e pouco ia também D. Josefina adquirindo o hábito de dirigir continuadas queixas contra a discípula. Sinhá era um demoninho! Entornava tinteiros, borrava escritas, desentoava de propósito nas lições de cartilha, quase nunca sabia a lição, fazia caretas quando ia de castigo em pé no banquinho e jogava bolinhas de papel!

— Ora! Para que incomodar-se com umas coisas que não valiam a pena! respondia seu Sardinha. E depois, isto vinha de família! Lá em casa todos eram muito engraçados! Ele então!... Nem convinha falar nisto!

## XXIX

**A**ssim de costas quentes, Sinhá progredia de desenvoltura em desenvoltura. Fora-lhe fácil grupar-se com as de sua idade. E eram conversas em que se contavam histórias lá de casa e mais das visitas, e eram brinquedos na modelagem daqueles que a menina fazia com o Juquinha.

Não lhe dava, porém, a mesma franquia outra agremiação de discípulas, formada pelas mais taludinhas, por meninas puxando aos 14 e 15 anos, que se reuniam para além, para os cantos onde era possível conversar baixinho e dizer coisas lúbricas – idéias cantaridescas, pondo-lhe no corpo eretismos de risadas e poluções deixando-lhes pelo mundo dos cismares.

Ela quisera, entretanto, gostar aquelas conversas, sentir pela nuca tremelejando a mesma sensação, outrora despertada pelas histórias de ladrões, somente agora desabrochando-lhe ao látigo lascivo de umas palavras abandonhadas e de outras aventuras picarescas. Era-lhe atualmente disto, destes desejos! Lá em casa, nas escapadelas pela cozinha e palestras de junto do fogão, andava fazendo coleção de termos obscenos que ia mais tarde ruminar com a Chiquinha. Ouvira-os aqui e além, numa praga raivosa da Ângela ou num subentendido apimentado de tia Prudência. Ouvira-os ao caixeiro da venda da esquina e mais a um carroceiro desastrado que dera com os burros na calçada. Ouvira-os de toda a parte e sentira-os e perversos, e maus, e diabólicos, e insultantes – esses termos que todo o mundo dizia no explodir brutal das paixões humanas. Mas conhecia-os de longe, sem grandes intimidades, como conhecia de vista os dez ou doze condutores que faziam o serviço dos bondes ali por defronte de casa. Queria-os amigos velhos, e gente queria que a eles a apresentassem. Aspirava disto e, com

um faro de cadela em cio, sentia que aí no grupo das grandes havia de arranjar-se concessiva em seus apetites tão violentos como os de mulher pejada.

### XXX

**E**, por além de muitos desastres persistindo sempre, sempre buscando essas outras grandes que de si fugiam, guarida e abrigo foi encontrar enfim. Aceitaram-na.

Havia-lhe no porte e na voz, na veemência dos desejos e no inocente das perguntas, uma qualquer coisa de atrativo para esse mundo que podia muito bem, sem nada perder, dar-lhe da sua ciência como os fumantes podem dar fogo sem apagar o cigarro próprio. Que sim! que ela viesse alistar-se no contubérnio daqueles ideais. Tratariam de aperfeiçoá-la nas tendências, de fazê-la digna para acompanhá-las. E depois, como fosse criança, como ainda não tivesse aventuras para contar, seria um auditório sempre pronto – fonte inexaurível de admirações e de aplausos.

Trataram então de amestrá-la em longa preleção por todas feita, cada qual querendo dizer o seu pedacinho como deusas dotando a velha estátua das lendas héladas. Oh! que daquelas mãos saía perfeita de impurezas, impoluta de inocências!

E a menina vinha com perguntas devassando mais horizontes, pedindo luz, e luz, e muita luz para os arcanos mais da profunda.

Certo que pontos vagos e misteriosos segredos ficavam por ali indeterminadamente corporizados na interrogação suprema dos conhecimentos humanos.

Mas do que soubera e aprendera já podia fazer a coroa de flores murchas para engrinaldar-lhe a fronte cismadora de bandalheiras precoces.

E, ao recomeçar a classe, Sinhá ficara prostrada nuns langorosos estranhos, bela, e ruborante, e taciturna como essas virgens de ontem quando as visitas vão vê-la no dia seguinte às ceifas do himeneu.

### XXXI

**D**e volta a casa vieram-lhe pressas de comunicar à Chiquinha tudo quanto acabava de lhe ser revelado — todo esse punhado de verdades lubricamente ouvidas nas palestras do durante o recreio. E como a rapariga andasse muito ocupada em pôr a mesa, vieram-lhe agora desses desejos ativamente! Queria dizer à outra — à sua companheira de infância, isso que lhe frutificava no crânio pequeno. Queria botar para fora esse feto espúrio aplacentado na membrana de suas convivências — emprenhado do zoosperma dos colégios no útero das cozinhas; esse, nas regiões do lar, homólogo moral das baratas e das aranhas que germinam no mistério das porcarias. Oh! que tinha para falar dores de parto; e eram-lhe as dificuldades, momentâneas, convulsões eclâmpicas.

### XXXII

**E**xasperada contra tudo e contra todos, Sinhá percorria a casa rai-  
vosamente e tinha gestos de fera engaiolada. Zangou-se com o  
pai que lhe fazia perguntas a propósito do colégio.

Mas ao depois acalmou as fúrias por vê-lo a conversar com D. Iná-  
cia. Brotara-lhe no cérebro uma idéia canalha; e sorriu-se prazenteira-  
mente.

### XXXIII

**P**elo anoitecer, no misterioso sensual da escuridão, corpos unidos,  
imaginações ambas atreladas ao mesmo carro das fantasias, com  
pelo torso uns suores de cansaço, com pela medula umas lubricidades  
fortes, com pela voz uns murmúrios de amor, com pelos peitos umas  
respirações opressas, elas duas longamente se falavam. Sinhá dizia o  
que ouvira e a Chiquinha comentava-o. E vinham-lhes sensações boas  
e esperanças de triunfos por morderem desse mesmo pomo que Eva  
mordeu um dia.

### XXXIV

**L**á no colégio transformou-se completamente a vida de Sinhá.  
Agora fazia parte do grupo das grandes e entrava-lhes nas con-  
versas e nos ideais. Dava também umas risadas gostosas de arreitação

quando a história que contavam andava pelos píncaros da escabrosidade. Faltava-lhe simplesmente uma coisa: – ter namorados para poder contar aventuras de baile e mostrar cartas apaixonadas como o faziam as suas boas e novas companheiras.

### XXXV

**N**unca em sua vida dera um ponto. Mas agora andava às voltas com agulhas e dedais para abaixar a bainha das saias e fazer vestido comprido. Nem paravam aí os seus trabalhos. Um dia achou por acaso um colete de D. Inácia já velho e meio roto. Experimentou-o. Estava-lhe bom na cintura. Só no peito ficava um pouco empapuçado. Mas não fazia mal! Com uns paninhos a coisa se arranjava. Demais, dava-lhe jeitos de maminhas. E a menina pôs-se a refletir sobre o caso. Lembrava-se de uma história que lhe contara a Amélia – uma história muito engraçada, na qual o namorado comprazera-se em lhe apertar os seios e beijá-los longamente numas lascívias brutais.

Sinhá teve então a idéia de aparentar umas mamas, mas não tão grandes como as da viúva Falcão, mas no final das contas umas mamas. E, por uma bela manhã, assim falsificada, lá se foi ela para o colégio. Ninguém em casa dera pela coisa. Saía depois do almoço, quando seu Sardinha já tinha ido para a repartição e D. Inácia se ocupava nos arranjos domésticos. Muito ancha e convicta de si esperava brincadeiras e ditérios das amigas. Deram-lhe, porém, uma vaia. E D. Josefina pô-la de castigo.

Seu Sardinha não se zangou com a aventura quando lha narraram, à tarde, por ocasião de ir buscar a filha. Achou o caso muito para rir.

Contava-o a todo o mundo. E, a modo de comentário, acrescentava que: — quem saía aos seus não degenerava.

Assim abortou, entretanto, essa tentativa de ser mulher. Uma idéia tenebrosa germinara, porém, no cérebro da menina. Sentia-se cheia de raiva para com todas aquelas companheiras que a dominavam lá de cima dos seus quinze anos e dos seus namoros.

— Elas hão de me pagar! praguejava. Então aquela Amélia! aquela Amélia! E seus olhos chispantes transudavam vinganças.

### XXXVI

**D**ias ao depois, em uma segunda-feira, a Amélia, como quase sempre acontecia, ocupou a atenção das amigas com longa e detalhada narrativa de suas intermináveis proezas. Fora na véspera passar o dia em casa do tio. À noite improvisaram uma dança. Dentre os rapazes presentes, um, chamado Lulu, levou todo o tempo a dançar com ela e a dizer-lhe palavras repassadas de amor. A coisa até já estava dando na vista. E o rapaz a namoricá-la e a meter as pernas entre as dela quando valsavam.

E assim ia a história nesse tom apimentado. O Quincas (um caixeiro da botica de defronte que namorava com Amélia e vinha falar-lhe durante o recreio sem que grandes ou pequenas disso fosse participar a D. Josefina, sempre por essas horas metida lá para dentro), porém, atravessou a rua e chamou-a. A rapariga foi para a janela; a conversa entabulou-se e ela, nuns tons lamurientos, contou as saudades que experimentara na véspera.

– É mentira! seu Quincas! gritou Sinhá, que os ouvira às escondidas. Ela ontem andou namorando com um tal Lulu! que até deu beijos nele!

O natural irritadiço da Amélia não comportou semelhante coisa. Pegando da menina pela cintura, atirou-a ao meio da sala. Sinhá caiu desastradamente batendo com a testa na quina de uma mesa. D. Josefina, que apareceu aos gritos das discípulas, investiu para Amélia antes de cuidar da criança, cuja cabeça tingia-se de sangue a coagular-se nas pestanas e sobranceiras.

– Aquilo era uma desgraça para o colégio, que já estava tão acreditado! Que diria seu Sardinha?! Que diriam os outros pais?! E tudo isso por causa daquela desavergonhada da Amélia! daquele rabo de saia que andava com comichões de formigueiros ela bem sabia onde!

A outra respondia-lhe pelo mesmo tom, xingando-a por nomes sujos. Depois agatanharam-se as duas. E, como interviesse o marido da professora, a Amélia foi posta na rua a pontapés.

Quando seu Sardinha veio buscar a filha e viu-a de cabeça amarrada e pontos falsos, esbravejou furiosamente. Desta forma não era possível! Ninguém seria mais capaz de pôr uma filha de estimação no colégio! Deixaram tudo à rédea solta! Cambada!

### XXXVII

**L**á em casa foi dolorosamente tristonha a chegada de Sinhá. Queriam saber minúcias da desgraça: – que ela lhes contasse como aquilo acontecera; que lhes dissesse tudo, tudo, sem olvidar pormenores. E queriam-na ao mesmo tempo quieta para que as agitações morais não viessem conturbar-lhe o espírito.

Deitaram-na à cama, amaciando-lhe os colchões com pilha de travesseiros, elevando-lhe a cabeça, fazendo em torno dela uma atmosfera silente de assustamentos.

D. Perpétua fora chamada às pressas porque precisavam dela para compartilhar as alegrias e os sofreres do lar. E todos se interessavam grandemente, também a tia Prudência, e a Ângela, e a Chiquinha.

Sinhá deixava-as fazer, amadornentada pela comoção cerebral; cheia ainda daquelas preocupações de criança gostando que se ocupem dela – chorando não por ter caído, mas porque os outros se importam com a queda e vêm animá-la. Era-lhe tão bom ficar assim na cama com gente escravizada ao derredor – gente pronta a obedecer-lhe e que ela podia atormentar com exigências e caprichos! Lembrava-se das outras vezes em que andara adoentada – um dia de febres e calafrios e de óleo de rícino às colheradas, e depois longa semana de convalescença durante a qual mandavam a Chiquinha brincar-lhe junto ao leito, e a madrinha trazia-lhe presentes de bonecas, e o pai vinha vê-la antes de sair e ao voltar da repartição, e D. Inácia aparecia-lhe de quando em vez com pungimentos maternos, e a tia Prudência lhe perguntava como passara a noite e se já se sentia melhorzinha, e a Ângela também lhe fazia festas ao arrumar o quarto, e a viúva Falcão e a família Alves visitavam-na para saber notícias. Boas semanas essas! Principalmente de agradável tinham a hora da comida com um quarto de galinha assada e pirãozinho ralo que ela comia em cima do banquinho envernizado da sala de visitas. Porque Sinhá gostava muito de galinha, não da que vem à mesa e que todo mundo come, mas da outra, da galinha dos doentes, que pode ser chupada com os dedos e bem roída nos ossinhos!

E a menina mostrava-se mais sofredora do que era, com só a boa perspectiva dessas coisas assim e patuscadas na cama. Tinha na voz

uns amolentados baixinhos, isocronismos de *ais* na respiração e contentamentos ocultos em ver a fisionomia consternada da família inteira. Com isso evitava umas tantas interrogações atrapalhadoras. E deixava-se ficar no leito com meneios doloridos.

### XXXVIII

**P**ara a família era, entretanto, cheio de graves complicações o acidente de Sinhá. Com o anoitecer, e declarações do médico dizendo não ser para cuidados o estado da doente, serenaram os arreceios de qualquer desastrosa conseqüência. Ficava, porém, de pé o magno problema da educação da criança. Depois de restabelecida, ela não podia continuar a desaprender em casa o pouco que sabia. Urgia arranjar-lhe um outro colégio. Não o havia ali por perto. Ocorreu a idéia de tomar professora particular. Dessa forma evitavam-se futuras possíveis brigas com as companheiras. Mas o capítulo das finanças merecia profundas meditações. Seu Sardinha já andava meio cá, meio lá, quase medianeiro de fortuna. De ascenso em ascenso, paulatinamente, fora galgando posições no Tesouro. O ordenado chegava-lhe para as despesas e mais para umas economias. Também tivera sempre a mania de botar um bocadinho de banda e ir ajuntando dinheiro na Caixa Econômica. Quando o dinheiro da caderneta chegava para comprar uma apólice, partia-se o bom do homem para a Praça do Comércio e voltava com o título da dívida pública. Assim, aos bocadinhos, com mais aquelas que a mulher herdara do pai, já prefazia oito o número de apólices. Agora custava-lhe muito desequilibrar o orçamento e meter-se em altas despesas. Havia de se fazer tudo pela educação da filha! con-

tanto que não fosse muito caro! Nem tampouco aprovou ao conselho de família, reunido na sala de jantar e no qual tomavam parte: ele, a mulher e D. Perpétua, a idéia do internato. Além de dispendioso, parecia-lhes ainda pior o deixar a filha dias e dias longe de suas vistas. Se lá no colégio de D. Josefina, onde Sinhá ficava apenas umas cinco horas, sucedera aquilo, o que não seria no internato?! O diabo era não haver outro por ali perto!

– Mas a gente muda-se!

E esta proposta de mudança formulada por caçoada, aereamente, foi de pouco em pouco tomando-lhes consistência no espírito.

– No final de contas, por que não?! A casa já estava ficando velha, com as pinturas sujas e os papéis desbotados. Chovia em dois ou três lugares. Da banda de fora a fachada era feia, com o caiado enegrecido pelo tempo, com as telhas pretas e quebradas, com a entrada porca, com os gradis das janelas pedindo uma mão de óleo! E o proprietário não queria ouvir falar em reparações!

Bem certo que ser-lhes-ia difícil abandonar o velho casebre das suas infâncias e das suas mocidades. Mas isto eram coisas! e nem valia a pena em razão de tolices e sentimentalismos piegas comprometer o futuro da criança!

– Que sim! que haviam de se mudar!

Depois, todos ficaram admirados da resolução tão bruscamente tomada, sem nada que a justificasse e nem as longas meditações que para eles precedia qualquer ato. Havia-lhes até arrependimentos e vontades de voltar atrás. Mas ninguém tinha a coragem de contraproposta.

E ficaram quedos, olhando uns para os outros, até que D. Perpétua se despediu oferecendo os seus serviços para as arrumações e recomendando-lhes com especialidade que não fizessem nada com muitas pressas e escolhessem devagar a nova residência.

## XXXIX

A si mesmo convencido da não exeqüibilidade do plano, caso houvesse muitas demoras e arrefecesse o primeiro entusiasmo, seu Sardinha pôs-se logo a campo em procura de casa. De manhã tomava apontamentos nos *aluga-se* do *Jornal do Commercio*. Saía mais cedo da repartição para dar umas voltinhas, e regressava à rua logo depois do jantar.

Foram dias de provação e passeios a contragosto. Custava-lhe, porém, o encontrar coisa em condições. Em umas casas havia o defeito do local, noutras o da acomodação, noutras o do aluguel.

Ali pela noitinha, quando se reunia em conciliábulo com a mulher e D. Perpétua, contava-lhes o que vira, enumerava as vantagens e desvantagens encontradas e ficava irresoluto, pedindo conselho às duas, desejando que acabasse quanto antes esta maçada, e queixando-se principalmente das pulgas que o atormentavam a mais não poder.

## XL

Para Sinhá e para a Chiquinha, andava muito agradável a notícia da mudança. Previam uma qualquer novidade, um pelo menos momentâneo abandono da rotina em que viviam sempre, qualquer alteração enfim nessa monotonia de dias – uns atrás dos outros, mas invariavelmente iguais.

Lá para a cozinha formava-se, porém, resistência surda, feita de meias palavras e de maus modos. Tia Prudência e a Ângela andavam tão afeioadas àquele quarteirão, onde lhes correrá de manso a vida in-

teira, que não era para elas sem desgostos o abandoná-lo. Quando saíam à rua havia ali defronte a quitandeira, e mais para além o homem da venda, e mais para acolá a padaria, e mais para longe o açougueiro. Havia a gente do cortiço onde iam conversar. Havia as criadas da vizinhança. Havia em suma todo um mundo conhecido e explorado, cheio de intrigas, de inimizades e de reconciliações, mas um mundo a que já estavam afeitas e no qual vegetavam-lhes os sonhos. Terem agora de largar tudo isto; irem para longe, para o desconhecido, tecer uma nova rede de convivências; exporem-se às dificuldades de um primeiro encontrar – elas que faziam cara feia e custavam para habituar-se à gente nova que aparecia-lhes pelas circunvizinhanças; aposentarem-se ali para recomeçar a carreira em outra parte; era-lhes extraordinariamente penoso. Restava-lhes apenas, como consolo, a esperança de que seu Sardinha não arranjasse casa que servisse e mudassem os amos de idéia em vez de mudar de casa. Por enquanto, e para preparar terrenos aos descarçamentos, punham dificuldades nos serviços extraordinários que lhes distribuía D. Inácia – serviços de lavagens e espanamentos que eram como intróito às futuras arrumações dos objetos.

## XLI

Com o restabelecimento de Sinhá, houve, porém, mais desenvolvimento nessa ordem de afazeres. A menina não se sentia de disposições para recomeçar com a Chiquinha os brinquedos dos tempos antigos – aquelas casas feitas de cadeiras. A boneca repugnava-lhe como já imprópria de suas posição e idade. E para ter alguma ocupação em que entreter o tempo pôs-se a ajudar a mãe de companhia com

a Chiquinha. Trabalharam muito, limpando as tetéias que adornavam a sala de visitas.

Confiada em suas novas ajudantes, D. Inácia lembrou-se de remover os velhos cacarecos da casa que eram atirados para um sótão de telha-vã por cima da cozinha. Desceram de lá, trazidos por dois pretos de ganho chamados da vizinhança – uma velha cômoda sem tampo e de gavetas quebradas; cadeiras sem pés; quatro baús forrados com uns couros tacheados e já roídos pelos ratos; uns caixões cheios de ferramentas enferrujadas pelo tempo, utensílios da velha padaria; bugigangas, enfim, imprestáveis, arrumadas pelos corredores e salas, entupindo a casa, espalhando por ela a fedentina das baratas que saíam de todos os lugares perseguidas pelas crianças e mais pelas galinhas.

Em vendo aquilo, seu Sardinha sonhou logo quantias elevadas por vendê-los e mais a uns trastes velhos da sala das comidas e que pretendia reformar quer se mudasse, quer não. Aprestadamente mandou chamar um belquior ali comarcão. Mas caiu das nuvens quando o homem ofereceu 50\$000 por tudo, achando aquela proposta uma ladroeira, demonstrando ao outro que com aqueles cacarecos ele poderia arranjar mundos e fundos. E tanto lhe veio a sede para aumentar a quantia oferecida que ajuntou mais alguns objetos aos primeiros oferecidos, até resolver-se o belquior a dar-lhe 60\$000.

Então, daquela data ao diante, pelos dias em fora, a família serviu-se na sala de jantar com as cadeiras da frente, tomando aquela casa um aspecto de acampamento, revolucionada que estava ao bafo modernista da projetada mudança.

## XLII

**P**elos tempos em que seu Sardinha começava a fraquear e, já de cansado, vinham-lhe desejos de esquecer a empresa, descobriu alguma coisa que de todos os pontos lhe parecia conveniente. Modicidade no aluguel, apenas 5\$000 mais elevado do que o da Rua dos Arcos; e isto mesmo era compensado pela proximidade da repartição, dispensando-o de tomar o bondinho, exceto em dias de chuva. Limpeza no prédio, pintado e forrado de novo. Boas acomodações, sem quartos de sobra, com apenas o necessário para a família. E até proximidade quase de vizinhança com D. Perpétua. Um tudo, enfim!

E já feitos os primeiros ajustes com o proprietário – o homem da venda da esquina, seu Sardinha voltou para casa a fim de resolver definitivamente com a mulher. Esta quis ver a nova residência antes de tomar qualquer alvitre. Foi um passeio que fizeram à tardinha e no qual também Sinhá se intrometeu para dar sua opinião! Agradaram-se todos. Que sim! Já agora, era tratar da arrumação.

## XLIII

**E**, quando dias depois, os homens das andorinhas vieram carregar os trastes lá na Rua dos Arcos, a casa foi se tornando maior. E toda a marinagem percorria por uma última vez aquela embarcação, a cujo bordo tinha singrado até esse momento nos mares da vida, com a comoção santa do marujo que deixa uma saudade em cada pedaço de tábuas, para quem cada ferragem representa uma recordação. Não havia mais nada. A casa estava deserta, de uma sonoridade assustadiça de ne-

crópole. Umas lágrimas brilhavam nos olhos de todos. Era chegado o momento da partida. Iam romper com um passado inteiro. Além, em movediço de nuvens, bruxuleava futuro incerto. Um grande pesadelo atormentava-os. Era a dúvida que lhes perguntava: – fariam eles bem?

Os corações transbordavam de tristezas. Uns funéreos pensamentos bailavam pela velha carcaça já quase abandonada. D. Inácia levava o lenço aos olhos, parecendo-lhe que vinha de assistir ao enterro de sua mocidade inteira. E foi muito baixinho, num respeito de sacristia turbado pelo folgado das crianças, que seu Sardinha formulou aquela ordem: – Vamos.

#### XLIV

**C**orreram de atropelo os primeiros dias. Andava tudo fora dos seus lugares. E semanas durante levou D. Inácia arranjando aquilo tudo para estabelecer o velho sistema dos isocronismos do lar.

De tempos, vinham visitas a quem era preciso mostrar a casa.

Sinhá tomara-se de amigas pela Alice e Elvira, umas meninas da casa ao lado. Ali pelo entardecer, punham-se as quatro a conversar nas soleiras das portas. E aos poucos e poucos, foram se entabulando relações entre D. Inácia e D. Joana – a vizinha de ao pé.

#### XLV

**C**omo andassem no colégio as suas novas amiguinhas, a menina foi uma das primeiras a lembrar a continuação dos seus estudos.

Encontrou para companheiras umas criancinhas quase inocentes, não sabendo nada de nada! explicava ela a Chiquinha. E Sinhá tomou então uns ares despóticos. Não lhe custou muito o firmar ali a sua supremacia. Ela era agora quem nas palestras do durante o recreio contava histórias escabrosas de namoros e outras coisas mais. Para imitar completamente a Amélia que, no final das contas era o seu ideal, faltava-lhe apenas o desempenhar o papel de heroína. E vinham-lhe disto desgostos; e vinham-lhe vontades de ser completamente mulher para ter: namorados à fartura – homens que lhe dissessem aos ouvidos, murmurantemente, umas palavras de amor, e cujas falas gostosas pudesse mais tarde repetir às companheiras na hora lasciva das conversas lúbricas.

## XLVI

**M**as, por uma noite em que ela não dormiu, a lei indefectível e fatal do progredir orgânico rasgou-lhe lá bem no fundo das entranhas a ferida periódica dos fecundalismos e chuvejou-lhe gotas de sangue por sobre o cálice rubro de suas virgindades.

## XLVII

**N**o dia seguinte Sinhá apresentou-se toda tímida e envergonhada, cheia de rubores e de palores. O seu segredo divulgou-se logo. D. Inácia e seu Sardinha nada queriam lhe dizer. Respeita-

vam-na naquele transe da vida. Mas, entre si quase alegres e quase tristes, trocaram muitas idéias. Era preciso cuidar do futuro da menina, pensar seriamente em arrumá-la.

Não foi ao colégio, com o que aliás muito se zangou, porque tinha pressas em gozar da sua vitória. Esteve triste, acompanhada pela Chiquinha, a quem disse tudo, tintim por tintim, não lhe poupando nenhuma minudência, mostrando-lhe a mancha de sangue que vermelhava o lençol, ouvindo uma ou outra frase destacada que partia da cozinha – as caçoadas alegres de tia Prudência e as meias palavras cana-lhas da Ângela.

## XLVIII

**A** tarde, enquanto as meninas brincavam na calçada e Sinhá repetia às suas amigas a descrição do fato, um grande conselho reunia-se na sala de visitas. Lá estavam D. Perpétua, D. Joana, D. Inácia e seu Sardinha. Discutia-se a nova fase da vida em que entrara a menina, falava-se da educação e castelava-se projetos. Não havia dúvida a respeito. Primeiramente seria preciso crismá-la. E D. Joana propôs que suas filhas também, todas três tomassem parte na solenidade, numa festa comum. Assim ficava tudo em família!

Depois D. Perpétua lembrou um piano. Sinhá sabia alguma coisa de música. Mas não bastava! Era preciso ter um em casa para que ela estudasse com mais afinco e pudesse mostrar o seu talento às visitas! Estas idéias atemorizaram um pouco a seu Sardinha. A sua situação financeira não estava muito boa! Os duzentos mil réis mal chegavam para as despesas diárias! Havia tanto tempo que lhe prometiam um

acesso! Onde iria ele arranjar uns quinhentos ou seiscentos mil reis?! O dinheiro da caderneta, esse era sagrado: não mexia nele senão em caso extremo! D. Inácia não entendia porém assim. Custasse o que custasse, fosse preciso suprimir um prato no jantar, coisa alguma devia ser poupada desde que se tratava do futuro da filha! Demais, acrescentava D. Perpétua, havia casas que alugavam pianos e assim ficava mais em conta! Quanto à professora, ela comprometia-se a pagar a metade!

Aí os dois esposos não pouparam protestos. Já tinha feito tanto! Fossem todas as madrinhas assim! E D. Perpétua teimava. Então falou-se na amizade à antiga.

Lá fora as meninas conversavam. Sinhá projetava passeios. Queria namorados. Mas de verdade! Gente que não fosse como o Juquinha!

E na sala continuava a conversa. Era preciso levar a menina a certos lugares e, de quando em vez, arrumar em casa uma partidazinha! D. Inácia desta vez mostrou certos receios. Uma partida dava muito trabalho, a gente esfalfava-se e os convidados ainda em cima não ficavam satisfeitos e ridicularizavam tudo! Mas já que era preciso!... Enfim, a coisa ainda não era sangria desatada e podia-se dar tempo ao tempo!

## XLIX

Lá fora Sinhá continuava, toda ancha. Debicava as outras e sobretudo crivava a Elvira de pilhérias. Falava-lhe dos seus dez anos, do tempo enorme que ela tinha de passar na infantilidade. E isto, tão forte e acremente, que a menina zangou-se. Então as outras, durante muito contidas, nada podendo opor à supremacia da companheira, aproveitaram-se do ensejo para ao menos poder dominar alguma coisa, e conver-

giam em ditérios para a criança que chorava numa raiva surda, concentrada. Daí uma briga que ao pouco e pouco foi alterando a tonalidade das vozes, fazendo-as ouvir na sala onde conversavam os quatro.

Seu Sardinha chegou à janela para ver do que se tratava. A Elvira entrou pela sala adentro, correndo para o colo da mãe, soluçando muito forte, enquanto as outras três crianças, que se tinham conservado na porta da rua, olhavam-se, prevendo já castigos; porque a menina não deixaria de repetir o que elas tinham dito. De fato, a Elvira, a perguntas reiteradas de D. Joana, contou tudo quanto ouvira, e acrescentou que outras estavam mofando dela porque devia esperar muito para ser mulher como Sinhá!

## L

**D**. Joana, no meio da geral estupefação, prorrompeu em impróprios. Era o que acontecia com essas convivências! Mas a culpa fora ela que deixara as filhas, tão bem educadinhas, tão inocentezinhas, andar com toda a sorte de gente! E D. Inácia replicou-lhe logo: Quem tinha telhados de vidro não atirava pedras nos do vizinho! Ela que cuidasse em si, que não fazia pouco! Sinhá era quem se devia ter perdido com as más companhias!

Então D. Joana retirou-se com as filhas, prometendo não pôr mais os pés numa casa onde educavam tão mal as crianças. E logo depois, através das paredes, em ambas as residências ouviram-se gritos e vozeiras, cada uma saciando sua cólera em castigar as crianças.

D. Inácia ralhava com Sinhá! Como ia ela se educando com tanta perversidade? E de mais a mais dando pretexto para que sua mãe ouvisse os desaforos que D. Joana acabara de lhe dizer! Mas D.

Perpétua apressou-se em desculpar a afilhada. Aquilo era próprio das crianças! Até mesmo, bem considerado o caso, ele provava a inocência de Sinhá que não sabia distinguir o bem do mal! Seu Sardinha, que não gostava destas coisas e queria pôr termo a semelhantes explicações, tapando os olhos para não ver sempre que adivinhava um abismo, aceitou imediatamente aquela interpretação e deu por concluído o incidente.

## LI

A desavença entre D. Inácia e D. Joana, além de tolher as relações das crianças, que não se falavam mais, nem mesmo no colégio, repercutiu fortemente nas cozinhas. De ambas as partes havia um cansaço daquela primeira efusão de amizades, em que se haviam fundido as duas famílias. Foi então um grande proliferar de mexericos.

E assim corriam os dias. Seu Sardinha, que fora alugar um piano para Sinhá, ficou muito admirado de encontrar à venda uns de cento e cinqüenta e até mesmo de cento e vinte mil réis. Pareceu-lhe que valia mais a pena comprar um destes do que estar a pagar dez mil réis mensalmente. Efetuou a compra, se bem que para fazê-lo tivesse de ir contra os seus princípios e tirar dinheiro da Caixa Econômica.

A instalação do piano, ali na sala de visitas, em frente à porta que dava para o quarto do casal, foi uma operação longamente festejada. De então em diante, a menina, em quem achavam vocação para a música, não saía mais do tamborete, recomeçando sempre erradamente umas intermináveis escalas que acabavam nunca. Às terças e sextas, vinha dar-lhe lições uma professora francesa que andava sempre com muita pressa e trocava raras palavras com D. Inácia.

## LII

**N**ão era esta, porém, a única distração da menina. O seu torso começara a desenvolver-se. As mamas proeminiam-lhe garbosamente acentuando os contornos de um colo virginal e quase esbelto. Sinhá já estava ficando com um corpo de mulher e a saia curta já não lhe ia bem. Era preciso preparar-lhe um enxoval! Para este fim os dois esposos levaram-na por diversas vezes à cidade, para que ela escolhesse as fazendas e provasse numa costureira da Rua da Quitanda um vestido mais luxuoso com que a presenteara D. Perpétua. O resto da futura roupa era feito em casa pela mãe e pela Chiquinha, que também já estava mulher. De todos estes passeios a menina voltava cheia de contentamentos, suspirando pela chegada do momento em que devia vestir a saia comprida. Demais, o seu grande afaizer era brunir-se antes do jantar e ir de tarde para a janela para ver quem passava. Sonhava namoros. Se por acaso algum moço a fitava, enrubescia, fazia-se langorosa e poética com o fito de captar-lhe o amor. Por um simples gesto, por um nada, castelava uma conquista.

## LIII

**E**stava também se preparando para a crisma. Nem ela nem a família tinham uma fé muito vigorosa. Mas a cerimônia era obrigatória e ninguém lembrava-se de não preenchê-la. Com os novos estudos de catecismos que empreendera, Sinhá sentia-se mais um pouco religiosa, avigorada em suas primeiras crendices. Não lhe faltavam umas certas emoções. Sobretudo entregava-se com prazer a este estudo por-

que lhe haviam inculcido a idéia de ser isto um primeiro passo no caminho do casamento. E ela continuava toda cheia de desejos no tocante a este assunto. Com só a idéia de envergar a roupagem branca das noivas, de trazer à cabeça, preso pela grinalda de flor de laranjeiras o véu de gaze, sentia-se preñado de contentamentos. Era um ensaio, uma primeira ocasião de experimentar essas roupagens dentro das quais devia ficar muito bonita, poeticamente pálida, com pelos olhos uns langores estranhos. E apressava os preparativos da cerimônia.

Uma dificuldade apresentava-se, porém. No tempo em que D. Inácia e D. Joana viviam quase sempre juntas, fundidos os ideais, elas tinham combinado em ser reciprocamente as madrinhas das crianças; e os primeiros passos foram dados neste sentido. Agora era preciso reformar tudo, e isto apoquentava às duas senhoras. Demais, já estavam tão habituadas àquelas conversas longas e maldizentes com que ocupavam a tarde e o princípio da noite; D. Joana sentia-se tão só com as duas filhinhas; D. Inácia achava tão enfadonha a palestra do marido e da D. Perpétua; as crianças olhavam-se tão tristonhas, com vontades de se falar; a criadagem andava tão aborrecida em só poder se comunicar na rua, que era fácil de prever uma acomodação, uma volta aos bons antigos tempos.

## LIV

Isto não se fez, porém, bruscamente. Nenhuma das duas era capaz de dar o seu braço a torcer. Só por transições gradativas era possível que elas realizassem os seus próprios desejos. A coisa começou pelas crianças. Uma tarde estavam nas respectivas portas, e ninguém as

vigiava. O Alves viera com a família a visitar a seu Sardinha. O Juquinha, muito emproado porque se tinha matriculado na véspera do primeiro ano de farmácia, repetia histórias da academia e pela terceira vez narra os incidentes da vaia que levava. Sinhá ouvia-o, lá do alto de sua superioridade de mulher que, obedecendo às convenções, atura o palrear de um fedelho sem conseqüências, apesar de achá-lo um tanto esquisito com a sua tez pálida de magricela e de aceitar protetoramente, como uma homenagem devida, as suas declarações de amor. Mas isto não agradava muito ao rapaz, que queria ter uma namorada de verdade, para completar o tipo sonhado de acadêmico.

Ignorante da desavença, o Juquinha dirigiu-se à Alice, que estava na porta vizinha, esperando ser ao menos atendido por ela e poder trocar um bocadinho. Vendo a esquiva da menina e o ar de atrapalhão que reinava nos semblantes, quis saber-lhes a causa, e conhecida esta, caçoou. Mas que tinham elas com a briga das mães?! E as meninas olharam-se e falaram-se às furtadelas, cada uma tendo desejos de dizer o que acontecera-lhe nesse decurso de tempo em que estiveram incomunicadas. Neste ínterim, porém, D. Inácia apareceu à janela com a senhora Alves. Zangou-se muito com a Sinhá e a Chiquinha que tiveram pressa em esconder-se. Mas, tendo aproveitado o ensejo para falar mal de D. Joana, distraiu-se e não deu mais atenção ao caso.

## LV

**A**ssim conseguida esta primeira troca de palavras, continuaram as crianças a falarem-se. Ao princípio eram muito por alto as suas conversas, às furtadelas, receosas de serem surpreendidas, limi-

tando-se a uns longos apertos de mão, a meias frases segredadas ao ouvido. E ao pouco e pouco foram amiudando esses encontros, fazendo-os mais demoradamente. Por vezes eram assim vistas pelas mães que gradativamente adoçavam os ralhos e acabaram por não mais se importar com estes colóquios. Em momentos as duas senhoras olhavam-se das janelas, curiosas uma da outra, procurando descobrir qualquer coisa, esmilhuçando os vestidos novos. Uma tarde, seu Sardinha teve de sair e, na rua, depois de ter dito adeus à mulher, passou por debaixo da janela de D. Joana e cumprimentou-a. Esta correspondeu ao cumprimento e voltando-se para D. Inácia sorriu-lhe. E assim, reciprocamente, elas se aproximaram, e tanto e tanto que uma tarde se falaram.

## LVI

Muito foi dito nesta primeira conversa. D. Inácia lembrou que tinham combinado o virem a Alice e a Elvira estudar no piano com Sinhá, e ofereceu-o. Por que as meninas não vinham? Elas, coitadinhas! deviam estar tão tristes com o isolamento! D. Joana consentiu, no meio da alegria das crianças que, correndo muito barulhentemente, foram todas para a sala de jantar de seu Sardinha. A própria Sinhá esqueceu o ar circunspecto de que andava revestida e entrou resolutamente nos brinquedos.

Depois falou-se em outras coisas. D. Joana perguntou quando era a crisma de Sinhá e, à resposta de D. Inácia dizendo ainda não estar bem e definitivamente assentada a coisa, lembrou que na quaresma se fazia tudo sem grandes dificuldades, a outra aquiescia com gran-

des movimentos aprovativos de cabeça. Que sim! Nem ela nunca tinha pensado em outra quadra! E, por aí afora, nestas conversas, continuaram todas as tardes, cada qual na sua janela, enquanto as meninas e os fâmulos iam e vinham de uma para outra casa. Apenas, nenhuma delas queria dar o seu braço a torcer. Cada qual esperava que a outra lhe fizesse a primeira visita. Era, porém, fácil de prever que em breve, por um qualquer fortuito incidente, viriam a restabelecer as usanças de outros tempos.

## LVII

**E**mbora fosse costume celebrar o aniversário de seu Sardinha com apenas uma reunião de íntimos, a boa senhora tinha sonhado e resolvera para então alguma coisa grandiosa, pretextando o início do programa adotado para o estabelecimento de Sinhá. O marido fazia-lhe uma fraca oposição à idéia, história de não querer festejar a si próprio, intimamente alegre com o projeto. E começaram então os intermináveis preparativos. Em primeiro lugar D. Inácia ocupou-se em lavar a casa e para este fim foi chamado o Pai Antônio – um velho negro, hoje forro, que servia na padaria de seu pai e que de tempos em tempos vinha visitá-los.

Sinhá, essa passava o tempo estudando a *Dalila* para poder acompanhar ao piano um qualquer poeta que porventura aparecesse. E, quando à noite punha-se a tocá-la, a madrinha batia umas grandes palmas de contentamento, admirada das grandes aptidões da menina, que tinha tanta facilidade em aprender.

## LVIII

**D**os vinhos encarregava-se seu Sardinha, agora muito preocupado com uma descoberta que fizera no tocante a este assunto: Uma tarde, ao voltar da repartição, trouxera uma garrafa de vinho de cevada e ao jantar dera-o para provar à mulher, à filha e à D. Perpétua, que ficara para as arrumações. Que tal? perguntava. E como todos o achassem muito bom, entrou em explicações. Uma pechincha! uma verdadeira pechincha! E contava a história: Havia já bem tempos andava atormentado com um anúncio deste vinho que lia todos os dias no *Jornal*. E tanto, que resolvera-se a experimentá-lo. Em seguida discutiu a compra de uma pipazinha. O vinho Figueira não era muito bom; notara-lhe certo acre! De mais a mais ficava muito caro por oitocentos réis a garrafa! O vigésimo de cevada custava apenas oito mil réis, e já tinha feito a conta: — 36 garrafas a 8\$000, andava em pouco mais de 220 réis cada uma. Apenas da primeira vez tinha de dar mais 2\$000 pelo casco. Mas assim mesmo não chegava a 280 réis! E tomava uns ares triunfais, todo ufano com essa perspectiva de economia.

Como D. Perpétua objetasse que vinho para ser vinho devia haver uva, apressou-se em responder-lhe que todos os que tomavam eram falsificados. Estava no *Jornal*! Ao menos esse não tinha composição nem mistura, e de mais a mais fora premiado na Exposição Nacional — aquela ali no Largo do Paço. Ele era brasileiro e queria proteger a indústria nacional! Por isso D. Inácia que fosse tratando de mandar lavar todas as garrafas que houvesse em casa! Compraria o vigésimo logo depois do jantar e, como fosse domingo no dia seguinte, passaria o tempo a engarrafá-lo. Ao menos os convidados haviam de ter vinho a fartar!

Estas medidas preparatórias eram, porém, muito insignificantes relativamente ao que ainda havia por fazer. Entretanto o dia da festa aproximava-se. D. Inácia queria uns doces, e lembrou-se de que D. Joana era muito entendida nesta matéria e até lhe tinha falado em um livro — *A perfeita cozinheira* — onde vinha tudo explicado por pesos e medidas. Mais do que nunca lamentava a desavença com a vizinha. Enfim! fosse como fosse, havia tudo de arranjar-se!

## LIX

**A**prontando-se seu Sardinha para ver o tal vigésimo, tanto a mulher insistiu em ir à cidade que ele guardou-se para fazer a compra no outro dia logo de manhã, e saiu com a família por causa de uns enfeites que precisava o vestido de Sinhá. Esta ia pela primeira vez de vestido comprido, cheia de ademanos, ocultando numa máscara de indiferentismo a alegria que lhe causava este passeio — a ela que saía tão poucas vezes à rua e que estreava-se agora no seu enxoval de moça já feita. Na porta encontraram-se com D. Joana, que também ia a compras com as filhas. Na zona neutra da rua pareceu às duas senhoras que não havia quebra de dignidade em apertarem as mãos, e caminharam uma para a outra, abraçaram-se e beijaram-se em ambas as faces, com uns beijos estalosos, enquanto D. Perpétua, que ficara em arrumações, sorria da janela e Sinhá falava protetoramente às suas amiguinhas. D. Inácia aproveitou o ensejo para dizer à outra que dava uma partida no sábado próximo, por causa dos anos do marido e pretendia convidá-la.

E D. Joana: – Que sim! Que iria com as filhas! Tomaram o bonde juntas. Seu Sardinha pagou a passagem com todas as formalidades do estilo, e durante a viagem as duas reconciliadas pararam largamente. D. Inácia não se esqueceu de expor as dificuldades em que se achava por causa dos doces, e então D. Joana ofereceu os seus pequenos presentes. Iria no dia seguinte com o livro e haviam de fazer coisa *chic*.

## LX

Quando às duas horas D. Joana entrou na casa da vizinha sobrando o livro de receitas, receberam-na com afagos e carinhos. Era tudo para ela. Desde D. Perpétua até as criadas, todos tratavam-na nas palminhas das mãos. D. Inácia não sabia como agradar-lhe, e seu Sardinha, muito preocupado em engarrafar o vinho, lá da área, de quando em vez atirava-lhe uma graçola faceta, de que todos riam, ele o primeiro. Enfim, aquela briga parecia ter sido um aperitivo para o recrudescimento da amizade antiga, uma espécie de doença depois da qual a gente levanta-se da cama gostando mais da vida, sabendo melhor apreciar a saúde. Havia aquela sensação boa de um quisto esvaziado, onde já se não sentiam as dores da operação, e cujo utrículo mal extraído ainda se não tinha enchido de novos humores.

E foram, então, uns grandes dias intermináveis, passados em intimidade constante, as duas cancelas abertas, todos num vai-e-vem contínuo de uma para outra casa. D. Joana mostrava-se consumada doceira e caprichava para que nada faltasse à tão anunciada festança. Ela também sentia-se desejosa de gastar-se nuns requintes de amizade. Mandava buscar na sua despensa todos os apetrechos de que dispu-

na. A casa de seu Sardinha convertia-se numa verdadeira cozinha de confeitaria.

A mesa de jantar, a de engomado, todas enfim andavam cheias de terrinas com calda, de fôrmas com bolos, de bandejas, de sacos de papel pardo com açúcar, fubás e farinhas, de ovos – uma mixórdia.

## LXI

Para haver regularidade no serviço, resolveram todos que durante aqueles dias a comida fosse feita em comum e servida na casa de D. Joana. Assim fica um fogão disponível para os doces. Cada tarde, antes de preparem-se para o jantar, abria-se o armário e aí guardava-se uma nova compoteira, o pé dentro do pires com água e sal por causa das formigas. Depois, ali pelo anoitecer, as intermináveis conversas enquanto a Sinhá repetia ao piano a *Dalila* e uma valsa que pretendia tocar durante a reunião. Aí discutia-se a festa e D. Inácia fazia a lista de convidados. Afora a gente de casa – 3; D. Perpétua – 4; D. Joana com as filhas – 7; havia: a família Alves, marido, mulher e dois filhos – 4; a viúva Falcão – 5; o Martins, que tinha prometido trazer dois companheiros – 8; e talvez o Dr. Siqueira, o padrinho da Sinhá, que andava agora muito ocupado por ser oficial de gabinete – 9. Ao tudo 16 pessoas! E D. Perpétua, que estabelecera quase definitivamente sua residência em casa da comadre, batia coma a cabeça em sinal de admiração. Sim senhor! um festão! Todos iam por aí afora elogiando a lembrança de D. Inácia, prometendo-se de antecedência uns grandes prazeres. E a noitada prolongava-se até às tantas, gastas as horas naquela conversa mansa de uma vida chata, toda tibiezas.

## LXII

**A**manhecer tristonho. Céu enublado preludiando chuva. E todos, ao vê-la — essa promessa fatídica, sentiam-se consternados; enquanto instintivamente irrompia dos lábios a pergunta: — Choverá? Eram agora desânimos profundos, braços flácidos que caíam, pendurados dos ombros, ladeando os torsos. Apenas uns consolos frouxos, dados pró-fórmula. Em todo caso deviam ir tratando de arrumar as coisas! Mas havia geral má vontade. Cada qual parecia palpar o improficuo de seu trabalho. E, quando de repente o céu fez-se mais escuro e ao som da trovoada foi caindo uma chuva de grossos pingos, todos desertaram de seus postos. D. Inácia lamentava tanta despesa à toa. Noutra era que ela não caía! E não pôde conter-se, prorrompeu em impropérios, quando o caixeiro da venda entrou com os tamancos enlameados, o chapéu de chuva gotejando água, sujando o assoalho.

## LXIII

**M**ais tarde, depois de haverem almoçado, serenou um pouco a pancada, e aos bocadinhos foi ela diminuindo até que cessou. Houve então recobros de alento; todos entregaram-se à arrumação da casa alentados por uma esperança misturada de receios.

A sala de jantar já estava desocupada e aprontaram a mesa à qual tinham reunido a da cozinha de D. Joana que era da mesma altura e largura. Por cima estenderam duas toalhas que, enormemente, dadas no centro, cobriam-nas inteiras. Então, em uma fila traçada pelo meio, foram colocando as compoteiras com doces. Ao centro, uma peça de louça

emprestada por D. Joana – um grande espigão sustendo dois dísticos onde estavam as tigelinhas com baba de moça. Ao lado desta, duas frutas. Nos extremos da linha, quase juntos às cabeceiras, dois vasos com buquês. Nas zonas intermediárias: duas metades de melão, pratos oblongos e chatos com passas, amêndoas, nozes, o queijo. E isto formava um todo tão encorpado que quase abrangia a mesa inteira.

Quando terminava-se este serviço e começava-se a botar nas beiradas os pratos rasos com os copos, talheres e guardanapos, apareceu a viúva Falcão – extraordinariamente gorda, as grandes mamas de vaca pendentes sobre o abdômen, o vestido de seda preta fedendo a cânfora, preservativo das traças. Sempre afável, ofereceu logo seus préstimos, pedindo que não se incomodassem com ela. Que não era de cerimônias!

## LXIV

**D**iscutiu-se, então, o programa do jantar. A mesa estava tão cheia que não comportava mais os pratos de comida. O melhor era adotarem o sistema francês e virem as coisas lá de dentro já preparadas para que cada qual se servisse! Na cozinha havia gente bastante para isto: tia Prudência, a Ângela, a Catarina e a Juvência. Até mesmo a Josefina tinha prometido aparecer e assim ficava mais uma. E, como já não houvesse quase mais nada para fazer, D. Joana foi com as filhas para casa a fim de se preparar; e Sinhá, que acabava de se aprontar, saiu do quarto em tempos de receber a família Alves que chegava.

## LXV

O Alves, muito brincalhão, dizendo pilhérias, acostou-se logo a seu Sardinha para lhe repetir a conversa de todos os dias, aquela boa palestra maçante com que eles matavam o tempo nos corredores da repartição. A Sra. Alves, cada vez mais bonachona, gorda a mais não poder, com pressas de assentar-se, cansada de ter andado do bonde até aquele lugar. E Sinhá, muito satisfeita em fazer as honras da casa, começou a crivá-la de perguntas, a dizer-lhes amabilidades. O Juquinha metera-se entre as duas, decidido a fazer a conquista da menina para ter uma namorada de verdade. E o Nhonhô, o ar imbecil, mas em quem o pai descobrira disposições para as matemáticas, sentado numa cadeira contava as tábuas do teto.

## LXVI

D. Joana voltara, já paramentada no seu eterno vestido de merino preto; as filhas trajando saias de cassa branca com corpete de cetim azul. D. Inácia estava também pronta. Então a sala encheu-se. Até mesmo a viúva Falcão veio ocupar uma cadeira e entabular conversa com D. Joana, a quem fora apresentada. Ambas falavam dos maridos mortos. Aquela, mais tagarela, dominando a outra com a sua voz metálica, repetia a história do Dr. Falcão, que morrera dois anos depois do casamento em conseqüência de uma bronquite apanhada à noite. Não poupava os detalhes. Fora numa noite muito fria. Eles estavam deitados juntinhos, agasalhados sob o mesmo cobertor. Lá fora chovia a mais não poder. Bateram à porta por causa de um doente que estava muito

mal. Ele quis ir, bem depressa, sem esperar ao menos um carro. Era um médico muito bom, muito caridoso, tanto que a deixara assim, sem mais vintém, porque os outros o engabelavam com promessas e não lhe pagavam, quando voltou, vinha já tossindo e com dores de cabeça. Também, foi deitar-se e a doença num instante deu cabo dele. Só mesmo vendo!

Depois falaram sobre a situação das viúvas; ambas muito honestas, dizendo que poderiam ter feito isto e aquilo, como Fulana ou como Sicrana, mas que não queriam porque em primeiro lugar estavam os bons costumes. E D. Joana, passando a mão pela cabeça da filha, achava que à outra ainda eram permitidas certas coisas. Mas ela que tinha duas crianças para educar!... D. Inácia também interveio: uma enorme responsabilidade a educação de uma menina. E o que mais a incomodava era ter a gente tanto trabalho para depois entregar a filha sabe Deus a quem!

## LXVII

**O**Juquinha quis logo dar uma indireta em que se oferecesse para tomar conta de Sinhá, prometendo mundos e fundos. Mas, como levasse muito tempo em escolher a frase, passaram adiante sem dar por isso, ficando ele muito zangado consigo mesmo por ter deixado passar aquela ocasião de formular os seus amores. Para ao menos não perder de todo o ensejo, entendeu dever fulminar a menina com um olhar longo e apaixonado a que ela respondeu com uma boa gargalhada causticante.

Ela, que em pequena gostara tanto de brincar com o Juquinha, que gozara umas arreitações boas de criança quando os dois faziam de marido e mulher e a Chiquinha ia na frente levando a boneca fingindo fi-

lha de ambos, que chegara a contratar casamento com ele, não sabia explicar devidamente a espécie de desprezo que atualmente lhe dedicava. Mas, no final das contas, sentia-se mulher, apta a casar, enquanto o outro não passava de um fedelho. Daí todo aquele modo de superioridade com que o tratava, o pouco caso que dava às suas submissas manifestações de amor.

### LXVIII

**E**le, inexperiente, não podia compreender bem aquela brusca metamorfose sobrevinda de repente, de um dia para outro. Fazia-se trágico, tinha umas boas veemências românticas, dava para poeta – um poeta tristonho, vergado ao peso da desgraça, cantando em versos ruins, dedilhados numa lira prenhe de cloroses, os acerbos sofreres que lhe impunha a dama dos seus pensamentos.

### LXIX

**A**quela gargalhada fizera-lhe mal. E o bom do rapaz retirou-se para uma janela, verdadeiramente apaixonado, esquecido de um simples namoro para pândega, meditando sobre as infelicidades da vida, o organismo inteiro com sede daquela mulher, fazendo-se um herói pronto para remover todas as dificuldades, ao mesmo tempo um descrente cismando vagamente num suicídio de teatral encenação, ali no meio da sala, caindo exangue a seus pés, para que ela compreendes-

se de quanto era capaz, para que ao menos fosse amado depois de morto, sua imagem ensangüentada sempre presente à imaginação da bela impassível, sua última declaração de amor, trágica, bradando vingança, reclamando um claustro.

## LXX

**M**as enfim! era força concordar que ainda não havia motivo para tanto! Sinhá ainda não o desvanecera positivamente! E, antes de apelar para esse último recurso, parecia-lhe de bom conselho tentar alguma coisa mais simples. Justamente, na véspera à noite, tinha preparado uma carta em verso, na qual declarava a chama intensa em que seu coração ardia, e mais outras coisas bonitas. Quando a escrevera o amor, que de repente o dominava agora, ainda se achava no período incipiente. Em todo o caso, de tal forma se possuía do assunto, que as hipérboles de suas rimas bem podiam traduzir o seu estado de atualmente. Parecia-lhe impossível que, ao lê-los – aqueles versos tristonhos, um sentimento de amor não se apoderasse dessa para quem eram destinados. E, sem perda de mais tempo, foi para dentro, a fim de fazê-los chegar às mãos de Sinhá, por intermédio de Chiquinha, que certo boamente se prestaria à semelhante incumbência. Como se demorasse algum tempo, por impossibilidade de imediatamente falar a sós com a mulatinha, encontrou, ao voltar, a sala num grande alvoroço, vozes altas e fortes, ritmadas em boas gargalhadas, enchendo o ambiente. Surpreendeu-o aquilo. E, conhecida a causa, sentiu murcharem-se as belas esperanças que trazia.

## LXXI

O Martins acabava de chegar e trouxera os dois prometidos convidados. Um – o Ricardo, rapagão moreno, olhos e cabelos pretos, pele algum tanto grossa, ligeiro buço apenas, bonita dentadura sadia, poeta desses que recitam ao piano e tem no prelo, há mais de três anos, um livro que nunca aparece e para o qual andam sempre arranjando assinaturas, sem profissão conhecida, vivendo em casa do pai, muito procurado para as festas de família porque sabia dançar e tocar flauta. O outro – o Adolfo, pequenino, claro, cabelos castanhos, grandes bigodes ocultando-lhe a boca, amanuense na Secretaria do Arsenal de Guerra, bom garfo e ainda melhor copo. E o Martins, sempre alegre, sempre moço, a pilhéria vivaz, apresentava-os.

Então começava uma ampla conversa ponteada de exclamações ruidosas; os três dando vazão ao serviço, permutando graças, replicando e treplicando, numa vozeria alegre que enchia a casa; todos calados e o riso nos lábios, apreciando aqueles homens engraçados.

## LXXII

Já estavam completamente esquecidas as primeiras apreensões da manhã. Ninguém mais se procurava saber se choveria. A tarde podia continuar enublada, prometendo borrascas, que eles não mais se importariam com isto. Uma boa alegria comunicativa, e honesta, e pacata se apoderava de toda aquela gente, agora fazendo horas para o jantar, esperando pró-fórmula o Dr. Siqueira com quem não contavam, nem seu Sardinha, nem D. Inácia, nem mesmo a afilhada. Lá de dentro vinha o

barulho dos pratos e dos talheres avivando em todos a idéia da papança que os esperava. A cada momento um ia à sala de jantar para beber um copo de água e ajuizar pessoalmente a abundância e suculência dos manjares. Sinhá, sentada entre o Ricardo e o Adolfo, ouvia-os com pequenos tremeliques nervosos e umas risadinhas gostosas por detrás do leque. Apenas o Juquinha, encostado ao peitoril da janela, fingia olhar distraidamente para a rua, ansioso por ver a menina ir ao interior onde infalivelmente receberia a sua carta; temendo ao mesmo tempo a chegada deste momento, por ele reputado o transe mais dificultoso de sua vida.

### LXXIII

Quando chegou a hora do jantar, cada qual foi-se levantando, a Sra. Alves, a última, e, à vontade, sem etiquetas nem cerimônias, uns sós, outros grupados aos dois aos três seguiram para dentro onde conservaram-se um pouco distante da mesa, todos de pé. Seu Sardinha, porém, não gostava destas coisas. Que cada qual se abancasse onde melhor lhe parecesse! E foi logo obrigando D. Perpétua a tomar a direita e D. Joana a esquerda da cabeceira onde pretendia sentar-se. Ao lado daquela acondicionaram-se: D. Inácia, em seguida Ricardo, Sinhá, o Adolfo e a Alice; no oposto, junto à D. Joana: o Alves e depois a viúva Falcão, o Martins, a Sra. Alves e o Juquinha. O Nhonhô e a Elvira ficaram no pé da mesa.

## LXXIV

**O**Juquinha, que estava muito desgostoso com a feição que as coisas iam tomando, amolou-se ainda mais com o lugar que lhe haviam destinado, ali junto da mãe. Em nome da sua dignidade de acadêmico, protestava intimamente contra o quererem equipará-lo às crianças colocando-o no fim da mesa onde só tinham ficado o irmão e as duas filhas de D. Joana. Demais, não tirava os olhos de Sinhá, que fora postar-se entre os dois moços, a dar-lhes muita atenção, ouvindo-os falar alto, apreciando as suas boas pilhérias; enquanto ele, com medo do pai, nem podia abrir a boca. E, em presença daquelas rivalidades tão fortes, contra as quais não podia nada, sentia-se acobardado. Todo o seu ser protestava contra o próprio aniquilamento, contra o segundo plano que sempre lhe designavam. E então toda a sua morbidez linfática de menino aperreado, sem liberdades, numa grande atrofia de querer, concentrava-se em ódios virulentos contra a sociedade.

## LXXV

**S**erviu-se a sopa, uma boa canja de galinha, e silêncio geral envolveu os convidados. Ouvia-se apenas o tinir das colheres nos pratos. Nenhuma palavra vinha distrair os circunstantes do cuidado com que se entregavam àquela tarefa. Depois apareceu o cozido, um enorme prato-travesso repleto de carnes de vaca e de porco, charque, toucinho, paio e hortaliças, que foi gostosamente saboreado com pirão e molho de pimenta. Vieram em seguida os ensopados, uma cabidela de

miúdos de galinha e peru e um pato com arroz que seu Alves teve a pretensão de servir, mas tão desajeitadamente que deixou cair a asa e grande porção de arroz em cima da toalha. Ele, muito enclistrado, não sabia se devia apanhar o que tinha caído, se deixá-lo ali. Todos riam-se, achando muita graça; parecendo ao Juquinha muito bem feito, para que o pai não tivesse razão de ralhá-lo por causa de algum desajeitado de sua parte. Só então recomeçou a conversa, ainda frouxa, consistindo apenas em pequenas frases soltas, espécie de adubo com que o Martins misturava as garfadas.

## LXXVI

**D**e mão em mão circulava a garrafa de vinho de cevada. Que tal!? perguntava seu Sardinha. E dizia a história: Todas as manhãs, quando pegava no *Journal*, via o anúncio e aquilo apoquentava-o. Uma tarde, passando pela Rua do Areal, decidiu-se a comprar uma garrafa para experiência. E não o achou mauzinho, não! Todos davam pequenos estalidos com a língua no céu da boca para fazerem-se de entendidos, e concordavam com ele.

E apoiou o Martins, um pouco seco, mas agradável! O bom velho entrou, então, nas apreciações econômicas. Realmente não havia nada mais barato. Um vigésimo comprado da primeira vez custava 10\$000 por causa do casco que importava em 2\$000. E repetia o cálculo: 36 garrafas a 10\$000 não chegava a 280 réis. E depois, a 8\$000, andava em pouco mais de 220 réis.

Então o Martins, para caçoar com o Adolfo, disse-lhe que podia beber à vontade porque o vinho não era caro e lá dentro havia uma

pipa. Ao que o rapaz respondeu lamentando a notícia. Que uma pipa era pouco para ele só! E, parta comprovar o dito, esvaziou logo, um atrás do outro, dois cálices.

Riram-se todos com a graça. Fazia gosto vê-lo comer e beber. O Martins dizia não saber como ele se arranjava para ter o prato e o copo cheios e sempre vazios. D. Inácia, para mostrar-se cuidados, achou que Sinhá não servia bem aos vizinhos, contra o que a menina arriscou uma facécia: Eles eram os que deviam se ocupar com ela! O contentamento tornava-se geral. Só o Juquinha estava tristonho, a cara amarrada. Pois se até a mãe acabava de ralhá-lo porque estava bebendo demais, ao invés de fazer como D. Joana que nem olhava para as filhas! Mas ninguém reparava nisto. As boas gargalhadas continuavam estrepitosas, alegres, em torno à mesa.

## LXXVII

**S**eu Sardinha, porém, não estava pelos autos. Ainda não tinha acabado a sua história! Queria a todo o custo ser atendido e reatou o fio do discurso: Além de não ser mauzinho, o vinho oferecia uma vantagem — a de não ser falsificado, porque a cevada era tão barata que não valia a pena substituí-la por outra matéria-prima, ao passo que os outros vinhos passavam por quanto batismo inventavam os homens da venda. E que ninguém duvidasse! Estava nos jornais!

Então falou-se em falsificações. As coisas não podiam continuar deste modo! Tudo caro e tudo falsificado! Decididamente neste andar ninguém tinha mais licença pra viver! A vida — só para os pelintras que andam sem vintém e que devem a todo mundo! sentenciou o Martins.

Para quem não tem nada que perder! acrescentou o Alves. E todos ritmavam no mesmo tom. Era agora uma grande ostentação de honestidades, cada qual fazendo praça dos seus nobres sentimentos, as barrigas cheias, os talheres pousados nas beiras dos pratos, os cálices de vinho de cevada, esvaziando-se. Tinham cessado as risadas, feita uma atmosfera silenciosa de necrópole onde oficiava-se os mistérios sacrossantos da honradez, apenas o cheiro dos círios substituído pelo aroma das gorduras, um anoitecer tristonho de dia enublado botando tonalidades trevosas naquele recinto.

## LXXVIII

**M**as a chegada do peru, um enorme peru assado, desnor-teou o rumo da conversa. O Martins protestava. Destas surpresas não se fazia sem prevenir a gente! Ele, por exemplo, que não contava com esta, e que só tinha guardado na barriga um lugarzinho para a sobremesa! Com um pouco de boa vontade sempre se arranjava! respondeu-lhe seu Sardinha, o ar rubicundo, lábios lucentes de gordura – anfitrião satisfeito de faltar os convidados. O Ricardo apostava em como o Adolfo não tivera este esquecimento, ao que o outro retorquia dizendo que tinha estômago de borracha e que viesse o que viesse, havia de meter tudo no saco. As gargalhadas recomeçaram.

Mas quem trinchava o peru? perguntava o Martins. E, como ninguém lhe respondesse, propôs que fosse o estudante ali da ponta da mesa, que estava na Escola de Medicina e devia entender dessas coisas de anatomia. Qual! objetou o Alves, o filho só estudava farmácia e era um vadio de marca! Então trinchava ele! E o Martins pôs-se de

pé, a ponta do guardanapo presa no colarinho, mangas arregaçadas, numa dessas atitudes que todos achavam cômicas e que a todos fazia rir. Enquanto o Juquinha, num gesto colérico franzia a toalha, os olhos dardejando uma raiva surda contra o pai que não perdia vaza para rebaixá-lo.

### LXXIX

**D**epois de comido o peru, houve uma pequena pausa, durante a qual eram substituídos os pratos e talheres e retiradas as comidas de gordura. Começaram, então, a sobremesa pelo melão e laranjas. E quando tratou-se dos doces todos tinham pequenos receios. Já estavam até aqui! diziam, colocando o índice na garganta, logo abaixo do queixo. D. Inácia, porém, insistia. Que comessem dos doces feitos por D. Joana! E enquanto esta respondia com suas frases de modéstia aos elogios da dona da casa, ia aquela enumerando o que havia.

### LXXX

**C**hegara, entretanto, a hora dos brindes. O Martins levantou-se, toda a sua estatura dominando o auditório. “Vinha brindar a um cavalheiro distinto pelas múltiplas qualidades que exornam a sua fronte veneranda, cercada pela coroa alvíssima dos cabelos brancos; ao bom pai de família que sabia fazer-se amar e respeitar pelos seus, para quem era o caudal perene da

fonte da vida; ao ideal do amigo que sabia repartir a mãos largas a consolação e a amizade – esse dom precioso dos deuses; a seu Sardinha, enfim, que tão bem estava fazendo as honras da casa àquele punhado de corações singelos que ele via em torno à mesa”. Todos aplaudiam-no com grande entusiasmo e, copos entrecrocando-se, brindavam a seu Sardinha, que respondia muito comovido a tão cordial prova de apreço.

Então levantou-se o Ricardo. Também tinha um discurso para fazer e, a fim de assumir posição oratória, os dedos em forma de pente, passou a mão pela basta cabeleira. “Depois de tão ilustre orador, pela lei dos contrastes, competia-lhe o dever de levantar um novo brinde. Sabia que o auditório, que acaba de saborear tão sazornado fruto, só teria para com ele as complacências da civilidade. Mas tão grato lhe parecia o assunto escolhido que mercê dele não esperava ser completamente desatendido. Ia brindar a tudo quanto havia de mais santo, à paixão mais sincera que o homem aprendeu no berço e que o acompanha até a sepultura. Ia brindar a entidade – mãe, e pedia licença para encarná-la na pessoa de D. Inácia – a maior de todas as felicidades que seu Sardinha encontrara na vida. E, já que brindava à entidade – mãe, requeria vênica para dilatar a esfera de sua concepção, para brindar a entidade mulher – a tenra e carinhosa companheira do homem, a esperança da mocidade e o arrimo da velhice, a flor mimosa do jardim da vida, a obra-prima do Criador; e ele a representava na pessoa de Sinhá. Assim, pois, à mãe, e à filha, à D. Inácia, e à Sinhá!”. O brinde foi concluído no meio de hips e hurras, todos entusiasmados. Sinhá, muito rubra, ardendo em prazeres. Apenas o Juquinha, ciumento do Ricardo, zangado contra o pai que fá-lo-ia calar-se caso ele quisesse falar. Os oradores muito aplaudidos pelos circunstantes. Completamente abertas as válvulas do pra-

zer, cada qual entregando-se às tendências galhofeiras. A mesa muito desarrumada, as cadeiras um pouco afastadas para que pudessem respirar à vontade, o café bebido aos pequenos goles.

## LXXXI

Como anoitcesse, foram todos para a sala de visitas. Depois de uma curta palestra, Sinhá, à indicação da mãe, tomou conta do piano, onde executou duas longas peças. Em seguida, ao som da *Dalila*, o Ricardo recitou uma poesia repassada de amores, de uns amores tenros e sentimentais, toda pelo gesto e pela voz, sobrescritada à menina. O Juquinha sentia uns furores de Otelo, vontades de matar. Também era poeta e fazia coisa melhor! E Sinhá que ali ficava toda embasbacada e que ainda não recebera a sua carta!

Terminada a parte concertante, improvisaram uma dança. D. Joana, para lembrar-se dos velhos tempos, foi tocar as polcas e as valsas de que ainda se recordava. Dançaram: o Ricardo com Sinhá, o Adolfo com a Alice e o Martins com a viúva Falcão, que achava aquilo muito engraçado. E, como fosse preciso mais um par, o Juquinha teve de tomar o braço da Elvira. Durante a quadrilha o Alves, para espertar o rapaz que estava lhe saindo muito moleirão e atoleimado, encaixou meia dúzia de pilhérias a seu respeito, criticando a maneira pela qual trazia o corpo e dava os passos.

Sinhá estava contente. O Ricardo tomava-a a sério e namoricava-a com todas as regras da arte. E a menina lembrou-se daquela dança de que lhe falara a Amélia, estranhando que o rapaz não fizesse como o outro, não lhe desse beijos e não lhe metesse a perna entre as suas.

## LXXXII

**E**ra ali na Rua do Conde d'Eu, em casinha alegre e satisfeita, dentro de cujos muros cismava-se vida cheia de felicidades mansas. Fachada risonha, com pelas paredes de azulejo cintilações que faziam mal à vista quando no polido da porcelana o sol refletia-se em lascívias de bem-estar. Lá em cima, cimalha branca e uma platibanda semelhando blocos de mármore cor de rosa sustidos por três pilastras de granito. Por sobre estas, vasos de cimento bronzeado onde haviam plantado uns cactos de folha de Flandres pintada de verde claro. As duas janelas de peitoril, com vidraças de batentes, as bandeiras de vidro de cor, as alvas cortinas de crivo, quando abertas, exalando lá de dentro um cheiro de vida alegre e satisfeita escoando-se burguesamente em placidez monótona. À esquerda, a porta da rua, porta alta, inteiriça e pesada, de verde escuro enegrecido pelo tempo, completamente aberta durante o dia, deixando o olhar do transeunte mergulhar-se através da cancela de ferro numa estrada retangular de paredes pintadas a óleo, divididas em grandes quadros com molduras amarelas.

Entrada convidativa. Patamar de litóide à altura da soleira, com arabescos esquisitos pelo complicado da forma, pelo variado da cor. Quatro degraus de madeira para subir ao pavimento da casa. Logo à direita, a porta da sala de visitas, as almofadas fingindo carvalho, engastadas em caixilhos de mogno, com a fechadura francesa, saliente, meio disfarçada pela pintura, a maçaneta de vidro verde. Defronte, uma arandela, com o globo de porcelana branca, de braço bronzeado reluzindo ao sol ou à luz do gás pelas quinas e florões de metal amarelo. Ao fundo, uma cancela de madeira envernizada por trás de cujos balauústres tinham pregado pedaço de metim escuro.

### LXXXIII

**E** fora nessa residência catita, nesse esqueleto de pedra recoberto por uma carnação asseada e luzidia, que arrestara os seus tendais a família Sardinha, verdadeira alma burburinhando vida, mas vida amorfa, sem sobressaltos, bonde deslizando em trilhos.

Todas as manhãs, às seis em ponto, abria-se uma das janelas da fachada e nela assomava seu Sardinha – baixo e obeso, metido em camisa alva e calça de brim, com as bastas suíças brancas e os cabelos começavam a rarear deixando ver-lhe o luzidio do crânio. Grande nariz, algum tanto vermelho, flanqueado por uns olhos à flor do rosto, sombreando lábios grossos onde reinava eternamente um sorriso beócio traduzindo profundo contentamento de si mesmo. O ar das madrugadas, mornamente aquecido pelo crepúsculo, vinha beijar-lhe a plástica gordurenta. O bom velho sentia-se feliz, esfregava as mãos e percorria com o olhar a sala de onde se exalava um cheiro honesto de burguesia.

### LXXXIV

**U**ma dessas velhas e antigas mobílias de jacarandá ornamentava as paredes forradas de papel aveludado e vermelho. Em cima do grande sofá, enfrentando com a porta da entrada, pendia um espelho elíptico reproduzindo o tapete desbotado onde se representava a tradicional caçada de veados. Ao meio da sala, colocada debaixo do lustre de cristal, havia uma mesa oblonga de tampo de mármore sustentando grande candelabro de bronze, hoje em dia amortalhado em capa de escumilha amarela. Ladeando a porta: os consolos. No que ficava junto à janela havia

uma grande peça de metal dourada a fogo – uma pipa dentro da qual funcionava o mecanismo do relógio, onde se assentava escultural bacante empunhando taça de bacará três vezes maior que seu corpo, que servia de porta-cartões. Ao centro do outro – um grande álbum moderno com o monograma de seu Sardinha. Nas extremidades de ambos, mangas de vidro guardando castiçais de prata. Por entre estas peças grandes, uns bibelôs espargindo-se com pretensões sistemáticas. Ao fundo, pouco aquém da outra porta que dava para o quarto de dormir, o piano de armário por sobre o qual tinham ficado algumas músicas.

## LXXXV

**E** seu Sardinha, encostado ao peitoril da janela, debruçado sobre a rua, saboreando a xícara de café, assistia ao barulhento acordar do Rio de Janeiro, que, cansado da orgia da véspera, espreguiçava-se molemente no seu leito de imundícies.

Já era um bonde da *Carris Urbanos* a todo o galope levando para o Largo do Paço meia dúzia de passageiros em demanda do mercado ou da barco de banhos. Já uma vaca magra, esquelética, supersalitrada, transpirando o aroma suculento do esterco, arrastando junto a si um bezerro com a competente focinheira, guiada pelo vaqueiro – um belo tipo do popular, magro de uma magreza musculosa, trajando roupas asseadas, passeando a sua fisionomia feliz de homem sem aspirações. Já era uma carroça da *Gari*, em cujo bojo emporcalhado uns párias de blusas azuis, com gola e punhos brancos, trazendo ao peito a chapa de metal amarelo – honrosa comenda da ordem do trabalho, lançavam o lixo defecado à noite pelas casas da rua.

As portas e as janelas abriam-se. O armarinho defronte, com as suas pilhas de fazendas vivazes e a vitrine cheia de perfumarias e artigos de Paris, tomava uns ares pretensiosos de futilidade; enquanto a botica de junto mostrava as suas frasqueiras alinhadas e os dois eternos bocais azul e vermelho. Na venda da esquina um rapaz de camisa de meia, rota nos cotovelos, os olhos remelentos, arrumava com todo o cuidado as pilhas de feixes de lenha; e um outro companheiro, mais nédio, mais asseado, pendurava nos ganchos da porta: vidraças com maços de cigarros, abanos, pedaços de carne-seca e de toucinho, peixes salgados e colheres de pau.

Da padaria, situada na esquina fronteira, saíam enormes cestos de pão, embrulhados em cobertores encarnados, e uns negros sem camisa, a musculatura forte desenhando-se por sob a pele luzidia de suor, os peitorais hipertrofiados semelhando mamas, enchiam as carrocinhas que partiam velozes, fazendo ouvir a campainha suspensa ao pescoço dos burros.

No açougue – gruta de vermelhos estalactites, com os seus aventais ensangüentados, os rostos gordos e corados, amolando as compridas facas em bastões de aço, os açougueiros passeavam alegres, cheios de si, gostando de respirar o cheiro nutritivo das carnes.

Além, no quiosque octogonal, grupavam-se trabalhadores – uns pobres-diabos metidos em pesados tamancos, nas camisas de meia, rotas nos cotovelos, nas calças de zuarte desbotado, onde os grandes remendos se destacavam pelo mais azulado do pano.

Das casas saíam as criadas, o samburá debaixo do braço, as chinelas batendo compassadamente na calçada, varrendo as ruas com as caudas enlameadas dos vestidos de chita, as fisionomias contraídas numa rai-va concentrada que já se cansou de protestar contra as noites mal dormidas, cheias da filosofia do desespero, máquinas gastando-se num trabalho inconsciente.

## LXXXVI

Esu Sardinha debruçava-se mais um pouco. Seus olhinhos destilando interrogações volviã-se irrequietos para as bandas do Campo do Santana que esverdeia além, no fim da Rua do Conde d'Eu. Procurava o entregador do *Jornal do Commercio*.

Esperava-o como o gastrônomo saboreando de antemão o festim, como a namorada que viu o seu Romeu dobrar a esquina. E, quando o recebia, punha-o amorosamente sobre o parapeito. Com ambas as mãos batia nos bolsos da calça e deles tirava: a caixa de óculos, a boçeta e um enorme lenço de rapé. Depois, limpava os burocráticos óculos de aro de ouro que cuidadosa e vagarosamente punha no nariz, sorvia bulhentemente uma pitada e encetava a costumeira matutina leitura.

Começava pelos *telegramas*; passava por cima dos *despachos provinciais*; quando funcionava o parlamento, percorria rapidamente os discursos, apanhando uma frase aqui, a outra ali, o quanto bastasse para as conversas da repartição; absorvia-se na leitura da *Gazetinha*; procurava nos *a pedidos* algum artigo importante; aos domingos lia o *Microcosmo*; e enfim, saturado de coisas sérias, atirava-se ao Montepin, muito interessado pela ação do romance, fazendo do folhetim do dia o pasto das conversações.

Aí era quase sempre interrompido pela Chiquinha que o chamava para almoçar.

Então o velho dobrava metodicamente o *Jornal*, guardava os óculos, levantava-se, saía pela porta dos fundos e, depois de ter atravessado o quarto do casal onde tomava o paletó, ia para a sala de jantar.

## LXXXVII

A posento retangular clareado pela parede envidraçada que dava para a área. Das outras forradas por um papel de fundo pardo-cento com desenhos chineses, pendiam oleografias em moldura preta onde se viam nédios e rotundos frades comendo e bebendo nas posses alegres dos bem-aventurados da terra. Dentro do armário engastado na parede, reluziam um aparelho de porcelana e o cristal dos copos e das compoteiras. A um canto, a quartinheira guardava grande número de moringas suando água fresca e apetecível. Sofá e cadeiras austríacas mobiliavam a sala no meio da qual erguia-se o altar daquele templo — a mesa elástica. Era belo vê-la com a toalha alvejante, pelo ondulado do damasco semelhando oceano de ondas a quebrarem-se de encontro às ilhas formadas pelos pratos. Uma louça burguesa, corriqueira, vulgar, representando paisagem com pretensões chinesas. No fundo um castelo ao lado do qual: três árvores sem folhas, árvores hibernais; além, das profundezas do céu, nascia o regato que, passando por baixo de uma ponte cujas pilastras pareciam suspensas no ar, vinha desaguar em lago de pedra sobre cujas vagas se apoiava a quilha de um bote tripulado; uma figurinha com a rijeza dos bonecos de pau fora afincada na praia; no céu nadavam uns passarinhos vangloriosos em dar o nome ao aparelho; árvores, gramado, castelo, ponte, homem, tudo enfim, menos o céu, azulejava carregadamente. A uma das cabeceiras, três talheres. Os cabos de osso amarelecido pela gordura com a translucidez do âmbar deixavam ver os negros espigões das facas e dos garfos cujo aço brunido pelo tijolo, reluzia por entre a monotonia azul da louça.

Na grande travessa completamente tomada por enorme posta de carne envolta em dourada epiderme de tostado, exalava-se o tépido perfume de um molho gordurento. De uma frigideira, onde seis gemas

se engastavam no branco esmalte da clara, subia o dólcido aroma da manteiga frita. Lá de dentro vinham as suaves emanações do café torrado. E, no meio deste perfumido concreto de voluptuosa gastronomia, o molho de pimenta vibrava como uma nota ardente.

Além, na cozinha asseada que se via através da varanda, tia Prudência, a cabeça envolta em um lenço de chita encarnada, os olhos pequeninos velados pelas pálpebras que caíam como reposteiros, a face sulcada de profundas rugas, os finos braços nus cruzados sobre o peito, estatuava-se na beatitude imóvel do sossego. A Ângela, os molares proemindo, a basta carapinha alteando-se, com grande barulho de vassoura e de baldes, limpava o quarto de Sinhá. A Chiquinha, junto à mesa, tomava a posição hipócrita de copeira.

E seu Sardinha, depois de ter beijado a mulher e abraçado a filha, sentava-se na cabeceira e punha-se a almoçar.

## LXXXVIII

Com o correr dos tempos Sinhá deixou de freqüentar o colégio. Também não precisava aprender mais nada! Lia correntemente, escrevia em belo cursivo arredondado de mulher e já sabia as quatro operações! Não tinha de ser nenhuma doutora e o que sabia chegava para que o homem da venda não a enganasse nas contas do fim do mês!

Ela sentia-se muito contente em deixar os estudos. Bem verdade que aqueles passeios não lhe desagradavam. Mas eram tão curtinhos! Bastava-lhe dobrar a esquina do Campo do Santana para estar logo na porta do colégio. Demais, a disciplina aí incomodava-a. Parecia-lhe

muito melhor estar em casa, à larga, sem fazer coisa nenhuma, do que passar os dias espartilhada ali naqueles bancos, sujeita a repreensões e precisando pedir licença até mesmo para beber água.

Não abandonaria, porém, as lições de piano! Pelo contrário, havia de dedicar-se com mais afã no cultivo deste dote para o qual sentia-se com verdadeira vocação! E de fato a menina tinha muito gosto para a música. Estudava por divertimento, sem que ninguém a obrigasse, durante umas longas horas, após as quais levantava-se muito cansada, mas radiante de prazeres. Quando, à noite, aparecia alguma visita, mostrava-se de uma fecundidade inexaurível. Sabia de cor uma infinidade de quadrilhas, polcas e valsas, e não se anunciava nenhuma peça nova sem que ela insistisse com o pai para comprá-la.

### LXXXIX

**D**. Perpétua ficava extraordinariamente satisfeita, gostava de vê-la executar qualquer coisa, apreciando dentre tudo a volubilidade dos seus dedos, prestando muita atenção ao que a menina dizia. Esta gostava às vezes de entrar em altas doutrinas de crítica musical, analisando o mérito das fantasias que tocava. Planejava mesmo uma grande campanha familiar para ver se conseguia a substituição da professora. Achava-a insuportável, só boa para principiantes, cheia de defeitos e, sobretudo, muito maçante com as escalas. Queria um professor de fama – o Artur Napoleão, por exemplo. Então sim! Poderia dar largas ao seu talento e mostrar para quanto prestava! Mas seu Sardinha mostrava-se verdadeiramente inabalável no tocante a este assunto. Ele era pela economia! Não valia a pena es-

tar gastando rios de dinheiro e pagar aos trinta mil réis por lição! Mas Sinhá teimava. E a razão da sua insistência não era principal a glória de ter um professor célebre, mas sim todo um dramazinho familiar, uma questão de rivalidades.

## XC

**E**mbora seu Sardinha andasse sempre a chorar dinheiro, tinha fama de rico. Lá no tesouro, muito conceituado pelos chefes, protegido pelo Dr. Siqueira, ia ascendendo tranqüilamente, sem fazer barulho. Já agora era chefe de seção. Demais econômico, guardando pelo menos seus dez mil réis cada mês, comprava todos os anos uma apólice. Em todo aquele mundozinho onde vivia, tratavam-no com muita consideração e deferência. Daí advinham para Sinhá umas superioridades correlatas na roda dos moços.

E não era só pelo lado do pai que a menina supunha-se um bom partido. D. Perpétua andava constantemente a dizer que já fizera o testamento e que a afilhada era a sua herdeira universal. Acreditando-se, pois, muito rica, a menina tinha pressa em entrar no grande mundo, de ir a bailes onde com certeza não faltariam namorados. E além de ser o tal professor um ótimo ensejo para arranjar novas relações e convites de festas, ela sentia-se humilhada em estudar com a mesma mestre barata que ensinava às filhas de D. Joana.

## XCI

Seu Sardinha conservara-se rotineiro no seu modo de viver. Logo depois da festa de seus anos, disse positivamente que não, quando lhe falaram em organizar uma nova brincadeira. Se lhe lembravam os planos formados para o estabelecimento da filha, esquivava-se de responder categoricamente. Que sim! Mas para mais tarde! Que aquilo não era sangria desatada! E deixava-se ficar na sua mansidão, inalterável e quieto.

Continuava, pois, naquela casa o mesmo modo de passar os dias: ali pela noitinha as visitas costumeiras de D. Perpétua e D. Joana que levavam a conversar até as tantas. Quase todos os domingos a família Alves. E, muito raramente, assim de tempos em tempos, o Martins ou a viúva Falcão.

Que tudo aquilo tinha de ser alterado mais tarde, era ponto indiscutível. Mas não havia pressa! E D. Inácia aceitava o modo de ver o esposo, adiando para ao depois todas essas revoluções no seu viver, gostando desse sossego de existência, assim como ele também gostava de meter-se nas suas chinelas e no seu paletó de brim, logo que vinha da repartição, com preguiça de sair novamente.

## XCII

Sinhá começava a não achar a vida muito boa; toda devorada de uns desejos de passear, de ter namoradores. Parecia-lhe que devia ser muito bom receber ou dirigir cartinhas perfumadas! Demais, não queria ficar em nada inferior à Chiquinha, que agora andava envolvida numas aventuras amorosas com seu Manoel da venda.

Quando o caixeiro vinha trazer as compras e conseguia encontrar a só a mulatinha, desde muito que se acostumara a dar-lhe beliscões, e uma vez chegara mesmo a beijá-la com grande júbilo íntimo da rapariga, mascarado nuns maus modos de zangada. Sinhá era informada de todas estas peripécias, cheia de ciúmes pela sua irmã de leite, que conseguira suplantá-la na primazia de um namoro, acompanhando dia a dia o evoluir desta futura ligação, prestando-se a ler as cartas do rapaz – umas cartas escritas com tinta roxa, em letras garrafais, com superabundância de maiúsculas espalhadas pelo meio das palavras. Chegava mesmo a responder-lhes em nome da outra.

Foi, então, que seu Manoel, achando muito dificultoso o escrever só por si as tais cartas, comprou dois exemplares do *Confidente dos namorados* e deu um de presente à Chiquinha. A correspondência assim tornou-se mais fácil. O caixeiro, lá mesmo no balcão, copiava uma carta masculina do *Confidente* e Sinhá, em nome da mulatinha, reproduzia a resposta feminina que vinha logo abaixo, na mesma página ou na seguinte. Como o namoro durasse meses, dificultoso porque a Ângela não deixava a filha botar o pé em ramo verde, o livro foi três vezes copiado de princípio a fim.

### XCIII

Um livro precioso – o *Confidente!* Havia de tudo: um dicionário completo do significado das frutas, começando por ABACATE – *traição*; recomendações aos namorados; as tais cartas por partidas dobradas; e até a arte de escrever uma carta com um ramo de flores que, dizia o autor, “um namorado pode oferecer muito inocentemente à sua querida paixão, mesmo à vista dos respectivos pais”.

Lia-o e relia-o. Preparava-se para quando fosse a *querida paixão* de alguém. Sentia febres de namoro. E tanto fez que entabulou-o com seu Antônio – um rapaz muito bonito, de cabelos pretos e crespos, caixeiro do armarinho de defronte, também muito entendido nas histórias do *Confidente*. Prendera-se a ele, assim à toa, só para ter um namorado, poder contrabalançar os sucessos da Chiquinha e provar do fruto proibido. Já não tocava mais piano com tanta assiduidade durante as horas que passava trancada na sala de visitas. Através da rua os dois falavam-se por sinais aprendidos no tal *Confidente*. De quando em vez o seu Antônio dava um nó no lenço querendo dizer que a abraçava. A Chiquinha encarregava-se de transmitir a correspondência e Sinhá copiava novamente o livro, mas desta vez por conta própria.

## XCIV

**L**imitavam-se, porém, os dois às veemências das declarações com que enchiam as cartas porque era-lhes quase impossível o trocar algumas palavras e só o tinham feito umas duas vezes, muito rapidamente.

Durante o dia e à tarde, a rua era muito transitada, estavam muito às claras para se permitirem alguma coisa mais do que uma simples troca de sinais. À noite, a família reunia-se na sala da frente, onde vinham as infalíveis D. Perpétua e D. Joana. Então, nos poucos momentos em que Sinhá podia abandonar o piano e chegar à janela, era sempre acompanhada pela Alice e Elvira que, embora confidentes do caso, não deixavam de ser uma atrapalhação. Além disto, as criadas, que tomavam assento na porta da rua a ouvir as longas histórias da Catarina, tornavam-se umas testemunhas de fato que convinha evitar.

## XCV

**D**emais, Sinhá não tinha afeição nenhuma ao rapaz. Namorava-o para desenfasiar-se da vida calma e rotineira que levava, para experimentar, trazendo em tudo apenas os ardores de um noviciado. O outro também não sabia explorá-la. Tanto que a menina desprezou-o completamente, preferindo-lhe um rapaz moreno, de cartola, que todas as tardes voltava da cidade no bonde das seis horas e que morava lá para cima, para as bandas do Catumbi. Foram, então, uns verdadeiros arrepios de contentamento. Aquilo, sim, valia a pena! Um namorado às direitas! E o tal sujeito dava-lhe corda, fazia-lhe sinais, também mui entendido nas histórias do *Confidente*.

Quase sempre tirava o chapéu duas vezes, o que, segundo o livro, queria dizer – *Não te esqueças de mim*. Outras, mostrava-lhe o relógio – *Estou cansado de esperar tanto tempo*. Mas na maior parte dos casos limitava-se a endireitar a gravata, o que, ainda conforme o tal livro, significava – *A vida sem teu amor é um inferno*.

Por mais veloz que passasse o bonde, Sinhá via-o, entendia-o e correspondia-lhe. Todo o seu cuidado agora consistia em aprontar-se para ir à janela ver quem passava, logo depois do jantar. Não o conhecia, nunca lhe falara, mas sentia-se cheia de uma paixão intensa, sonhando com ele longamente nuns sonhos febris de sensualidade. Esperava que um belo dia ele descesse do bonde e entrasse em casa para pedi-la em casamento a seu Sardinha, e ruborizava-se com só a idéia de responder o sim.

## XCVI

Uma ocasião, porém, já esquecimento, já distração, o rapaz tirou o chapéu e limpou a tesa com o lenço. Sinhá, em vista de semelhante gesto, ficou perplexa, não podendo explicar tão brusca metamorfose. Depois de muito refletir sobre o caso, foi procurar o *Confidente*, fazendo última tábua de salvatério um possível engano de interpretação de sua parte. O livro, que trazia escondido no fundo de uma gaveta da cômoda, de muito folheado e copiado, estava sem capa, com páginas rotas e cheio de borrões. Percorreu-o febrilmente. Não se tinha enganado! Estava ali! E leu: TIRAR O CHAPÉU E LIMPAR A TESTA COM UM LENÇO – *Ando com muitas desconfianças de ti.*

Mas o que significava isto? Mas por que motivo o rapaz desconfiava dela? Dela! que abandonara completamente o namoro de seu Antônio, que o esperava sempre quando ele passava de tarde no bonde das seis, que lhe tinha dado tantas provas de verdadeiro amor! Semelhante injustiça revoltava-a. Ele precisava de um tremendo castigo, precisava que ela não lhe ligasse mais importância, batesse-lhe com a janela na cara, voltasse-lhe as costas e o tratasse com a mais esmagadora indiferença! E, para começar novamente a prometida vingança, para mostrar-lhe que bastava debruçar-se sobre a janela para apanhar namorados aos centos, procurou logo ficar em boas harmonias com o seu Antônio e voltar com ele aos belos tempos de alguns meses atrás.

## XCVII

Nesse recomeçar de namoros com seu Antônio, houve de parte a parte umas exuberâncias de paixões, vontades de ressarcir o tempo perdido. Sinhá entregava-se a umas grandes exaltações, a umas imprudências medonhas. Tinha desejos de gritar para o meio da rua que estava namorando com o caixeiro do amarrinho de defronte, para que todo o mundo o soubesse, para que o soubesse principalmente o tal sujeito que voltava sempre da cidade no bonde das seis horas da tarde. E, quando este passava, a menina batia com a janela em ostentações de maus modos satisfazendo assim o seu desígnio de vingança e o seu orgulho ofendido.

Seu Antônio tinha também uns planos formados nos quais entrava principalmente o comprometer a moça. Viera-lhe a idéia de casar-se. Com os capitais do sogro, montaria casa por conta própria. Não estaria mais sujeito aos patrões. E, assim muito lá para longe, sorria-lhe a idéia de uma comenda de Vila Viçosa a adornar-lhe o peito da velhice honrada – velhice que ele descansaria molemente por sobre uns cem contos de réis, ganhos ali, em traficâncias de balcão.

Para executá-los não perdia vaza. Assim mesmo, em colete e chinelos de charlotte, atravessava a rua durante o dia para ir falar com a menina que, segundo as práticas já estabelecidas, entre o almoço e o jantar trancava-se na sala de visitas para estudar piano. E atravessava a rua com uns modos de conquistador, de César passando o Rubicon, olhando para um lado e para outro, ostensivamente, para que todo mundo o visse, para que comentassem a sua felicidade, para que desde já rendessem preito aos seus futuros contos de réis.

## XCVIII

**L**ogo em um desses primeiros encontros, aparecera com um livro debaixo do braço. Sinhá quis vê-lo. Era um romance de Paulo de Kock – *O Bigode*. A menina achou o título engraçado e entusiasmou-se com a gravura do princípio – um patamar de escada onde conversavam uma rapariga e um rapaz. Quis saber a explicação. Ela que lesse! E, como um freguês tivesse entrado no armarinho, seu Antônio foi ver o que ele queria e deixou-a com o livro.

A menina pôs-se a folheá-lo quase distraidamente, sem ligar grande importância ao caso. Leu os três primeiros períodos. Aquilo era verdadeira novidade. Dava-lhe sensação completamente estranha, como que a falar-lhe nuns mundos desconhecidos. Por vezes ouvira grandes discussões entre o pai e D. Joana a respeito dos folhetins do *Jornal*. Não lhe viera nunca, porém, a vontade de lê-los, nem podia compreender como alguém achasse prazer nisto. Para ela, a leitura era simplesmente uma coisa muito cacete que a gente fazia na aula a fim de não ir de castigo.

Mas *O Bigode* interessava-a. Achava uma qualquer coisa de semelhança com aquelas longas histórias de ladrões e assassinos que a Josefa lhe contara por vezes em dia de sua infância. Ainda mais parecido com as longas narrações da Catarina quando esta recordava fatos passados, umas intermináveis aventuras lá da roça ou de criadagem. Afigurava-se-lhe muito engraçado aquele quarto de rapazes onde eles andavam nus, tendo apenas um terno que permutavam entre si quando algum queria sair. E foi lendo, lendo, esquecida do tempo, com uns pequenos calafrios na nuca, até a hora do jantar.

## XCIX

**M**eio assustada quando ouviu no quarto próximo a voz do pai que voltava da repartição e mudava a roupa, admirada de ter assim, despercebidamente, passado tantas horas, receando que a mãe lhe perguntasse o que levara a fazer na sala sem tocar piano, Sinhá escondeu o livro debaixo do corpinho e foi guardá-lo no seu aposento, lá no fundo da gaveta da cômoda, bem junto ao *Confidente*. E foi bem triste para ela e bem longo todo aquele restante do dia. Estava sem fome, distraída, lamentando o tempo do jantar que poderia muito melhor empregar em saber o fim da história. Mas não acabavam! A Chiquinha era de uma lentidão em tirar os pratos! O pai comia tão devagar! E depois, quando todos se levantaram e foram para a sala de visitas, ainda não pôde voltar à sua leitura. Teve de estar na janela, de ouvir o parlear de D. Perpétua e D. Joana, de conversar com a Alice e Elvira, de ir para o piano, de assistir ao chá, incomodada, febril, toda a sua atenção presa naquele livro que escondera no seu quarto, lá bem no fundo da gaveta.

## C

**E**, quando fechou enfim a porta e viu-se a sós, despiu-se apressadamente. Oh! tinha-lhe custado muito esperar até aquele momento! Mas agora ia tomar um fartão, ler até o fim!

Em camisa apenas, sem cobertas, de braços sobre a cama, a vela bem junto ao livro, ela o lia com uns prazeres gostosos, voltando as folhas, caminhando de página em página, sedenta daquilo. Vi-

nham-lhe umas novas sensações. Julgara-se até então blindada para o que fosse, toda profissional nessa ciência que lhe ensinara a Amélia. Entretanto, havia tanta coisa que ignorava ainda! tanto mistério ainda não desvendado! Oh! como sentia vontades de viver a vida daquela gente ali do livro! E lia, lia com pela espinha uns tremores sensuais, umas volúpias que lhe faziam frio na medula e uns calores febris no cérebro congestionado.

Lá quase pelo amanhecer voltou a última página. Sonolenta, opressa, tendo chumbo nas pálpebras, apagou a vela e adormeceu profundamente, mas remexendo-se na cama ao acicate dos pesadelos, sonhando umas coisas estrambólicas, umas outras leituras assim compridas a botar-lhe no corpo as lubricidades românticas.

## CI

**E**stava decididamente conquistada àquilo. Agora ser-lhe-ia absolutamente impossível prescindir de semelhantes leituras. Queria-as e sonhava-as. Tanto que no dia seguinte, ao entregar o livro a seu Antônio, pediu-lhe um outro, e mais um outro, e assim por diante. O rapaz era assinante da Biblioteca Fluminense e pôde facilmente atender-lhe aos pedidos. E a menina foi lendo, lendo tudo quanto lhe traziam, não gostando às vezes de certas obras, amolando-se muito com as descrições que já se acostumava a pilar, preferindo dentre tudo o diálogo, saboreando devidamente os colóquios amorosos, apaixonando-se pelos heróis, sofrendo com eles, comentando os seus atos, sempre sequiosa de chegar ao fim do volume, de conhecer o desenlace de todo aquele trama. Foi lendo: todo o Paulo de Kock, alguma coisa de Dumas pai, os *Mistéri-*

os de *Paris*, de Sue, tudo quanto havia traduzido em português, uma livraria inteira. Agora lia também os folhetins do *Jornal*.

Os seus autores prediletos, aqueles de que mais gostava, eram Montepin, Emilio Richebourg, Boisgobey, Eugenio Chavette e Julio Claretie. Apreciava aquelas encenações diabólicas, embora já se habituasse a adivinhá-las desde o meio do romance: — uns homens maus, perversos, a acumularem crime sobre crime, indo enfim morrer na guilhotina ou suicidando-se para deixar o caminho livre ao ponto final; um casal de pombinhos, muito amorosos, de uma candidez idiota, a arrulharem por sobre esse montão de perversidades humanas; no meio de tudo isso — o ano bom, um velho prático da vida, quase sempre muito rico, dando batalha campal ao criminoso, vencendo-o sempre, conseguindo restabelecer a paz e a harmonia numa família de gente honrada cujo interior doméstico tinha sido bruscamente perturbado por um suceder interminável de desgraças.

## CII

**A**ndava tresnoitada, lendo de dia e de noite, muito satisfeita quando seu Antônio lhe trazia um romance em quatro ou cinco tomos.

Durante o dia, logo depois do almoço, ia para a sala de visitas e aí trancava-se na forma do costume e sob o pretexto de estudar piano. Debaixo do corpinho levava o volume e, quando lhe acontecia acabá-lo, voltava ao quarto para buscar outro. Com seu Antônio falava muito pouco, o quanto bastasse para trocar os romances já lidos por uns novos. A leitura absorvia-a completamente. Colocava o volume na estante

de música e, distraidamente, ao acaso das recordações, feria teclas para que D. Inácia a ouvisse, enquanto seu espírito ia pelas páginas afora.

À noite, esperava que todos se deitassem, que a Ângela tivesse amortecido em lamparina o gás da sala de jantar, para reacender a vela e recomeçar a leitura. Fazia-a febricitante, tendo por vezes paradas bruscas durante as quais ficava a olhar vagamente um indefinido estranho, a cismar uns mundos de fantasias.

### CIII

**E**ram para ela extraordinariamente penosas as horas que decorriam entre o jantar e o chá, horas perdidas, durante as quais tinha de voltar às realidades da vida, às preocupações de comer e de beber, num jantar onde havia infalivelmente o prato de feijão com carne-seca e toucinho, e quase sempre um pedaço de goiabada para sobremesa. Também não gostava das terças e sextas, quando a mestra de piano vinha tomar-lhe a lição, a ela e às filhas de D. Joana. Igualmente aborrecia-se muito aos domingos com a visita da família Alves. Eram três dias perdidos na semana, três durante os quais não tinha licença de entregar-se toda inteira às suas ocupações favoritas.

### CIV

**A**quelas emoções continuadas a caírem-lhe sobre o corpo pequenino esfalfavam-na. Gostava de supor-se a heroína do romance.

Discutia os seus atos. No caso dela não teria feito isto, mas sim isso ou aquilo! Depois, quando voltava à realidade da vida, vinham-lhe uns grandes desânimos. Decididamente era muito infeliz! Revoltava-a essa calma de existência que levava. Como ficaria contente se pudesse andar entre frascos de venenos e punhais ensangüentados! Aí sim! Era tão triste a gente levantar-se como todo o mundo, almoçar, jantar, ceiar e ir deitar-se para no dia seguinte recomeçar a mesma vida, sem uns grandes ódios e uns grandes amores, sem desenterrar um manuscrito revelador de passado medonho, muito sossegada e calma, dispensada de viver num contínuo alerta! Oh! como amaria um rapaz louro, de botas com esporas, capa preta e grande chapéu desabado com pluma encarnada! como se lhe entregaria toda inteira para beber-lhe a vida nos lábios rubros!

E voltava tristemente à realidade depois destas excursões fantásticas através do mundo dos impossíveis. Como poderia carnificar tão belos sonhos?! Eram de sua parte umas profundas lamentações, uns desgostos medonhos a minar-lhe a existência. Tudo parecia conspirar contra ela! E Sinhá começava a cavar em derredor de si uma atmosfera isolante feita com os seus caprichos e as suas vontadezinhas a molestar todo mundo. Tinha uns grandes muxoxos de enfastiada. Desprezava extraordinariamente aquelas longas palestras do anoitecer. Mostrava-se arredia à Chiquinha e às filhas de D. Joana. Principiava mesmo a aborrecer o seu Antônio, que parecia muito idiota com os seus contínuos protestos de amor e que continuava a aturar simplesmente porque ele lhe fornecia os romances e, sem seu auxílio, ficaria inteira e completamente privada da única diversão capaz de minorar-lhe os acerbos padecimentos do seu viver.

## CV

**E**la, pecadora, se confessava a Deus todo poderoso; a bem-aventurada sempre Virgem Maria; ao bem-aventurado S. Miguel Arcanjo; ao bem-aventurado S. João Batista; aos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo; a todos os Santos e a ele – padre. Confessava que pecara muitas vezes por pensamentos, palavras e obras, por sua culpa, sua culpa, sua grande culpa. Portanto pedia e rogava a bem-aventurada sempre Virgem Maria; ao bem-aventurado S. Miguel Arcanjo; ao bem-aventurado S. João Batista; aos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo; a todos os Santos e a ele – padre que rogassem por ela a Deus Nosso Senhor.

## CVI

**E**chegara, enfim, em meio às misteriosas alucinações de sua crença, o dia da primeira comunhão. Conservara-se desde a meia-noite em completo jejum e ao amanhecer nem mesmo lavara a boca receando que qualquer pouco d'água fosse lhe impurificar as entranhas preparadas para receber o Corpo de Deus Filho.

De branco, angelical e pura, olhos baixos para em nada se distrair dos seus piedosos pensamentos, seguiu com as companheiras, duas a duas, numa longa procissão, a caminho da igreja. À passagem da imaculada comitiva, havia uns odores etéreos de bem-aventuranças infundadas. E, lá no céu, parecia que os anjos corneteavam alegres saudando o santo mistério da Encarnação.

Na igreja, em resplendores de luz, em adornos floridos e em para-mentações douradas, o cheiro dos círios e dos incensórios punha na atmosfera uma qualquer coisa de santo alando o pensamento para as regiões outras. Ao altar-mor oficiavam a incruenta paródia do drama do Gólgota. E, quando terminou o sacrifício, quando o pão se fez Corpo e quando o vinho se fez Sangue, começou, então, a distribuição da Eucaristia.

Para lembrar a última ceia do Nazareno, para fazer verdadeira a mesa da comunhão, duas meninas – as mais jovens dentre todas, sustinham pelas pontas uma toalha alvíssima. As outras, duas a duas, vinham se ajoelhar ali, místicas e chorosas, contritas e imaculadas, e, olhos no céu, recebiam o Corpo e recebiam o Sangue de Deus Filho, de Deus Homem, que se fez homem, para derramar sobre a humanidade inteira um novo dilúvio, mas um dilúvio de Graças e de Bem-aventuranças eternas.

## CVII

**M**as, terminadas todas aquelas cerimônias religiosas, quando Sinhá voltou à vida de casa onde os dias iam se sucedendo em pesada monotonia, amainaram-lhe as impetuosidades beáticas, demoradamente, como numa convalescença em que o doente vai ao pouco e pouco recobrando as forças, palmo a palmo reconquistando a saúde.

De todo aquele misticismo de crenças que a dominara um dia restavam-lhe apenas como que uma paz de consciência e longos sossegos de imaginação. A leitura dos romances não a tentava mais. Também onde iria buscar livros! Estava firmemente resolvida a não recommençar

pela terceira vez com seu Antônio. Toda a aventura dos seus namoros idos fazia-lhe mal aos nervos. Decididamente não sonhara aquilo. Supusera outra coisa! E permanecia nos seus designios, sequiosa de casar, mas de outra maneira, com outra qualidade de gente, conservando somente das suas longas conversas murmuradas ao cantinho, das lições da Amélia e das suas cismas noturnas de mulher púbere o desejo de completar a sua ciência e o seu próprio ser, de palpar esse incognoscível, vago e misterioso que ficava para muito além, para as bandas neventas do apenas quase adivinhado.

### CVIII

**E** esse desejo, a espicaçar-lhe a imaginação, fazia-lhe má a existência. Sentia-se novamente incomodada ali no calmo da família. Tinha vontades de sair, de ir para o meio da rua, mas para o meio de uma rua muito longe onde pudesse ver outras caras, sentir um outro meio. O pai continuava na sua velha rotina, preguiçoso de sair, metendo-se nas suas chinelas e no seu paletó branco assim que chegava da repartição. E D. Perpétua era a única que ainda lhe proporcionava ensejos de passear quando vinha por vezes buscá-la. Sinhá convergia para a madrinha todas as suas aflições bulhentas. Abraçava-a, beijava-a, agora queria acompanhá-la à missa todos os domingos. Se ao princípio, durante o tempo de sua primeira comunhão e nas semanas imediatamente seguintes, pusera nisto a exuberância de religiosidades que então lhe enchiam o corpo, fazia-o mais tarde um pouco calculistamente, achando muito preferível passar duas horas ajoelhada

na igreja a ficar em casa não fazendo coisa nenhuma. Ao menos assim via caras estranhas!

Então, para recompensá-la, D. Perpétua inventava uns outros passeios. Por vezes ia buscá-la para fazer compras. E as duas saíam juntas pelo Rio de Janeiro afora, percorrendo diferentes bairros, visitando umas velhas amigas de boa senhora. Sinhá já sentia-se outra. À tarde, quando ia para a janela a fim de ver quem passava, não tinha mais a ignorância dos seus primeiros tempos, não olhava as casas de derredor como o fim do horizonte para além do qual ficava o desconhecido misterioso da cidade como um deus fantástico de lendas, acocorado, banquetecendo-se numa liturgia de vícios infernais.

## CIX

**E**a boa madrinha descobriu mais um pretexto para amiudar esses passeios pela zona vital da cidade, pela artéria-máter do Rio de Janeiro. Lembrou a necessidade de ir ao dentista para tratar convenientemente a dentadura da mocinha. Sinhá não devia ficar assim; com os dentes maus, meio apodrecidos e cariados. Insistia sobre o assunto. Tanto que um dia foram ao Tavares, que era muito hábil e cujo salão estava sempre repleto da melhor gente.

Houve, então, um longo mês entremeado destas visitas após as quais iam ao *Castelões* comer umas empadinhas e tomar uns refrescos. Sinhá gostava muito da Rua do Ouvidor. Achava graça naquele movimento constante de gente a andar, uns apressadamente, outros devagar, como que flanando. Olhava para dentro dos cafés e para o fundo das confeitarias sentindo-se atraída por esse mundo estranho que fantasiava roman-

ticamente, um mundo outro, muito diferente do seu. Ficava muito satisfeita ao passar pelos bondes de Botafogo porque ali havia sempre estudantes da Escola Militar e ela achava a farda muito bonita.

Por vezes, em pedaços de conversas que lhe vinham ferir os ouvidos ficava toda revolucionada, sentindo vibrar-lhe a corda de uma das suas maiores aspirações – o desejo de ir ao teatro, de conhecer esse enorme, atraente mistério da vida elegante.

## CX

**E**ntretanto, começaram para ela os grandes divertimentos. Já tinha dezesseis anos e o pai procurava arranjá-la. Levava-a a passear, e até mesmo a algumas *soirées* ao fim das quais retirava-se exausta, embriagada pelo ritmo da valsa e pelo calor amoroso dos salões. E, quanto mais bebia desses prazeres, tanto maior era a sede que deles tinha. De véspera, preocupava-se muito com o vestuário que devia trazer. Passava dias mudando-lhes as fitas e guarnições. Seu Sardinha prestava-se boamente a isto. Gostava tanto da filha que não tinha coragem para lhe negar coisa alguma. Procurava satisfazê-la por todos os modos, chegara mesmo a se fazer propor para sócio do *Clube Dançante do Catumbi* onde havia partidas todos os sábados e que, no princípio do mês próximo futuro, ia dar um grande baile para comemorar o aniversário de sua instalação.

Sinhá, que nessa noite aí devia fazer o seu aparecimento, andava muito sobressaltada, cheia de trabalhos. Pedira um vestido novo. E, como seu Sardinha não se tivesse resolvido a mandar fazê-lo na costureira, assistia irrequieta à sua feitura, da qual se haviam encarregado D.

Inácia, D. Joana, a Ângela e a Chiquinha. A cada momento inventava uma nova coisa, mais um babadinho ou mais um laço de fita, e às vezes era preciso desmanchar o trabalho e recomeçá-lo de novo para satisfazer-lhe os caprichos. E, quando chegou o dia tão ansiosamente esperado, foi uma superexcitação nervosa que se preparou, esperando febrilmente pelas filhas de D. Joana que deviam acompanhá-la, achando que elas tardavam muito.

## CXI

**E**nfim partiram. O frontispício do *Clube* estava todo embandeirado e iluminado por umas lanterninhas de cores desenhando na sacada as iniciais – um D entre dois CC. A rua juncava-se de folhas de mangueira. Na porta os cavalheiros esperavam as damas, ofereciam-lhes o braço e conduziam-nas, por uma escada ladeada de coqueiros, ao *boudoir* onde elas deixavam as mantas. A sala da frente, clareada por alguns bicos de gás e inúmeras velas, enchia-se lentamente de moças que tomavam assento nas banquetas de derredor. No fundo, à meia parede, de forma a poderem os pares circular por baixo, ficava o estrado da música para onde se subia por uma escadinha de mão. Nas paredes, emblemas, flores e algumas litografias entre as quais o retrato de Carlos Gomes.

Ao centro da sala, havia uma mezinha com pano verde por cima da qual tinham colocado jarras com buquês. Era ali que deviam tomar assento a nova e a velha diretoria e permutarem entre si uns discursos de louvor recíproco. Um laço de fita azul e encarnada na lapela das sobrecasacas designava os novos diretores. Eles caminhavam por entre

os convidados, solenemente, como gente que tem uma parcela de poder, como representantes da autoridade constituída. Eram uns homens suando dinheiro, com grossas cadeias de relógio a ornamentar-lhes os abdomens egoístas, metidos numas roupas lustrosas, cheias de dobras a dizer que os tais fatos costumavam ficar no fundo do baú ou na última gaveta da cômoda. O novo presidente, esse até trazia ao peito a venerável comenda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

## CXII

**D**epois das formalidades de estilo da permuta de discurso e de empossada a diretoria, tiraram a mesa do centro da casa e, ao som da música de pancadaria, começou a dança.

Sinhá entregava-se àquilo com um prazer crescente. O calor e a agitação coloriam-lhe de brando as faces, enrubesciam-lhe os lábios e a mucosa das narinas titilantes. Estava quase bela, extremamente apetecível. Nas curvas da valsa, o seu corpo flexível – corpo de dezesseis anos, ondulava molemente nuns meneios elegantes de gata que brinca em cima do tapete. Tinha um *quê* de simpático, de atraente, residindo talvez no olhar canalha, amolecado – esse rosto seu que descansava langorosamente no ombro do cavalheiro.

## CXIII

Entre os que a procuravam, apareceu, a pedir-lhe uma valsa, o tal rapaz do bonde, aquele com quem brigara por causa de uns desaforos ditos na linguagem misteriosa do *Confidente dos namorados*. Falaram-se pela primeira vez. Ele chamava-se Henrique. Era guarda-livros. Ela pediu uma explicação. O que significava aquilo? Para que tirara o chapéu e enxugara a testa com o lenço?! Pois ele não sabia que aquilo queria dizer: — *Ando com muitas desconfianças de ti*. E seu Henrique achou muita graça na história. Não fizera a coisa de propósito nem com segundas intenções. Mero acaso, simples coincidência! E dançaram juntos. Sinhá lembrava-se do Lulu de que lhe falara a Amélia. A cabeça reclinada sobre o peito do cavaleiro que lhe murmurava umas frases sonantes de romantismo, a respirar-lhe o perfume dos cabelos, o peito arfando docemente, ela achava aquilo muito bom. Tinha uns calafrios gostosos a lhe descerem pela medula abaixo.

Quando terminou a música, meio embriagada naquelas cantáridas da valsa lasciva, ao braço de seu par, Sinhá dirigiu-se para o bufê. Sentia-se bem, ouvindo em trêmulos vibrantes de paixão, as palavras do companheiro. Que ele a pegasse ali mesmo no meio da sala, que a beijasse longamente, e ela deixá-lo-ia fazer!

O Henrique mostrava-se na altura da situação. Era um desses psicólogos práticos que num só olhar mergulham lá bem dentro do pensar humano. Aprimorando a frase no estilo já velho e sempre novo dos poéticos amores, cantava-lhe ao ouvido umas lânguidas barcarolas, evocava-lhe esses mundos fantásticos que ela cismara muita vez nas suas vigílias do depois da leitura de um romance.

## CXIV

**E**, dessa data em diante, foram depois para Sinhá umas contínuas desenvolturas de passeios e contentamentos mais. Fartava-se, bebendo aos longos deglutimentos na taça das orgias honestas; até que surgiram-lhe repugnâncias ao mundo, uns desejos de enclausurar-se. Nos primeiros tempos ainda havia uns resquícios das iniciais ardências de sua juventude. Andara pelos bailes com febre daquilo, com sede de esvaziar o cálice dos prazeres cismados nas longas e intermináveis vigílias virginais. Depois, as grandes prostrações conseqüentes dos desperdícios febris, o esgotamento das superexcitações. E a moça caía numa letargia profunda, num abandono de si mesma. Deixara-se dos requintes de *toilette*, raramente aparecia à janela. E o piano desafinava-se pela falta de uso. Baldadas eram todas as tentativas de reanimação. Sinhá definhava progressivamente, minada pelo tédio.

## CXV

**E**ra-lhe então o Juquinha um meio de encher essas longas, intermináveis horas de tristes cogitações. Voltaram à primitiva camaradagem antiga. Lembravam-se dos brinquedos da infância. Estabelecia-se entre os dois uma grande amizade fraternal. Diziam-se mutuamente os segredos e as desolações.

Sinhá narrara-lhe um dos seus maiores tormentos, aquilo que lhe parecia a mais revoltante de todas quantas injustiças havia experimentado na vida. Ela abandonara completamente o seu Antônio. Não queria mais ouvir-lhe o nome. Achava-o idiota com os seus mo-

dos afetados de caixeiro bonito. Tinha-lhe o rancor dos quase conquistados, mas parecia-lhe, entretanto, que o rapaz deveria viver acobrunhado sob o fardo do seu desprezo, que não lhe era mais dado aspirar a coisa nenhuma, que ele não tinha licença de namorar, quem quer que fosse. Muito menos a Chiquinha! Isto revoltava-a sobre todas as coisas e daí nascera uma rivalidade e um ciúme entre as duas irmãs de leite. Quando descobrira a intriga, quando vira os dois juntinhos a conversar na porta da rua, para vingar-se daquela traição, daquela ofensa aos seus brios de mulher, fora logo prevenir a Ângela do ocorrido. Esta chamara imediatamente a mulatinha e castigara-a, um grande fluxo de palavras a acompanhar a cadência das pancadas. Ela não estava criando a filha para aquilo, para cair na vida! A Chiquinha que se esquecesse destas porcarias, que não fosse tola e não deixasse engambelar com promessas que não valiam nada! E lembrou-lhe também a outra asneira – a história com seu Manoel da venda que conseguira atalhar em tempo.

## CXVI

**M**as a rapariga não estava pelos autos. Entrava em detalhes crus. Falava das cartas que Sinhá escrevera ao caixeiro, lançava-lhe à face o episódio dos cachorros pegados, as conversas da Amélia, a briga de D. Inácia com D. Joana, o Ricardo, o seu Antônio, o tal rapaz do bonde, tudo quanto sabia, tudo colecionara nas mútuas confidências íntimas, indiferente às pancadas da mãe. As duas enfrentavam-se, dentes a rangerem, em toda exuberância virgínia dos seus dezessete anos, num eretismo de cadelas em cio a mor-

derem-se por causa do macho. E as vozes alteavam-se. Todo aquele pântano tão bruscamente remexido exalava o cheiro deletério dos vícios honestos. A Ângela redobrava as doses. Aramara-se de um cabo de vassoura e procurava levar a filha para a cozinha, dizendo também a Sinhá que fosse para a sala da frente, que deixasse o negócio por conta dela, que a filha havia de pagar com língua de palmo semelhantes desaforos. D. Inácia e D. Joana, que também assistiam à cena, sentiam a necessidade de abafar aquilo, raivosas contra o fato, sempre e sempre a taparem os olhos na hora do perigo. Tanto fizeram que em pouco serenou-se a tempestade e seu Sardinha, que felizmente estava na repartição, nunca foi informado do acontecido.

## CXVII

**D**epois desta crise tão violenta em que gastara toda a sua atividade, Sinhá sentiu-se cansada, um torpor a invadir-lhe o organismo inteiro. Vieram-lhe as grandes descrenças, um ceticismo bastardo pregando-lhe no interior a religião do aniquilamento. A vida era tão triste! tão cheia de sofreres! tão nua de alegrias! Qual a afeição com que se podia legitimamente contar? Por toda a parte ela só via traições e embustes. Demais! a quem iria doravante dizer as suas desgraças, narrar os seus tormentos?

E quando o Juquinha apareceu de tarde, ela correu pressurosamente a seu encontro. Ao menos este não havia de traí-la. Era tão meigo e tão bom! Gostava tanto dela! E informou-o do ocorrido cheia de acrimônias e de ódios para a Chiquinha, rogando-lhe pragas, dizendo que não descansaria enquanto não lhe arrancasse os olhos da cara. O rapaz

ouviu-a procurando consolo num transbordamento de amores e de carinhos. E os dois levaram todo o tempo a conversar ali num cantinho da sala de visitas, castelando projetos. Pela primeira vez ele fez bailar-lhe na testada a idéia de um casamento; seria, despida daqueles burlescos e engraçados dos primeiros tempos, sem o acompanhamento da boneca — a figura obrigatória dos seus brinquedos de criança. Ela achava-a muito boa, digna de reflexão. O isolamento em que andava entediava-a. Casada, teria outras ocupações com que distrair o espírito.

## CXVIII

Tudo isto era notado por seu Sardinha. O bom velho observava cuidadosamente o desabrochar daquela afeição. Sorria-lhe esta perspectiva. Quando falava a respeito com D. Inácia, nunca deixava de recordar-lhe os tempos dos primeiros amores. Parecia ver as suas infâncias revividas naqueles dois moços que se entendiam tão bem. Discutia o assunto com a esposa e D. Perpétua. O Juquinha era um excelente rapaz, um pouco estouvado, mas bom coração. Em todo o caso, antes ele, que a gente conhece, do que um outro qualquer.

O Alves também não era tão estranho a estas tendências. Gostava muito de Sinhá, e tratava-a paternalmente. Demais, o filho estava para se formar e precisava estabelecer-se. E, como não dispusesse de dinheiro para comprar-lhe uma farmácia, lembrara-se de que a menina dispunha de alguns recursos e já com o pai, já com a madrinha poderia conseguir os contos de réis para tal desiderato necessários.

Enfim o casamento dos dois era ponto definitivamente assentado, mas do qual ninguém falava. Um desses segredos públicos que todo o mundo sabe, sobre o qual, porém, não se pronuncia a menor palavra.

## CXIX

**O**Juquinha redobrava de assiduidade e foi até preciso que o Alves lhe fizesse algumas observações para que não abandonasse completamente os estudos. Todas as tardes aparecia e demorava-se até as tantas, a maior parte das vezes sem abrir a boca, distraído até da conversa geral, daquelas eternas palestras de D. Inácia com D. Joana e D. Perpétua. Sinhá também andava no mundo da lua, ocupando-se muito pouco da Alice e da Elvira que agora permutavam-se no piano.

Aos domingos eram umas grandes festas. O Alves vinha com a família. Ele, sempre alegre e folgazão, gostando muito de entrar com seu Sardinha numas intermináveis discussões políticas. A senhora Alves, cada vez mais gorda e mais moleirona, prestando-se boamente a ouvir tudo quanto lhe diziam, mas dizendo raramente e só em último caso alguma palavra. O Nhonhô, que tinha muito jeito para as matemáticas e que já fizera o exame de português na Instrução pública, constantemente preocupado em contar as tábuas do teto, o ar doentio, olhos amortecidos circulados por uma grande facha azulada.

Quase sempre de noite, quando seu Sardinha ia com o Alves para a janela a fim de poder discutir política com mais liberdade, jogavam prendas na sala. Todos gostavam daquilo! Até mesmo as senhoras tomavam parte no brinquedo e a senhora Alves chegava também a responder às vezes quando lhe perguntavam – como queria, ou –

para que servia o amigo? Sinhá ou o Juquinha eram sempre os que tomavam a direção do jogo. Encarregavam-se de fazer o *buquê da noiva* ou *senhor padre cura* e escolhiam a palavra que devia ser adivinhada. Quando vinha o momento de sentenciar as prendas, eram umas boas gargalhadas ruidosas. Por vezes apareciam castigos tão engraçados! A Senhora Alves tivera uma ocasião de fazer *meu Senhor Santo António*. O Juquinha sujeitara-se a servir de *banco de lavar roupa* e todos caíram-lhe em cima a esfregar os lençóis e batê-los nas suas costas. Quando alguém tinha de ir para a *berlinda*, choviam os ditinhos picantes, uns pedaços íntimos botados de repente à mostra, do que todos riam, a vítima a primeira. Era, enfim, uns grandes e bons prazeres com que eles matavam o tempo.

## CXX

**P**or um domingo desses, e sem mais preâmbulos, os dois pais entraram em considerações a respeito do casamento. Seu Sardinha achava-os ainda muito pequenos. Que eles podiam esperar mais um bocadinho! Mas o Alves teimava. Não queria também que a coisa se fizesse logo e logo. O filho, porém, formava-se no fim do ano e podia tomar estado. Já teria, então, um meio de vida! E para não perder tempo e entrar prontamente em ajustes, foi logo expondo a situação financeira. O Juquinha não tinha elementos para montar uma farmácia. Se o quisesse fazer por si, teria de tomar um associado que havia de absorver todos os lucros. Ao passo que o dinheiro vindo da mulher ficava tudo em casa. Convinha notar que não era necessário grandes quantias. Bastavam uns contos de réis!

À vista da feição que ia tomando a conversa, seu Sardinha achou prudente mandar as crianças para a sala de jantar a fim de poderem discutir o assunto mais à vontade e, quando os dois ficaram a sós com as esposas, e D. Perpétua e D. Joana, que tinham um voto consultativo naquele conselho de família, o Alves expôs novamente a situação e repetiu os argumentos empregados. D. Inácia estava por tudo. Ela gostava tanto do Juquinha! Quase que o vira nascer! Não punha dúvidas em entregar-lhe a filha! Em tudo isto, havia apenas uma coisa que a apoquentava – ter de abandoná-la! Mas lembraram-lhe logo que os noivos podiam muito bem ficar residindo ali mesmo. A casa tinha acomodações bastantes! E seu Sardinha propôs que ele e a esposa passassem para o quarto dos fundos e deixassem o da frente ao novo casal. Demais, acrescentava D. Perpétua, existia ali mesmo, na Rua Conde D’Eu, um pouco mais para as bandas de Catumbi, algumas farmácias com as quais se podia entrar em trato. Por sua parte, ela daria à afilhada uma apólice. Seu Sardinha, esse encarregava-se do resto. E assim ficaram todos acordes sobre este assunto.

## CXXI

**C**omeçaram, então, os grandes dias de noivado, que aliás pouco alteraram os hábitos de todo aquele mundo. O Juquinha continuava a vir todas as noites e a isolar-se a um canto da sala com Sinhá! Os dois faziam inúmeros projetos sobre a vida futura! A Sinhá sorria principalmente à promessa que arrancara do noivo, de ir com ele diversas vezes ao teatro. A menina tinha tanta vontade de assistir a uma representação! Diziam-lhe a respeito coisas tão miraculosas! E o Ju-

quinha prometera. Ele mesmo ignorando aquele pedaço da vida, com vontade de conhecê-lo, castelando-o através das conversas que ouvia aos amigos.

Durante o dia gastavam-se as horas no preparo do enxoval. Ainda tinham um ano diante de si, mas seu Sardinha queria fazer as coisas às direitas e com muita fartura. Tanto que chegara mesmo a retirar novecentos e tantos mil réis que tinha na Caixa Econômica. A filha havia de levar de um tudo, e D. Inácia, acompanhada pelas suas duas infatigáveis amigas e pela Ângela e Chiquinha, estava constantemente ocupada em cortar e coser camisas, saias, lençóis e fronhas. Era um não acabar. E a boa senhora levantava-se às vezes, dizendo que não tinha tempo para nada. Intimamente, porém, gostava daquilo, dessas grandes atarefações onde se lhe proporcionavam ocasiões de dar largas às suas tendências de mandona.

## CXXII

Tanto Sinhá falava em suas futuras idas ao teatro que seu Sardinha, para fazer-lhe desde já a vontade, planejou para o sábado levar todo o seu povo ao Santana. Como fosse véspera do domingo, poderiam na volta dormir à vontade, sem preocupações, até as tantas do dia. Os de casa eram três — ele, a mulher e a filha, o Juquinha — quatro, seu Alves — cinco. Ainda havia um lugar. Nem o Sr. Alves, nem D. Perpétua se animavam a este trabalho de viagens durante a noite. D. Joana era a única que estava no caso de acompanhá-los. E a boa senhora aceitou muito prazenteira esta oferta, lamentando somente que as

filhas não pudessem acompanhá-la, mas achando-as ainda muito crianças para isso.

Como chegassem cedo, tiveram de esperar meia hora até que principiasse o espetáculo. Dali do camarote onde já tinham se abancado, cada um procurando os seus cômodos, assistiram com crescente interesse àquele burburinhar de vida que ia subindo da platéia a encher-se lentamente. Para todos eles tratava-se de uma grande novidade, de uma sensação nunca experimentada. Faziam-se comentários a respeito. Sinhá examinava cuidadosamente as *toilettes* vistosas daquelas mulheres bonitas que falavam alto e tinham uns grandes movimentos, umas poses provocadoras. Adivinhava-as. Entusiasmava-se pela libré elegante da vida horizontal.

### CXXIII

**E**nfim subiu o pano. Representava-se o *Príncipe Topázio*. Ouvidos atentos, todos eles não tiravam os olhos do palco, presos da intriga, com vontades de lhe saber o desenlace. Achavam o Pollero muito bonito com aquela vestimenta de cetim branco bordado a ouro. Deram boas gargalhadas na cena dos chiliques. O Alves, sempre engraçado, perguntou a Sinhá se D. Inácia ainda não lhe tinha dado também semelhante lição. O que os preocupava sobretudo era o Vasques. Posto que nunca o tivessem visto representar conheceram-no logo pelos aplausos que recebia. Desde então, não puderam mais encará-lo sem dar estrondosas risadas. Sobretudo, quando a ingênua lhe disse que estava cansada de comer batata e que na véspera vira-o em sonho

com um presunto na mão, gostaram tanto da idéia e da cara que ele fez ao receber semelhante notícia, e deram tanta expansão à sua alegria que foi preciso um – psiu! da platéia para chamá-los à ordem.

O Juquinha, para se dar um aspecto de conquistador e de entendido na matéria, olhava principalmente para as atrizes. Vinham-lhe umas idéias meio extravagantes, uns desejos concupiscentes. Quando apareciam os coros, examinava-lhe as figuras, uma por uma.

De volta para casa, todos eram concordes em capitular a noite de muito divertida. Cada qual dizia as suas impressões, os pedacinhos de que mais tinha gostado. Reconstruíram-na pela em suas mais insignificantes minudências e Sinhá projetava, para quando fosse casada, outras noites como essa.

## CXXIV

**A**noitecia. No claro-escuro da rua ainda não iluminada, projetavam-se como duas fochas ardentes as luzes coadas pelas janelas. Envoltos pelos moleques curiosos que paravam na calçada a fim de ver a festa, estacionavam já dois carros. As parelhas brancas, ajazadas de metal a cintilar, rinchavam garbosamente batendo com as patas ferradas nos paralelepípedos, enquanto os cocheiros e lacaios passeavam pela venda da esquina as suas librés vistosas.

Lá dentro a sala enchia-se. Seu Sardinha e o Alves, paramentados nas casacas novas que tinham mandado fazer apressadamente para a solenidade, andavam de um para outro lado, inspecionando tudo, tratando de que nada faltasse ao brilhantismo da festa. Por vezes se en-

contravam. Eram, então, umas grandes e ruidosas manifestações de júbilo. Aquela idéia de casar os filhos parecia-lhes muito boa e sagaz. Comentava-na ainda. Parecia-lhes que essa amizade cimentada por vinte anos de viver lado a lado remoçava-se — espécie de velha construção que acabavam de rebocar.

A um canto, meio alegre e meio triste, na sua eterna clorose doentia, o Juquinha de cabelos frisados, o bigodinho retorcido, um tanto desajeitado na casaca nova, incomodado pelas botinas de verniz que lhe apertavam os pés, descalçando-as alternativamente, a mostrar as bonitas meias de fio de escócia. Junto a ele dois estudantes que acabavam de passar para o quarto ano, colegas de calouragem, que lhe haviam dedicado, desde o princípio da vida acadêmica, uma grande afeição.

## CXXV

**E**, enquanto na sala os homens matavam o tempo, um ruído surdo de farfalhar sedoso vinha do quarto próximo. Lá estavam todas. D. Inácia, D. Perpétua, a Sra. Alves, D. Joana, as filhas, a viúva Falcão, tia Prudência, a Ângela, a Catarina e até mesmo a Josefa, muito velha e acabada. Procedia-se ao vestuário de Sinhá! Todo aquele mundo parecia ter ido ali para ver pela última vez a menina que se ia, para cumprir pela primeira vez a mulher que se formava. Havia umas grandes emoções. D. Inácia chorava. O tempo escorria-se velozmente naquele desencontrado de opiniões, naquele antagonico de idéias. Apenas além, em frente ao toucador, Sinhá, o busto destacando-se senho-

rilmente, num leve palor a encerrar-lhe as faces, as narinas a titilar com a aproximação do momento decisivo de sua vida. Em torno dela, numa agitação febril, a contemplar aquela companheira sempre a primeira entre todas, ainda atualmente a primeira a ir desvendar os arcanos misteriosos do problema da vida, circulavam constantemente a Chiquinha, a Alice e a Elvira, a ajudarem-na no vestuário, a prestarem mil pequenos serviços, intimamente cheias de ciúmes, com vontades de substituí-la, cada uma pedindo que lhe guardasse o primeiro beijo e o primeiro botão da sua grinalda de noiva.

## CXXVI

**E**nfim, estava pronta. Acabavam de abotoar-lhe a última luva – umas luvas compridas de pelica branca que lhe subiam acima do cotovelo. Puseram-lhe o véu de gaze branca. A fronte engrinaldada pela coroa virginal, trazendo na esquerda o buquê de cravos brancos, Sinhá fez sua entrada na sala. Todos levantaram-se à sua chegada. Cumprimentavam-na. A longa fila de caudatários que acompanhava ia ao pouco e pouco enchendo o aposento, ocupando os lugares em torno do sofá no qual se sentara a noiva. Junto a ela, D. Joana, que devia servir-lhe de madrinha e que em atenção ao caso deixara por um dia os seus eternos vestidos pretos e aparecia agora muito bela, o decote a mostrar-lhe o colo esbelto de mulher bem feita. E outras, e outras, todas em grandes vestuários novos e vistosos, a formar um belo teclado de cores vivas e alegres.

Instintivamente os olhares volviam-se para Sinhá! Ela estava muito elegante, a despertar simpatias, poeticamente pálida. Por um requinte

de cor local, sombreara extraordinariamente os olhos para dar-se um aspecto sofredor. E, no meio de todas as homenagens que recebia daquela atmosfera de amores que a circundava, sentia subir-lhe ao cérebro, invadir o organismo inteiro uma sensação boa de triunfo. Pela imaginação esquentada deslizavam-lhe em vertiginosa galopada os episódios culminantes da vida. E ao fim, como numa visão fantástica, a realidade brutal. Ia casar-se! Dali em diante ia ser como as outras, poderia tomar parte nas conversas de que até então a exotavam. A si: a liberdade de realizar todos os seus sonhos, de ir muitas vezes ao teatro, todas as noites. E sentia-se grande e vitoriosa, cheia de si, triunfante na consagração final de sua vida de mulher!

## CXXVII

**A**lém, retirado naquele mesmo cantinho onde conversara havia pouco, onde se passaram os grandes momentos venturosos de sua vida de noivo, o Juquinha, numa alegria humilde, a desprender uns eflúvios de gozo que se perdiam na vastidão do nada. Também ele refletia sobre o seu passado, via-se criança a brincar com Sinhá; mais tarde moço repudiado e sofredor, vergado ao peso do guante de ferro com que o subjugara o pai; agora enfim! livre, a entrar para a existência, levando ao braço todos os seus amores e todas as suas aspirações. Absorto por este pensar fingia ouvir os amigos que aplaudiam-lhe a escolha, murmurando umas pilhérias canalhas, tratando-o de mangão, falando-lhe maliciosamente da noite que ia passar, daquela noite de noivado que eles não conheciam também.

## CXXVIII

Mais ia se fazendo tarde e lembraram a conveniência de seguirem para a igreja. À saída, na confusão de pessoas à busca de acomodação nos carros, o Martins recordou que quase todos os presentes, havia disso dezesseis anos, tinham também se dirigido juntos para a igreja. Tratava-se então do batizado de Sinhá. Agora ela casava-se. A vida era quilo mesmo! A gente nascia, batizava-se, casava-se... E houve uma longa reticência, um pensamento lúgubre a adejar por sobre aquele mundo alegre. Chegaria também o dia em que eles se reuniriam para acompanhar algum novamente à igreja. Mas esse não voltaria! De lá tomaria o caminho do cemitério! A vida era aquilo mesmo – nascer, crescer e morrer, os três grandes verbos que cada um conjuga em todas as suas desinências na grande aula do mundo, da qual sai-se, aliás, sem ter aprendido nenhum! E foi a soletrar intuitivamente estes versículos intangíveis, informulados dessa epopéia homérica da impotência humana, que eles entraram na sacristia por meio de fila de curiosos que estacionavam na porta.

Aquela casa cuja abóbada tão longínqua parecia pesar-lhes mais fortemente sobre as cabeças, o cheiro entorpecedor dos círios, o aparato solene da região, tudo carregava mais o quadro negro de tão tristes meditações. Quase todos sérios, num desprendimento de si mesmo o eu a alar-se para as regiões sem fim do desconhecido, eles ouviram a prédica do padre, aqueles grandes conselhos ortodoxos a caírem-lhe dos lábios untuosos. Os noivos titubeavam ao responderem às perguntas. Ajoelhada além, junto à D. Perpétua, D. Inácia procurava sufocar o pranto que lhe subia pelo peito acima.

CXXIX

Fez-se depois sem mais incidentes o resto da festa; houve ceia durante a qual os noivos ficaram em exposição à cabeceira da mesa. Depois os convidados, um a um, se foram retirando. Teve seu Alves para o filho uns abraços paternais estuando por uma vez só, longa e chorosamente, tudo quanto lhe ia de afeições. E depois, na sala deserta, genro e sogro quedavam-se a se entreolhar durante que a noiva se despia no quarto contíguo.

CXXX

Deixaram-na só. Ao partirem, a mãe e a madrinha murmuraram-lhe confusamente aos ouvidos umas coisas que já sabia, que já adivinhara.

Que necessidade tinha daqueles conselhos vagos e indefinidos, formulados a medo como quem limpa com o pé um pouco de porcaria e tem receio de sujar as botinas?! Sabia mais do que aquilo! E ria-se.

Em quadros largos, a galoparem-lhe pelo horizonte passava-lhe a vida inteira; — aqueles dezessete anos que vegetara ali, no seio da família, morno de felicidades mansas. Via-se: ainda pequena, nos eternos brinquedos com a Chiquinha; mais fortes, mais violentos, mais engraçados, nas ocasiões em que o Alves vinha visitar o pai e trazia o Juquinha e o Nhonhô. E recordou a cena dos cães pegados que eles tinham ido examinar de mais perto, na rua. Achava graça nesse rememorar. E ria-se.

Lembrou-se depois do tempo do colégio, daquelas boas conversas cochichadas aos cantinhos e das revelações brutais da Amélia a desvendarem-lhe os mundos sem fim do problema da vida! E ria-se.

Mais tarde sentira-se mulher, toda num batismo desse mar vermelho. Fora o seu primeiro triunfo, aquilo em nome do que estabelecera a sua supremacia entre as companheiras. Datara daí a sua vida! E ria-se.

E, nos últimos tempos: – todo aquele desfilar de namorados; requintes de deboche honesto; o que aprendera no *Confidente*; seu Antônio dando-lhe romances para ler; o rapaz do bonde que fora inesperadamente encontrar no baile; os passeios pela Rua do Ouvidor! E ria-se.

Agora estava casada! Dali em pouco iria completar o ser, rasgar o último véu de suas virgindades – aquele que ela conservava ainda! E ria-se.

Entretanto, a Chiquinha, que lhe ficara no quarto em umas últimas arrumações, postara-se-lhe defronte, a olhá-la, a olhá-la ciumentamente, com pelo rebrilho dos olhos uma interrogação.

Sinhá teve, então, mais um sorriso de triunfo e, aconchegando-se para os fundos da cama, gritou-lhe de lá:

– Eu te conto amanhã!

∞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT; NOTAS, 9/12 PT.

